

CRÔNICAS DE ELRIC

O IMPERADOR ALBINO

# Stormbringer



**MICHAEL MOORCOCK**

EDITADO POR EXILADO DE MARÍLIA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

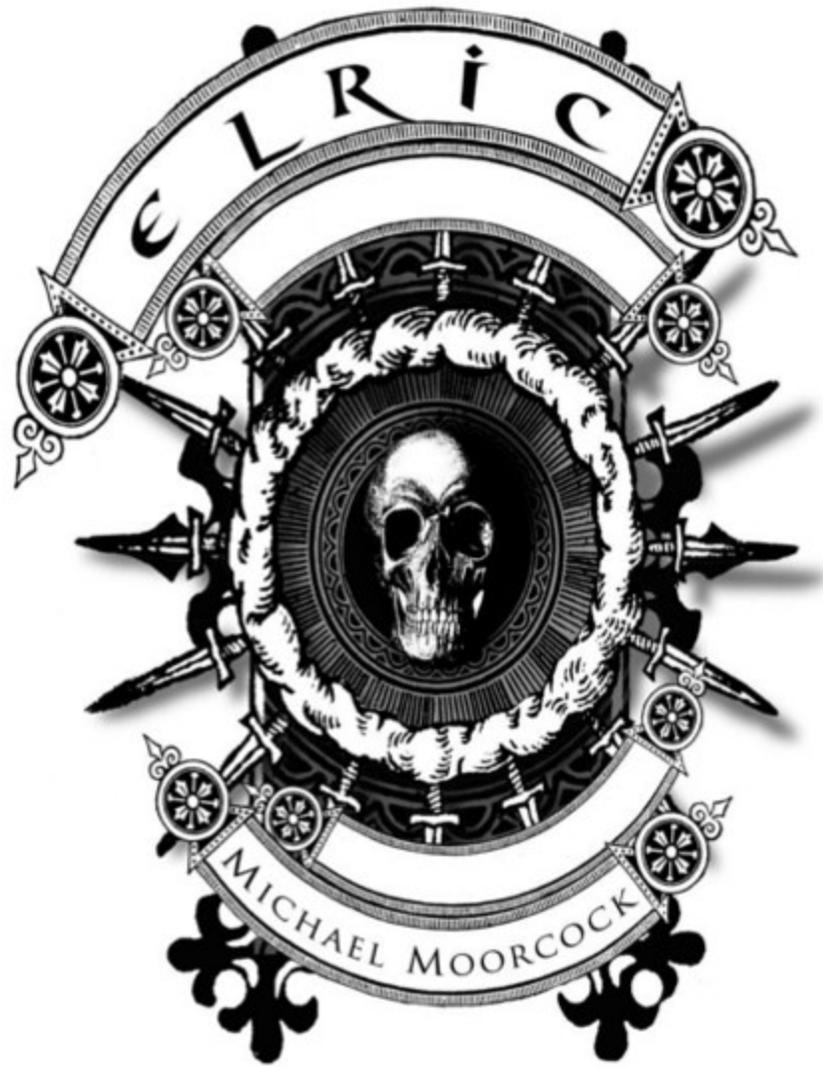
O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



Chico Mauro [chmauro@fortalnet.net.br](mailto:chmauro@fortalnet.net.br)

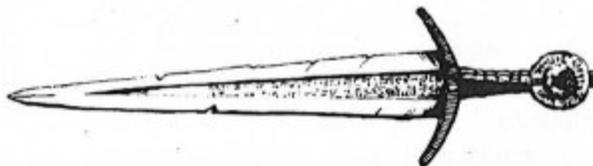




EXILADO DE MARÍLIA  
2011



## **PRIMEIRA PARTE**



### **O Advento do Caos**

*Durante dez mil anos floresceu o Império Brilhante de Melniboné. Dez mil anos antes de a História ser registrada ou dez mil anos depois que deixaram de ser compostas as crônicas, como se preferir. O Império de Melniboné governou o mundo por cem séculos, sem rival, e então, abalado por terríveis maldições, atacado por forças mais que funestas, também ele soçobrou.*

*E quando chegou essa época, turbou-se a face da Terra e agitaram-se os céus; a sorte dos Homens e dos Deuses foi talhada na forja do Destino; guerras monstruosas tiveram lugar e se realizaram façanhas prodigiosas. E quando chegou esse tempo, a chamada Era dos Jovens Reinos, muitos heróis surgiram. Entretanto, sobre todos eles sobressaiu-se Elric, o último soberano de Melniboné, aquele que brandia a Espada Negra de mágicos poderes.*

*Elric de Melniboné, altivo príncipe de ruínas, último monarca de uma raça moribunda! Feiticeiro e assassino de parentes, o destruidor de sua pátria, o albino de olhos escarlates que ignorava quão trágico era o destino que trazia dentro de si!*

-A Crônica da Espada Negra-

## *Capítulo 1*

Sobre as colinas ondulantes, grandes nuvens fizeram desabar sua carga e raios fulgurantes trespassaram o negror da noite, fendendo árvores e calcinando telhados.

A massa sombria da floresta agitou-se com o choque e dela emergiram seis figuras acorcundadas que fizeram uma pausa para contemplar, além dos outeiros, os contornos de uma cidade. Era uma cidade de muros robustos e agulhas esguias, de graciosas torres e cúpulas. E seu nome não era desconhecido daquele que conduzia as criaturas: era ela Karlaak do Deserto Plangente.

Não sendo natural, a borrasca prenunciava maus augúrios e gemia em torno da cidade de Karlaak enquanto as criaturas se esgueiravam pelos portões abertos e caminhavam, entre sombras, em direção ao elegante palácio onde Elric dormia. O líder do grupo ergueu um machado de ferro na mão retorcida. Os seres se detiveram, fitando um palácio amplo sobre uma colina cercada de jardins dos quais se exalavam langorosos perfumes. A terra tremeu quando um raio se abateu sobre ela e o trovão roncou no céu turbulento.

O Caos nos auxiliou nesta missão — sussurrou o líder. — Vejam, as sentinelas já caíram num torpor mágico e nossa entrada não será difícil. Os Senhores do Caos são bondosos com seus servos.

Dizia a verdade. Alguma força sobrenatural agira para que os guerreiros que guardavam o palácio de Elric estivessem prostrados ao chão. Os servos do Caos passaram furtivamente pelas inertes sentinelas, penetraram no pátio principal e dali foram ter ao interior do palácio. Sem hesitações, subiram sinuosas escadarias, caminharam silenciosamente por escuros corredores e chegaram afinal ao aposento onde Elric e sua mulher dormiam um sono intranquilo.

Ao tocar a porta do aposento, o líder do grupo ouviu uma voz forte que bradava dentro do cômodo: "O que acontece? Que coisas infernais

perturbam meu repouso? "

Ele nos vê! — murmurou assustada uma das criaturas.

Não — retrucou o líder — ele dorme, mas um feiticeiro como Elric não é levado ao torpor com tanta facilidade. Melhor será nos apressarmos e concluirmos logo a missão, pois se ele despertar mais difícil ela se tornará!

Empurrou a porta, já com o machado erguido. Um relâmpago varou novamente a noite, revelando o rosto alvo do albino, entre pelicas e sedas, junto ao de sua esposa, formosa mulher de cabelos negros.

No momento em que as criaturas penetraram no aposento, ele se ergueu no leito e seus olhos escarlates se abriram, fitando-as como se não as vissem. Por um instante, os olhos se embaçaram, mas então o albino obrigou-se a despertar, bradando:

Desaparecei, criaturas de meus sonhos!

O chefe praguejou e deu um salto para a frente, mas fora instruído para não matar aquele homem. Levantou o machado ameaçadoramente.

Silêncio! Teus guardas não podem ajudar-te!

Elric saltou do leito e agarrou o pulso da criatura, aproximando o rosto do focinho provido de presas. Devido ao seu albinismo, era fisicamente débil e só a magia lhe emprestava forças. Entretanto, tão rápido fora seu gesto que conseguiu arrancar o machado da mão da criatura, vibrando um golpe com o cabo entre seus olhos. Rosnando, ela caiu de costas, mas seus companheiros a socorreram. Havia cinco deles, com músculos descomunais retesados sob o couro de pêlos eriçados.

Elric abriu ao meio o crânio do primeiro, enquanto os outros se atiravam sobre ele. O sangue e os miolos esguicharam sobre seu corpo e ele arquejou, horrorizado com o fedor. Conseguiu livrar o braço e atirou o machado na clavícula de outra das criaturas. Sentiu porém as pernas serem agarradas e caiu, perplexo, mas prosseguindo o combate. Alguma coisa pesada se abateu então sobre sua cabeça e a dor o atordoou. Fez um esforço para se erguer, não conseguiu e desfaleceu.

Trovões e relâmpagos ainda agitavam a noite quando, com a cabeça latejando, ele voltou a si e se levantou lentamente, apoiando-se numa coluna do leito. Olhou pasmado em torno.

Zarozínia desaparecera. A única outra figura no aposento era o cadáver rígido da criatura que ele matara. Sua esposa, a formosa princesa de cabelos negros, tinha sido sequestrada.

Tremendo, chegou até a porta e a escancarou, chamando os guardas, mas nenhum deles lhe respondeu.

Sua espada mágica, *Stormbringer*, encontrava-se no arsenal da cidade, e demoraria a chegar às suas mãos. Com a garganta contraída de dor e cólera, percorreu os corredores e escadarias, entorpecido pela ansiedade, tentando apreender as implicações do desaparecimento de sua mulher.

Sobre o palácio ainda uivava a tempestade, sacudindo a noite. O palácio parecia abandonado e Elric sentiu-se subitamente sozinho. Mas ao sair correndo para o pátio principal, viu os guardas imóveis e compreendeu incontinenti que seu sono não podia ser natural. Começava a entender o que se passara, enquanto disparava pelos jardins, transpunha os portões e corria para a cidade, sem vislumbrar sinal dos sequestradores de sua mulher.

Para onde teriam ido?

Levantou os olhos para o céu tonitruante. O rosto branco e severo estava contorcido numa máscara de fúria impotente. Aquilo não fazia sentido. Por que a haviam tirado do palácio? Elric tinha inimigos, bem o sabia, mas nenhum que fosse capaz de mobilizar tal auxílio sobrenatural. Quem, além dele próprio, controlava essa magia poderosa que fazia os próprios céus se sacudirem e uma cidade adormecer?

Elric precipitou-se em direção à casa do Senhor de Voashoon, Senador Máximo de Karlaak, pai de Zarozínia, ofegando como um lobo. Bateu com os punhos na porta, gritando para os servos atoleimados.

Abram! Sou eu, Elric. Depressa!

As portas se abriram de par em par e ele as transpôs. O Senhor de Voashoon desceu a escada do salão aos tropeções, com o rosto ainda pesado de sono.

O que houve, Elric?

Chama teus guerreiros. Zarozínia foi sequestrada. Aqueles que a levaram eram demônios e talvez já estejam longe daqui neste momento... mas temos de procurar, pois é possível que se tenham evadido por terra.

O rosto do Senhor de Voashoon transfigurou-se e num instante ficou alerta, gritando ordens para os servos ao mesmo tempo em que escutava o relato de Elric a respeito dos acontecimentos.

E por isso tenho de penetrar na sala de armas — concluiu Elric. — Preciso de *Stormbringer*!

Mas se foste tu mesmo que renunciaste à espada por temer o poder maléfico que tinha sobre ti! — lembrou-lhe o Senhor de Voashoon

serenamente.

A resposta de Elric revelava impaciência.

Sim... mas renunciei à arma também por amor a Zarozínia. Para trazê-la de volta, preciso de *Stormbringer*. É simples questão de lógica. Rápido, dá-me a chave.

Silenciosamente, o Senhor de Voashoon trouxe a chave e conduziu Elric ao arsenal onde se encontravam as armas e as couraças de seus ancestrais, sem uso havia séculos. Pelo aposento empoeirado, Elric caminhou até uma câmara sombria que parecia conter algo vivo.

Percebeu um gemido surdo que vinha da grande espada negra de batalha, ao estender os dedos brancos e finos para pegá-la. Era pesada, feita para ser brandida com as duas mãos, de dimensões prodigiosas e ainda assim perfeitamente equilibrada, de cruzeta chata e lâmina polida e larga, medindo quase dois metros do punho à ponta. Junto ao punho estavam gravados sinais rúnicos místicos e nem Elric sabia inteiramente o que significavam.

Mais uma vez tenho de utilizar-te — disse ele, ao ajustar o cinturão na cintura — e devo concluir que estamos irremediavelmente unidos agora e que só a morte nos separará.

Ao mesmo tempo em que pronunciava essas palavras, deixava a sala de armas e retornava ao pátio, onde guardas montados já sofriam nervosos ginetes, à espera de suas instruções.

De pé diante deles, desembainhou *Stormbringer*, de modo que a negra e estranha radiação da espada criava como que uma fulguração em torno dele. Seu rosto branco, pálido como um osso descarnado, fitava os cavaleiros.

Ireis à caça de demônios esta noite. Procurai nos campos, vasculhai florestas e planícies em busca daqueles que afrontaram nossa princesa! Embora seja provável que seus sequestradores tenham lançado mão de meios sobrenaturais para escapar, nada sabemos com certeza. Por isso, procurai! E procurai bem!

Durante toda a noite tempestuosa eles procuraram, sem encontrar as criaturas ou a mulher de Elric. E quando raiou a madrugada, tingindo de sangue o céu da manhã, os homens retornaram a Karlaak, onde os aguardava Elric, já agora tomado pela vitalidade nigromântica que sua espada lhe transmitia.

Príncipe Elric! Devemos refazer nosso caminho e ver se a luz do dia nos revela uma pista? — indagou um deles.

Ele não te ouve — murmurou outro, enquanto Elric continuava impassível.

No entanto, Elric voltou o semblante marcado pela dor e disse soturnamente:

Não continuai. Tive tempo para meditar e sei que devo procurar minha esposa com o auxílio da magia. Dispersai. Nada podeis fazer agora.

Deixou-os então e regressou ao seu palácio, sabendo que ainda havia uma maneira de saber para onde Zaroziña fora levada. Era um método que ele detestava, mas que, em vista das circunstâncias, teria de utilizar.

Ao chegar, Elric ordenou secamente que todos deixassem sua alcova, trancou a porta e fitou o ser inanimado no chão. Seu sangue congelado ainda se encontrava nas veias rígidas, mas o machado com que fora morto havia sido levado pelos companheiros.

Elric preparou o corpo, esticando seus membros no chão. Vedou bem as janelas, de modo que nenhuma luz se infiltrasse no aposento, e acendeu um braseiro num canto, que se pôs a oscilar nas correntes onde estava pendurado, enquanto as labaredas dançavam. De uma pequena arca junto à janela, Elric tirou uma sacola de couro, contendo um molho de ervas secas que atirou ao braseiro. Logo se evolou um odor nauseabundo e o cômodo encheu-se de fumaça. Depois debruçou-se gravemente sobre o cadáver e começou a pronunciar um encantamento na antiga língua dos seus antepassados, os imperadores feiticeiros de Melniboné. O canto pouco se assemelhava à fala humana, subindo e descendo, indo de um langor profundo a um grito estridente.

O braseiro espargia uma luz rubra sobre o rosto de Elric e sombras espectrais dançavam no aposento. No chão, o corpo inanimado começou a mexer-se, a cabeça dilacerada movendo-se compassadamente. Elric sacou a espada mágica e colocou-a diante de si, empunhando-a com as duas mãos.

Levanta, homem sem alma! — ordenou.

Lentamente, com movimentos bruscos, o cadáver pôs-se de pé e apontou um dedo recurvado em garra para Elric, os olhos vítreos fitando o vazio.

Tudo isso — sussurrou — estava predeterminado. Não penses que podes fugir ao teu fado, Elric de Melniboné. Profanaste meu cadáver e sou uma criatura do Caos. Meus senhores me vingarão.

Como?

Teu destino já está traçado. Logo saberás.

Diz-me, por que vieste sequestrar minha mulher? Quem te enviou aqui? Para onde minha mulher foi levada?

Três perguntas, Príncipe Elric, que exigem três respostas. Sabes que os mortos soerguidos pela magia nada podem responder diretamente.

Sim, sei disso. Responde como puderes.

Então, ouve bem, pois só posso falar uma vez. Depois devo voltar ao reino das trevas para que meu ser possa aniquilar-se em paz. Ouve:

*"Para além do oceano trama-se uma batalha;*

*Para além da batalha correrá sangue.*

*Se o parente de Elric com ele se aventurar, (Portando a cópia fiel daquela que ele leva,) A um sítio onde, esquecido dos homens, Vive aquele que não deve nunca viver, Um acordo será então celebrado. E a esposa de Elric será restituída."*

Depois disso, a criatura caiu ao chão e imobilizou-se. Elric dirigiu-se à janela e abriu os postigos. Embora habituado a enigmáticos augúrios em verso, aquele era difícil de deslindar. Quando a luz do dia penetrou na alcova, as labaredas se extinguíram e a fumaça se dissipou. *Para além do oceano...* Havia muitos oceanos.

Elric reembainhou a espada mágica e subiu ao leito desfeito, a fim de deitar-se e meditar sobre a profecia. Afinal, após longos minutos de meditação, recordou-se de algo que escutara de um viajante que chegara a Karlaak vindo de Tarkesh, uma nação do Continente Ocidental, além do Mar Pálido.

O viajante lhe relatara que estavam para surgir litígios entre as terras de Dharijor e as outras nações do oeste. Dharijor violara tratados que havia assinado com os reinos vizinhos e firmara um novo pacto com o Teocrata de Pan Tang, uma ilha ímpia dominada por sua perversa aristocracia de bruxos-guerreiros. Sua capital, Hwamgaarl, era chamada a Cidade das Estátuas Uivantes, e até recentemente seus habitantes mantinham poucas relações com os povos de outras terras. Jagreen Lern era o novo Teocrata e mostrava ser homem ambicioso. Sua aliança com Dharijor só podia significar que desejava desfrutar de maior poder sobre as nações dos Jovens Reinos. O viajante informara que certamente as batalhas se travariam a qualquer momento, porquanto havia indícios claros de que Dharijor e Pan Tang haviam celebrado uma aliança bélica.

Agora, enquanto suas lembranças se concatenavam, Elric relacionou essa informação com as notícias recentes de que a Rainha Yishana, de Jharkor, um reino vizinho a Dharijor, recrutara os serviços de Dyvim Slorm e seus mercenários imrryrianos. E Dyvim Slorm era o único parente de Elric. Isso significava que Jharkor devia estar preparando-se para a guerra contra Dharijor. Os dois fatos estavam demasiado relacionados para que a profecia fosse ignorada.

Enquanto pensava no problema, ia juntando suas roupas e preparando-se para uma viagem. Nada restava a fazer senão ir a Jharkor rapidamente, pois ali certamente se encontraria com seu parente. E ali também em breve se travaria uma batalha, se todos os indícios fossem verazes.

No entanto, a perspectiva da jornada, que demoraria muitos dias, fazia com que uma dor gélida crescesse em seu peito, pois Elric pensava nas semanas por vir, e nas quais não saberia como estava sua mulher.

— Não é momento para pensar nessas coisas — se disse, ao fechar o negro casaco quadriculado. — Tudo que devo fazer neste instante é agir e bem depressa.

Ergueu a espada embainhada diante de si, fitando o espaço além dela. — Juro em nome de Arioch que os responsáveis por isto, sejam eles homens ou seres imortais, sofrerão as consequências de seu ato. Ouve-me, Arioch! Este é o meu juramento!

No entanto, suas palavras não tiveram resposta e ele percebeu que Arioch, seu demônio padroeiro, não o escutara ou não se deixara comover por suas palavras.

Logo depois, descia as escadas a passos largos, afastando-se da alcova carregada dos eflúvios da morte, e gritando por seu cavalo.

## Capítulo 2

Onde findavam o Deserto Suspirante e começavam as fronteiras de Ilmiora, entre as costas do Continente Oriental e as terras de Tarkesh, Dharijor e Shazar, situava-se o Mar Pálido.

Era um mar frio, um mar lúgubre e gélido, porém os navios preferiam atravessá-lo, para irem de Ilmiora a Dharijor, a enfrentar os perigos mais sinistros dos Estreitos do Caos, sacudidos por procelas eternas e habitado por malevolentes criaturas marinhas.

No convés de uma escuna ilmiorana se encontrava Elric de Melni-boné, envolto em sua capa, tremendo de frio e fitando taciturnamente o céu nublado.

O capitão, um homem atarracado, de olhos azuis e inflamados, dirigiu-se a ele com dificuldade pelo convés. Trazia nas mãos uma taça de vinho quente. Firmou-se agarrando uma enxárcia e estendeu a taça a Elric.

Obrigado — agradeceu o albino. Provou o vinho e perguntou: — Quanto tempo levaremos para tocar o porto de Banarva, capitão?

O capitão ajeitou a gola da jaqueta de couro em volta do rosto barbudo.

Estamos navegando devagar, mas devemos avistar a península de Tarkesh bem antes do poente. — Banarva ficava em Tarkesh e era um de seus principais portos mercantes. O capitão debruçou-se na amurada. — Fico a pensar por quanto tempo estas águas estarão livres à navegação, agora que rebentou a guerra entre os reinos do Ocidente. Tanto Dharijor como Pan Tang ganharam notoriedade no passado por suas atividades de pirataria. Logo as ampliarão, sob o pretexto de guerra, garanto.

Elric assentiu vagamente, com a mente posta em outras coisas, muito distantes de pirataria.

Ao desembarcar no porto de Banarva, quando caía a noite fria, Elric percebeu indícios claros de que a guerra ensombrecia as terras dos Jovens Reinos. Os boatos corriam à solta, não se falava de outra coisa senão de batalhas vencidas e guerreiros desaparecidos. De tudo quanto ouviu, nada

pôde juntar que definisse os rumos da guerra, mas sentiu que a batalha decisiva ainda não tinha sido travada.

Banarvanos loquazes lhe contaram que por todo o Continente Ocidental marchavam homens em pé de guerra. De Myyrrhn, soube, voavam os homens alados. De Jharkor, corriam contra Dharijor os Leopardos

Branco, a guarda pessoal da Rainha Yishana, enquanto Dyvim Slorm e seus mercenários partiam em direção ao norte, a fim de encontrá-los.

Dharijor era a nação mais poderosa do Ocidente e Pan Tang constituía um aliado formidável, menos por sua força numérica em homens do que pelo conhecimento das ciências ocultas de seus habitantes. Abaixo de Dharijor, em poderio, vinha Jharkor que, como seus aliados, Tarkesh, Myyrrhn e Shazar, não era tão forte quanto aqueles que ameaçavam a segurança dos Jovens Reinos.

Já há alguns anos Dharijor vinha buscando uma oportunidade para conquistas e a apressada aliança contra ela pretendia ser uma esforçada tentativa de detê-la antes que estivesse plenamente preparada para a guerra de conquista. Elric não podia saber se o esforço teria êxito e aqueles com quem conversava mostravam-se igualmente incertos.

As ruas de Banarva regurgitavam de soldados e tropas de cavalos e bois, transportando suprimentos. O porto encontrava-se apinhado de navios de guerra e era difícil encontrar alojamento, uma vez que a maioria das estalagens e muitas casas particulares haviam sido requisitadas pelo exército. O mesmo acontecia em todo o Continente Ocidental. Por toda parte, homens ajustavam couraças, montavam enormes corcéis de batalha, afiavam o gume de suas armas e cavalgavam sob reluzentes estandartes de seda rumo à carnificina e ao saque.

Indubitavelmente, refletia Elric, encontraria ali a batalha da profecia. Procurou esquecer sua ânsia por notícias de Zarozínia, e voltou os olhos soturnos para o poente. *Stormbringer* pendia como uma âncora do seu flanco e a acariciava sem cessar, com ódio, muito embora ela o alimentasse de vitalidade.

Pernoitou em Banarva e, logo pela manhã, alugou um magnífico cavalo, partindo pela pradaria mirrada em direção a Jharkor.

Era uma terra devastada pela guerra aquela por onde marchava Elric, com os olhos escarlates fulgindo com cólera feroz à vista da destruição indiscriminada que contemplava. Ainda que ele próprio tivesse vivido por muitos anos de armas na mão e houvesse cometido muitos atos de

assassínio, roubo e destruição, abominava a falta de sentido de guerras como aquela, movida por homens que matavam uns aos outros por motivos vaguíssimos. Não que ele se apiedasse dos mortos ou daqueles que os matavam; Elric estava por demais distante do comum dos mortais para se importar excessivamente com o que faziam. No entanto, à sua maneira atormentada, era um idealista que, por carecer ele próprio de paz e segurança, amargurava-se com as visões de luta que essa guerra lhe trazia. Seus ancestrais, sabia-o bem, também se alheavam, mas no entanto deleitavam -se com os conflitos dos homens dos Jovens Reinos, observando-os à distância e julgando-se acima de tais atividades, superiores ao lodçal de sentimentos e emoções no qual se debatiam esses novos homens. Durante dez mil anos os imperadores feiticeiros de Melniboné haviam governado este mundo, formando uma raça sem consciência ou código moral, desprezando motivações para seus atos de conquista, desdenhando dar explicações para as tendências malignas, que lhe eram inerentes. Elric, porém, o último da estirpe de imperadores, não se assemelhava a eles. Era capaz de crueldade e bruxedos maléficos e, conquanto infenso à misericórdia, era levado pelo amor e pelo ódio de modo mais violento que qualquer um dos seus ancestrais. E talvez fossem essas paixões frenéticas que o haviam levado a se despedir da pátria e vagar pelo mundo, a fim de se comparar com esses novos homens, uma vez que em Melniboné não encontrava ninguém que compartilhasse dos seus sentimentos. E tinham sido essas forças gêmeas, o amor e o ódio, que o tinham impelido a regressar a fim de se vingar de seu primo Yyrkoon, que fizera com que sua noiva, Cymoril, caísse num sono mágico, e que usurpara o trono de Melniboné, a Ilha dos Dragões, último território do desfeito Império Brilhante. Com ajuda de um bando de saqueadores, Elric arrasara Imrryr em sua vindita, destruía a Cidade Sonhadora e dispersara para sempre a raça que a fundara, de modo que os últimos sobreviventes eram agora mercenários que erravam pelo mundo, vendendo suas armas a quem pagasse melhor. Amor e ódio... Eram esses sentimentos que o haviam levado a matar Yyrkoon, que merecia a morte, e, involuntariamente, Cymoril, que não a merecia. Amor e ódio. Eram os mesmos sentimentos que o engolfavam agora, no momento em que uma fumaça acre lhe irritou a garganta e ele passou por um grupo de burgueses que fugiam com dificuldade da cidade, sem saber que rumo tomar, procurando escapar à última depredação da soldadesca dharijoriana, que havia penetrado fundo

naquela parte de Tarkesh, encontrando pouca resistência por parte dos exércitos do Rei Hilran de Tarkesh, cuja força principal encontrava-se mais no norte, aprestando-se para a grande batalha.

Agora Elric marchava junto aos Pântanos Ocidentais, perto da fronteira de Jharkor. Ali, em tempos mais bonançosos, viviam caçadores e agricultores. Agora, no entanto, as florestas estavam enegrecidas por incêndios e as colheitas arruinadas.

Sua jornada, célere pois ele não perdia tempo, conduziu-o através de uma das florestas queimadas, onde destroços de árvores lançavam silhuetas frias contra o céu cinzento e fervilhante. Ergueu o capuz sobre a cabeça, de modo que o tecido negro e pesado ocultasse inteiramente seu rosto, e prosseguiu a viagem. Um aguaceiro repentino desabou sobre os galhos nus das árvores, varrendo as planícies distantes, de maneira que o mundo parecia cinza e negro, embalado pelo constante e deprimente sibilar da chuva.

Foi então que, ao passar por uma choupana arruinada, que era em parte abrigo e em parte um buraco no chão, ouviu uma voz crocitante:

*Senhor Elric!*

Estupefato por ter sido reconhecido, Elric voltou o rosto lívido na direção da voz, puxando ao mesmo tempo o capuz para trás. À porta do tugúrio assomou um vulto esfarrapado, acenando-lhe. Atônito, Elric dirigiu o cavalo para o vulto, identificando-o como o de um ancião, ou talvez de uma anciã, não tinha certeza.

Sabes meu nome. Como?

Sois lendário nos Jovens Reinos. Quem não reconheceria esse semblante branco e a espada prodigiosa que portais?

Talvez seja verdade, mas tenho para mim que se trata de algo mais que reconhecimento casual. Quem és e como conheces a língua Alta de Melniboné? — Elric usava, deliberadamente, a áspera Língua Comum.

Deveis saber que todos quanto praticam a necromancia usam a Língua Alta daqueles que são os mestres insignes dessas artes. Dar-me-íeis a honra de vossa companhia por algum tempo?

Elric baixou os olhos para a choupana e fez que não com a cabeça. Mesmo no tempo da bonança, exigia sempre o melhor. O esfarrapado sorriu e curvou-se numa mesura zombeteira. Voltando à Língua Comum, disse:

Então, o poderoso senhor despreza honrar meu pobre lar. Mas, não terá, por acaso, se espantado de que o incêndio que lavrou nesta floresta ainda há pouco não me tenha feito mal?

Sim — concordou Elric, meditabundo. — É um enigma interessante.

O bruxo adiantou-se um passo.

Aqui estiveram soldados não faz um mês... e vinham de Pan Tang. Cavaleiros Demoníacos galopando ao lado de seus tigres caçadores. Saquearam a colheita e queimaram as florestas, para que aqueles que os afugentaram não pudessem comer caça ou frutos. Vivi nesta floresta toda minha vida, fazendo um pouco de magia e profecia para atender às minhas necessidades. Mas quando pressenti que as muralhas de fogo logo me engoliriam, invoquei o nome de um demônio que conheci... um ser do Caos, que ultimamente não ousava chamar, e ele veio.

"Salva-me", gritei. "E o que farias em troca? ", quis saber o demônio. "Qualquer coisa", disse. "Então, leva esta mensagem para meus senhores", disse ele. "Quando o assassino de parentes conhecido pelo nome de Elric de Melniboné passar por este caminho, diz-lhe que há um parente que ele não matará e que será encontrado em Sequaloris. Se Elric amar sua esposa, desempenhará seu papel. Se o representar bem, a mulher lhe será devolvida". Por isso, gravei a mensagem na memória e agora dou-a a ti como jurei fazer.

Obrigado — disse Elric. — Mas o que deste em troca do poder de contar com tal demônio?

Ora, a alma, é claro. Mas era uma alma velha e de pouca valia. O inferno não poderia ser pior do que esta existência.

Então por que não te deixaste morrer queimado, com a alma intacta?

Quero viver — respondeu o maltrapilho, voltando a sorrir. — Ah, a vida é boa. Minha própria vida talvez seja sórdida, mas o que amo é a vida que vejo em torno de mim. Porém não quero deter-te, senhor, pois tens assuntos mais graves de que te ocupares.

Mais uma vez o maltrapilho curvou-se zombeteiramente, enquanto Elric prosseguia viagem, admirado, mas encorajado. Sua mulher ainda vivia e estava em segurança. Contudo, que acordo deveria ele aceitar antes de tê-la de volta?

Irado, pôs o cavalo a galopar, dirigindo-se a Sequaloris, em Jharkor. Às suas costas, em meio à chuva estrepitosa, ouviu um riso a um só tempo escarnekedor e tristonho.

Agora seu rumo não era tão vago e ele galopava velozmente, mas com cuidado, evitando os bandos nômades de invasores, até que por fim as planícies áridas cederam lugar aos trigais mais luxuriantes da província de Sequa, em Jharkor. Depois de mais um dia de viagem, Elric entrou na pequena cidadela de Sequaloris, que até então não fora atacada. Ali soube de preparativos para a guerra e ouviu notícias que lhe interessaram ainda mais.

Os mercenários imrryrianos, chefiados por Dyvim Slorm, primo de Elric e filho de Dyvim Tvar, seu velho amigo, deveriam chegar no dia seguinte a Sequaloris.

Existia uma certa inimizade entre Elric e os imrryrianos, uma vez que o albino tinha sido a causa direta de terem sido forçados a deixar as ruínas da Cidade Sonhadora e viver como mercenários. Entretanto, esses tempos já iam distantes e em duas ocasiões anteriores ele e os imrryrianos haviam combatido do mesmo lado. Elric era o líder por direito e os laços da tradição eram fortes na raça antiga. Elric orou a Arioach, pedindo que Dyvim Slorm tivesse alguma pista do paradeiro de sua mulher.

No dia seguinte, ao meio-dia, o exército mercenário entrou orgulhosamente na cidade. Elric foi recebê-lo perto da porta da cidade. Os guerreiros imrryrianos achavam-se evidentemente fatigados de uma longa viagem e vinham carregados de despojos, uma vez que antes de Yishana os convocar, tinham estado a realizar incursões de saque em Shazar, perto dos Pântanos da Bruma. Aqueles imrryrianos eram diferentes de qualquer outra raça, com seus rostos cônicos, olhos oblíquos e maxilares salientes. Eram pálidos e magros e os cabelos macios caíam-lhes até os ombros. O vestuário que usavam não era roubado, mas de corte e desenho caracteristicamente melniboneano: tecidos reluzentes, dourados, azuis e verdes, peças de metal de fino labor e complicado desenho. Portavam lanças longas e espadas delgadas. Montavam arrogantemente, convencidos de sua superioridade sobre todos os demais mortais e, tais como Elric, não eram inteiramente humanos em sua etérea beleza.

Elric apressou-se a ir ter com Dyvim Slorm e suas roupas austeras contrastavam com as deles. Usava uma jaqueta preta de couro forrado e gola alta, presa por um cinturão largo e liso, do qual pendiam um punhal e *Stormbringer*. Seus cabelos leitosos eram presos sobre os olhos por um aro de bronze negro. Os calções e as botas eram também negros. Toda essa

pretidão fazia com que se destacassem a pele alva e os olhos fulgentes e carmezins.

Dyvim Slorm cumprimentou-o do alto da sela, com uma mesura, demonstrando pouca surpresa.

Primo Elric! Quer dizer que o augúrio era verdadeiro!

Que augúrio, Dyvim Slorm?

O de um falcão... Se bem me lembro, teu pássaro.

Os melniboneanos mantinham uma tradição de identificar os recém-nascidos com pássaros. O pássaro escolhido para Elric tinha sido o falcão, pássaro caçador de presa.

Que te disse ele, primo? — indagou Elric ansiosamente.

Foi uma estranha mensagem. Mal havíamos deixado os Pântanos da Bruma, ele veio e pousou em meu ombro, falando na língua dos homens. Disse-me que viesse a Sequaloris, onde eu me encontraria com meu rei. Daqui, deveríamos viajar juntos para nos unirmos ao exército de Yishana. Disse ainda que a batalha, perdida ou vencida, resolveria o rumo de nossos destinos, unidos daí em diante. Entendes o que significa isto,

primo?

Um pouco — respondeu Elric, franzindo o cenho. — Mas vem comigo. Reservei um lugar para ti na hospedaria. Contar-te-ei tudo que sei enquanto bebemos vinho, se conseguirmos encontrar um vinho decente neste fim de mundo. Preciso de ajuda, primo. O máximo de ajuda que puder obter, pois Zározínia foi sequestrada por forças sobrenaturais e tenho a impressão de que tanto isto como as guerras não passam de dois elementos num plano funesto muito maior.

Então, corramos à hospedaria. Minha curiosidade foi despertada e as coisas estão ficando mais interessantes. Primeiro, falcões e augúrios, agora sequestros e guerras! O que mais não estará para acontecer?

Com os imrryrianos seguindo-os pelas ruas pavimentadas, totalizando não mais de uma centena de guerreiros, embora endurecidos por sua vida afanosa, Elric e Dyvim Slorm dirigiram-se para a hospedaria. Ali chegando, Elric não perdeu tempo em contar em linhas gerais tudo quanto sabia.

Antes de responder, seu primo bebericou o vinho e depôs cuidadosamente a taça sobre a mesa, comprimindo os lábios. — Algo me diz que não passamos de títeres numa luta entre os deuses. Apesar de sermos feitos de sangue, de carne e de termos vontades, nada percebemos do conflito maior, a não ser alguns pormenores esparsos.

Talvez tenhas razão — replicou Elric com impaciência —, mas estou furioso por ter sido envolvido nisso que chamas de luta entre os deuses e exijo a libertação de minha mulher. Não consigo imaginar por que razão nós dois, juntos, devemos fazer uma barganha para tê-la de volta, nem imagino o que possa ser que possuímos e que seus raptos ambicionam. Entretanto, se os augúrios são mandados pelos mesmos agentes, nesse caso seria melhor que agíssemos como determinam, até que possamos ver a situação com mais clareza. Depois, talvez, poderemos agir conforme nossa própria vontade.

Tens razão — concordou Dyvim Slorm — e estou a teu lado no que decidires. — Sorriu ligeiramente e acrescentou: — Tenho de estar, queira ou não, é o que parece.

Onde se encontra o exército principal de Dharijor e de Pan Tang? — indagou Elric. — Ouvi dizer que estava em marcha.

Já está bem perto. A próxima batalha decidirá quem governará as terras do Ocidente. Estou comprometido com a facção de Yishana, não só porque nos empregou para ajudá-la, mas também porque creio que se os perversos senhores de Pan Tang dominarem estas nações, elas serão tomadas pela tirania e ameaçarão a segurança de todo o mundo. É triste para um melniboneano ter de levar em consideração estes problemas. — Dyvim Slorm sorriu ironicamente. — Além do mais, não gosto deles, desses arrivistas feiticeiros... desejam imitar o Império Brilhante.

Sim — concordou Elric. — Eles formam uma cultura insular, como foi a nossa. São feiticeiros e guerreiros, como nossos antepassados o foram. Entretanto, a magia que praticam é menos salutar do que a nossa possa ter sido em qualquer época. Nossos ancestrais podem ter cometido atos horripilantes, mas eram-lhe naturais. Esses adventícios, mais humanos do que nós, subverteram sua humanidade, ao passo que nós nunca a possuímos no mesmo grau. Jamais haverá outro Império Brilhante, nem o poder deles poderá durar mais do que dez mil anos. Estamos vivendo uma nova época, Dyvim Slorm, em mais de um sentido. O tempo da magia sutil está chegando ao fim. Os homens começam a descobrir novos meios de controlar as forças naturais.

Nosso conhecimento é tão antigo — assentiu Dyvim Slorm — e, no entanto, tão ultrapassado que possui pouca relação com os fatos presentes. Nossa lógica e nossa sabedoria eram adequadas ao passado...

Creio que estás certo no que dizes — falou Elric, cujas emoções confusas não se ajustavam nem ao passado, nem ao presente, nem ao futuro. — É verdade, convém que sejamos seres errantes, pois não temos lugar neste mundo.

Beberam em silêncio, soturnamente, a filosofar. Entretanto, apesar de tudo isto, os pensamentos de Elric sempre voltavam a Zarozínia e ao medo do que lhe poderia ter acontecido. A inocência daquela moça, sua vulnerabilidade e juventude tinham sido, pelo menos até certo ponto, a salvação dele. Sua vontade de protegê-la contribuía para evitar que ele conjecturasse profundamente demais a respeito de sua própria vida condenada e a companhia dela minorara sua melancolia. Os estranhos versos pronunciados pela criatura que ele matara em seu quarto persistiam em sua memória. Sem nenhuma dúvida, os versos se referiam a uma batalha, como também falara de uma batalha o falcão visto por Dyvim Slorm. A batalha era decerto a que se preparava entre as forças de Yishana e as de Sarosto de Dharijor e de Jagreen Lern de Pan Tang. Para que pudesse reencontrar Zarozínia, teria de marchar ao lado de Dyvim Slorm e participar do combate. Embora pudesse vir a perecer, achava que devia cumprir o que determinavam os oráculos. De outra forma, não teria a menor possibilidade de sequer contemplar Zarozínia outra vez. Elric voltou-se para o primo.

Estarei a teu lado amanhã e usarei minha espada na batalha. Seja como for, acredito que Yishana precisará de todo guerreiro com que possa contar contra o Teocrata e seus aliados.

Dyvim Slorm concordou.

Não só nosso próprio destino pessoal, mas o destino de nações inteiras estará em jogo...

## Capítulo 3

Dez homens de medonha aparência conduziam seus coches amarelos por uma montanha negra que expelia labaredas azuis e rubras, sacudindo-se num espasmo de destruição.

À toda volta do globo, as forças na natureza achavam-se desordenadas e em rebelião. Embora poucos o percebessem, a terra passava por uma transformação. Mas os Dez sabiam porque aquilo estava acontecendo, como sabiam de Elric e de que maneira seu conhecimento se relacionava com ele.

A noite tinha uma tonalidade púrpura esmaecida e o sol jazia suspenso como um globo sanguinolento sobre as montanhas, pois o verão ia adiantado. Nos vales, a lava fumegante era arremessada contra as coberturas de palha das choupanas, fazendo-as arder.

No coche que encabeçava a fila, Sepiriz via os aldeões correndo, uma chusma em fuga desabalada, como formigas espavoridas. Voltou-se para o homem de armadura azul às suas costas e seu rosto abriu-se num sorriso quase alegre.

Vê como correm — disse. — Vê como correm, irmão! Ah, que felicidade, que forças titânicas estão a agir!

Foi ótimo que despertássemos num momento desses — concordou o irmão, gritando para se fazer ouvir sobre os estampidos do vulcão.

O sorriso então fugiu dos lábios de Sepiriz e seus olhos se estreitaram. Chicoteou a parelha de cavalos com o látigo de couro de boi, fazendo com que as ilhargas dos gigantes corcéis negros se manchassem de sangue. Os animais galoparam ainda mais velozmente montanha abaixo.

Na aldeia, um homem enxergou os Dez à distância e bradou, advertindo com temor:

O fogo afugentou-os da montanha. Escondam-se, fujam! Os homens da montanha despertaram... estão vindo. Os Dez despertaram conforme a profecia... é o fim do mundo!

A montanha vomitou, então, mais rochas flamejantes e lava derretida e o homem foi derrubado, morrendo em meio a gritos lancinantes. Morreu em vão, pois os Dez não tinham nenhum interesse por ele ou por seus companheiros.

Sepiriz e seus irmãos atravessaram a aldeia sem diminuir a correria. As rodas dos coches estralejavam no calçamento e os cascos dos cavalos arrancavam faíscas.

Por detrás deles, a montanha fazia-se em pedaços.

— A Nihrain! — bradou Sepiriz. — Depressa, irmãos, pois temos muito o que fazer. É preciso arrancar uma espada do Limbo e encontrar um par de homens que a levam a Xanyaw!

A alegria transbordava em seu peito, ao ver a terra tremer e ouvir o jorro de fogo e de pedras às suas costas. Seu corpo negro fulgia, refletindo as chamas das casas incendiadas. Os cavalos lançavam-se à frente, arrastando o coche aos pinotes, os cascos mal tocando o solo, como se voassem.

E talvez o fizessem, pois se sabia que os cavalos de Nihrain eram diferentes dos comuns.

Ora saltavam sobre um desfiladeiro, ora embrenhavam-se por um passo na montanha, disparando rumo ao Abismo de Nihrain, o lar ancestral dos Dez, que ali não voltavam havia dois mil anos.

Sepiriz riu novamente. Ele e seus irmãos tinham sobre si uma enorme responsabilidade, pois embora não os movesse qualquer lealdade a homens ou deuses, eram eles os porta-vozes do Destino e por isso era opressivo o conhecimento que guardavam em seus crânios imortais.

Durante séculos haviam dormido na câmara da montanha, vivendo bem junto do seio em repouso do vulcão, uma vez que extremos de calor e de frio pouco os incomodavam. Mas agora o jorro de lava os despertara e eles sabiam que havia chegado sua hora: o momento que aguardavam há séculos, há milênios.

Era por isso que Sepiriz cantava de alegria. Enfim ele e seus irmãos poderiam cumprir sua última função. E a tarefa envolvia dois melniboneanos, os dois membros sobreviventes da Linhagem Real do Império Brilhante.

Sepiriz sabia que estavam vivos. E tinham de estar, pois sem eles se tornaria impossível o desígnio do Destino. Entretanto, havia na face da terra, Sepiriz também sabia, aqueles que tinham a faculdade de lograr o Destino, tão grande era seu poder. Seus servos se encontravam em toda

parte, principalmente entre a nova raça de homens, mas duendes e demônios também os serviam.

Isso fazia com que se tornasse mais difícil a tarefa que Sepiriz tomara a si.

Agora, porém... a Nihrain! À cidade escavada na rocha, para ali puxar os cordéis do destino e com eles tecer uma rede mais fina. Restava ainda algum tempo, mas este fugia. E o tempo, esse desconhecido, a tudo governava...

Os pavilhões da Rainha Yishana e de seus aliados agrupavam-se densamente em torno de uma série de pequenas colinas verdes. As árvores serviam para ocultá-los à distância, mas estavam proibidas as fogueiras que revelassem sua posição ao inimigo. Além disso, o grande exército fazia o mínimo de barulho possível. Cavaleiros chegavam e partiam, informando sobre as posições do inimigo e vigiando sem cessar a possível presença de espiões.

Entretanto, ninguém opôs resistência à chegada de Elric e seus imr-ryrianos, pois os albinos e seus homens eram facilmente reconhecíveis e era notório que os temidos mercenários melniboneanos haviam escolhido o lado de Yishana.

Ao se aproximarem, Elric falou com Dyvim Slorm:

Convém que eu apresente meus respeitos à Rainha Yishana, devido aos antigos laços que nos ligam, mas não quero que ela saiba do desaparecimento de minha mulher. Do contrário, ela poderá tentar reter-me. Diremos simplesmente que viemos ajudá-la por amizade.

Dyvim Slorm concordou e Elric deixou o primo incumbido de preparar o acampamento, enquanto se dirigia imediatamente à tenda de Yishana, onde a alta rainha o esperava com impaciência.

Yishana tinha uma expressão neutra quando ele entrou. Era uma mulher robusta, dona de um rosto sensual que começava a mostrar sinais de envelhecimento. Os cabelos eram longos e caíam em ondas sedosas. Um busto forte e quadris mais largos do que Elric lembrava, completavam-lhe a figura. Estava sentada num coxim e sobre a mesa diante dela espalhavam-se mapas, materiais de escrita, pergaminhos, tinta e penas.

Bom dia, lobo — disse ela, com um ligeiro sorriso ao mesmo tempo sardônico e provocante. — Minhas sentinelas avisaram que já te aproximavas com tua gente. Foi bom que viesses. Deixaste tua nova esposa para voltar a prazeres mais sutis?

Não — respondeu.

Despiu a pesada capa de montar e a atirou sobre um banco.

Bom dia, Yishana. Não mudas! A mim parece que Theleb K'aarna, teu amante feiticeiro de Pan Tang, deu-te a beber das águas da Vida Eterna antes de morrer em minhas mãos.

Quem sabe? Como vai teu casamento?

Muito bem — respondeu ele, sentindo o calor que emanava do corpo da mulher.

O que me deixa desapontada — comentou ela com ironia, dando de ombros.

Haviam sido amantes em duas ocasiões diferentes, apesar de Elric ter sido parcialmente responsável pela morte do irmão dela durante o ataque a Imrryr. A morte de Darmit de Jharkor fizera com que ela ascendesse ao trono e, sendo mulher ambiciosa, não recebera a notícia com muita mágoa. Entretanto, Elric não tinha nenhum desejo de reatar a ligação.

Expôs imediatamente a questão da batalha iminente.

Pelo que vejo, tu te preparas para algo mais que uma escaramuça — disse. — De que forças dispões e quais são tuas possibilidades de vitória?

Há meus próprios Leopardos Brancos — informou ela. — Quinhentos guerreiros escolhidos a dedo, que correm velozes como cavalos, que são fortes como gatos monteses e ferozes como tubarões sedentos de sangue... São treinados para matar e matar é tudo quanto sabem fazer. Além deles, há minhas outras tropas, infantes e cavaleiros, comandados por cerca de oitenta Senhores. Os melhores cavaleiros são os de Shazar: galopam como loucos, mas são guerreiros hábeis e disciplinados. Tarkesh enviou menos homens, mas entendo que o Rei Hilran precisa defender suas próprias fronteiras do sul contra um ataque maciço. Entretanto, há quase mil e cinquenta infantes e aproximadamente duzentos cavaleiros de Tarkesh. Ao todo, podemos pôr em campo cerca de seis mil guerreiros treinados. Servos, escravos e gente dessa laia também lutarão, mas é claro que só servirão para enfrentar o morticínio inicial e morrerão no começo da batalha.

Elric assentiu. Aquela era a tática militar comum.

E o inimigo?

Temos superioridade numérica, mas dispõem dos Cavaleiros Demoníacos e dos tigres caçadores. Há também alguns animais que mantêm em jaulas, mas não sabemos do que se trata, pois as jaulas estão cobertas.

Ouvi dizer que os homens alados de Myyrrhn estão a caminho daqui. Deve haver um motivo bem importante para que abandonem seus altos ninhos.

Se perdermos essa batalha — falou Yishana gravemente — o Caos poderá apoderar-se facilmente da Terra e dominá-la. Todos os oráculos, daqui a Shazar, dizem a mesma coisa, que Jagreen Lern não passa de instrumento de senhores menos naturais, que é auxiliado pelos Príncipes do Caos. Não estamos lutando apenas por nossas terras, Elric, estamos lutando pela raça humana!

Então, só resta esperar que vençamos — disse ele.

Elric acompanhou os capitães enquanto inspecionavam o exército que se aprestava. A seu lado estava Dyvim Slorm, com a camisa dourada a esvoaçar sobre o torso esguio, e com um ar de arrogante confiança. Havia ali também soldados duros, veteranos de muitas campanhas menores. Homens baixos e escuros de Tarkesh, protegidos por grossas couraças e que traziam os cabelos e as barbas negras bem untadas. Haviam chegado os homens alados de Myyrrhn, seminus, com olhar sorumbático e faces aquilinas, as grandes asas dobradas às costas. Eram homens graves e serenos, que pouco falavam. Os comandantes shazarianos estavam também ali, vestindo gibões cinzentos, marrons e negros, e portando couraças de bronze cor de ferrugem. Com eles se encontravam o comandante dos Leopardos Brancos de Yishana, um homem corpulento e de pernas longas, com os cabelos louros atados num nó atrás do pescoço taurino, o escudo de prata marcado com o brasão de um leopardo, albino como Elric, barulhento e sardónico. Aproximava-se o momento da batalha...

Agora, na madrugada cinzenta, os dois exércitos avançavam, um em direção ao outro, vindos das duas extremidades de um largo vale, ladeado por colinas baixas e cobertas de bosques.

O exército de Pan Tang e de Dharijor, como um rio de metal escuro, rolava lentamente pelo vale. Elric, ainda sem sua couraça, observava-lhe a aproximação, com o cavalo escavando a grama. A seu lado, Dyvim Slorm apontou e disse:

— Olha! Lá estão os culpados: Sarosto à esquerda e Jagreen Lern à direita!

Os líderes conduziam seu exército, com bandeiras de seda escura esvoaçando sobre os elmos. O Rei Sarosto e seu magro aliado, o aquilino Jagreen Lern, metido numa armadura escarlate que parecia aquecida ao

rubro. Talvez estivesse mesmo. Em seu elmo havia gravada a Crista de Tritão de Pan Tang, pois ele afirmava estar ligado pelo sangue ao povo do mar. A armadura de Sarosto era de um amarelo fosco e mortiço, ornada com a Estrela de Dharijor, cruzada pela Espada Fendida, cuja história afirmava haver pertencido a Atarn, o Construtor de Cidades, ancestral de Sarosto.

Atrás deles, facilmente visíveis, vinham os Cavaleiros Demoníacos de Pan Tang, montados nos répteis de seis pernas dos quais se dizia serem gerados por bruxaria. Corpulentos e com os rostos angulosos exprimindo profunda gravidade, portavam nos cintos sabres longos e recurvados, desembainhados. Vagueando por entre eles vinha mais de uma centena de tigres caçadores, treinados como cães e cujas presas e garras eram capazes de despedaçar um homem num instante. Na retaguarda do exército em marcha, Elric avistava os topos dos misteriosos vagões-jaulas e imaginava que feras horrendas poderiam ocultar.

Yishana gritou uma ordem.

As setas dos arqueiros espalharam-se como uma negra nuvem sibilante sobre eles, enquanto Elric descia a colina, conduzindo a primeira linha de infantaria para bater-se com a vanguarda do exército inimigo. Irritava-o o fato de ser compelido a arriscar a vida, mas para que pudesse descobrir o paradeiro de Zározínia, tinha de desempenhar o papel que lhe estava reservado e rezar para que sobrevivesse.

A força principal da cavalaria seguiu-se à infantaria, com ordens de cercar o inimigo, se possível. De um lado, situavam-se os imrryrianos, com seus trajes extravagantes, e os shazarianos, com as couraças cor de bronze. Pelo outro lado, galopavam tarkeshitas, com seus escudos azulados e reluzentes penachos vermelhos, roxos e brancos, enristando as compridas lanças, e também jharkorianos, com suas couraças douradas, de espadas já desembainhadas. Ao centro da falange avançada de Elric, iam os Leopardos Brancos de Yishana, enquanto a própria rainha avançava sob seu pavilhão, atrás da primeira falange, encabeçando um batalhão de cavaleiros.

Ao se aproximarem, céleres, do inimigo, as setas destes elevaram-se ao céu para depois cair sobre escudos ou penetrar em carne.

Então vibraram no ar da madrugada os brados de guerra, quando os combatentes se encontraram.

Elric viu-se face a face com Jagreen Lern, e o Teocrata aparou o golpe da *Stormbringer* com um pequeno escudo rutilante que o protegeu com êxito, o que demonstrava que fora preparado para enfrentar armas mágicas.

A face de Jagreen Lern contorceu-se num rictus de crueldade ao reconhecer Elric.

Soube que estarias aqui, Albino. Sei quem és, Elric, e conheço teu destino!

Ao que parece, há muita gente que conhece meu destino melhor que eu — replicou o senhor de Melniboné. — Mas, diz, Teocrata, se eu te ferir mortalmente poderei arrancar-te o segredo antes que morras?

Ah, isso não! Isso não está nos planos dos meus senhores.

Bem, talvez esteja nos meus!

Elric vibrou outro golpe contra Jagreen Lern, porém a espada foi novamente desviada, gritando sua fúria. Sentiu-a mover-se em sua mão, pois *Stormbringer* era meio sensitiva. Sentiu-a pulsar de tristeza, pois normalmente a arma, forjada por forças infernais, era capaz de atravessar o metal, por mais temperado que fosse.

A mão direita de Jagreen Lern, enluvada, brandia um pesado machado de guerra, com o qual golpeou a cabeça desprotegida do cavalo de

Elric. Era estranho que assim procedesse, pois estava em condições de atacar o próprio Elric. O albino puxou a cabeça de sua montaria para o lado, evitou o golpe e atirou uma estocada contra o peito do Teocrata. A espada enfeitiçada soltou um urro ao falhar na tentativa de perfurar a couraça. A acha de guerra rodou novamente no ar e Elric levantou sua espada para se proteger. Para sua estupefação, porém, ele foi atirado para trás na sela pela força do golpe, mal podendo controlar o cavalo, pois um pé havia-se soltado do estribo.

Jagreen Lern atacou outra vez e conseguiu rachar o crânio do cavalo de Elric, que caiu sobre as patas dianteiras, morrendo em meio a um jorro de sangue e miolos.

Atirado ao chão, Elric pôs-se dificilmente de pé e preparou-se para o golpe seguinte de Jagreen Lern. Para sua surpresa, porém, o rei-feiticeiro afastou-se e se dirigiu para o aceso do combate.

Infelizmente, não cabe a mim tirar tua vida, Albino! Isto é prerrogativa de poderes mais altos. Mas se viveres e formos os vitoriosos... eu te procurarei, talvez.

Incapaz, em seu ofuscamento mental, de entender o que ele queria dizer com isto, Elric olhou desesperado à sua volta, em busca de outro cavalo e avistou uma montaria dharijoriana, com a cabeça e o quarto dianteiro bem protegidos por uma denteada couraça negra, que fugia da luta, à solta.

Sem perder tempo, Elric pulou e conseguiu agarrar a rédea, imobilizou o animal, pôs o pé no estribo e saltou sobre a sela, desconfortável para um homem que não estivesse com armadura. Firmando-se nos estribos, Elric retornou à batalha.

Abriu caminho por entre os nobres inimigos, ora decepando a cabeça de um dos Cavaleiros Demoníacos, ora derrubando um tigre caçador que saltava sobre ele com as presas à mostra, aqui um comandante dharijoriano de vistosa armadura, ali dois infantes que o agrediam a alabarda. Seu cavalo empinava como um monstro e, levado pelo desespero, Elric forçou sua aproximação do estandarte de Yishana até conseguir avistar um dos arautos.

O exército de Yishana lutava bravamente, mas sua disciplina fora por água abaixo. Cumpria reagrupá-lo a fim de lhe injetar ânimo novo.

*Chama a cavalaria!* — bradou Elric. — *Chama a cavalaria!*

O jovem arauto levantou o olhar. Estava sendo fustigado de perto por dois Cavaleiros Demoníacos. Ao desviar a atenção, foi furado pela espada de um deles, gritando de pavor enquanto os homens completavam a carnificina.

Praguejando, Elric se aproximou e golpeou um dos atacantes na têmpora. O homem cambaleou e foi cair na lama do campo. O outro cavaleiro virou-se, mas apenas para receber com um berro a ponta da *Stormbringer*, e morreu aos gritos enquanto sua alma era sugada pela lâmina rúnica.

Embora morto, o arauto continuava pegado à sela, com o corpo transformado num verdadeiro crivo. Elric debruçou-se para a frente, arrancando o clarim ensanguentado do pescoço do cadáver. Levando-o aos lábios, tocou a Chamada da Cavalaria, percebendo de relance que os cavaleiros se voltavam. Viu o próprio estandarte começar a cair e compreendeu que o porta-bandeira fora morto. Ergueu-se na sela e, erguendo numa das mãos a haste donde pendia o brilhante lábaro de Jharkor, manteve o clarim nos lábios, tentando reunir suas forças.

Lentamente, os remanescentes do exército vieram juntar-se à sua volta. Tomando a si a direção dos combates, Elric fez então a única coisa que podia fazer, seguiu o caminho sem alternativa que poderia salvar a situação.

Fez soar uma longa e lamurienta clarinada. Em resposta ao toque, escutou o bater de asas poderosas e viu os homens de Myyrrhn se elevarem no ar.

Ao ver isto, o inimigo soltou as correias que mantinham fechadas as portas das misteriosas jaulas. Elric rugiu de desespero.

Piados lúgubres antecederam a visão de corujas gigantescas, julgadas extintas até mesmo em Myyrrhn, sua terra de origem, que se alçavam ao céu.

O inimigo se preparara contra uma ameaça vinda do alto e, de alguma maneira, obtivera o auxílio dos inimigos imemoriais dos homens de Myyrrhn.

A visão inesperada deteve apenas por um momento os homens alados. Armados com longas lanças, atacaram os grandes pássaros. Sobre os cansados guerreiros que pelejavam no chão caiu uma chuva de sangue e penas. Cadáveres de homens e de pássaros começaram a se precipitar ao solo, esmagando infantes e cavaleiros.

Em meio à confusão, Elric e os Leopardos Brancos de Yishana abriram caminho entre as hostes inimigas para se reunirem a Dyvim Slorm e seus imrryrianos, aos restos da cavalaria tarkeshita e a cerca de uma centena de shazarianos que haviam sobrevivido. Levantando os olhos para o céu, Elric percebeu que a maioria das grandes corujas havia sido destruída, mas que apenas um punhado dos homens de Myyrrhn sobrevivera à luta nos ares. Depois de terem feito o que podiam contra as corujas, voavam em círculos, preparando-se para abandonar a batalha. Era óbvio que compreendiam a inutilidade de qualquer esforço.

Quando suas forças se juntaram, Elric gritou para Dyvim Slorm:

A batalha está perdida... Sarosto e Jagreen Lern dominam a situação! Dyvim Slorm brandiu a espada e lançou a Elric um olhar de concordância.

Se quisermos viver para cumprirmos nosso destino, será melhor nos afastarmos depressa daqui! — gritou.

Pouco mais podiam fazer.

A vida de Zározínia é mais importante para mim que qualquer outra coisa! — exclamou Elric. — Tratemos do nosso próprio problema!

Entretanto, as forças inimigas atacavam em pinça, esmagando Elric e seus homens. Elric recebera um golpe na frente, fazendo com que seu rosto se cobrisse de sangue. A todo momento tinha de levar a mão esquerda aos olhos para limpá-los.

O braço direito lhe doia ao erguer *Stormbringer* repetidamente, cortando e perfurando os inimigos ao seu redor, já desesperado, pois embora a terrível espada tivesse vida própria, quase inteligência, mesmo ela não

conseguia suprir a vitalidade de que Elric necessitava para suportar os embates daquela peleja. De certa forma estava feliz, pois odiava a espada rúnica, embora tivesse de depender da força que dela emanava. Sua forma particular de albinismo fazia com que normalmente se sentisse apático e debilitado.

*Stormbringer* irradiava um veneno maléfico que não apenas matava os que atacavam Elric, como sugava suas almas, e parte daquela força vital fluía para o monarca de Melniboné...

Subitamente, abriram-se as fileiras cerradas do exército inimigo, dando passagem a animais em galope. Animais com olhos rútilos e mandíbulas vermelhas, dotadas de presas. Animais de garras.

Os tigres caçadores de Pan Tang.

Os cavalos puseram-se a relinchar enquanto os tigres os dilaceravam, deitando por terra alimárias e cavaleiros, rasgando as gargantas de suas vítimas. Os tigres levantavam os focinhos ensanguentados, farejando em busca de novas presas. Aterrorizados, muitos homens da pequena força de Elric começaram a recuar, aos gritos. A maioria dos nobres de Tarkesh se dispersou e bateu em retirada, precipitando a fuga dos jharkorianos, cujos cavalos enlouquecidos se atiraram pelo campo a fora, seguidos de perto pelos poucos shazarianos ainda montados. Daí a pouco, apenas Elric, seus imrryrianos e cerca de quarenta Leopardos Brancos enfrentavam o poderio de Dharijor e de Pan Tang.

Elric ergueu o clarim e tocou Retirada, fez girar o ginete negro e disparou vale acima, seguido pelos imrryrianos. Os Leopardos Brancos, porém, lutaram até o último homem. Yishana dissera que tudo que sabiam fazer era matar. Evidentemente, também sabiam morrer.

Elric e Dyvim Slorm dirigiram a retirada dos imrryrianos pelo vale, gratos aos Leopardos Brancos por cobrirem seu recuo. O melniboneano não mais vira Yishana desde o momento em que se batera contra Jagreen Lern, e ficou a conjecturar sobre o que lhe acontecera.

Ao dobrarem uma curva do vale, Elric entendeu todo o plano de batalha de Jagreen Lern e de seu aliado. Uma força de infantes e cavaleiros, descansada, havia-se reunido na outra extremidade do vale, com o intuito de cortar qualquer possibilidade de retirada do seu exército.

Quase sem se deter para pensar, Elric atirou o cavalo pelas encostas das colinas, seguido por seus homens, ocultando-se sob as ramagens baixas das

faias, enquanto os dharijorianos se precipitavam contra eles, espalhando-se a fim de lhes impedir a fuga.

Elric deu meia volta, viu que os Leopardos Brancos ainda lutavam ao redor do estandarte de Jharkor e retornou naquela direção, continuando a galopar. Correu pelo topo das colinas, tendo consigo Dyvim Slorm e um punhado de imrryrianos, e logo saíram à demanda de espaços abertos, perseguidos pelos cavaleiros de Dharijor e de Pan Tang. Era evidente que haviam reconhecido Elric e que desejavam matá-lo ou capturá-lo.

Olhando mais à frente, Elric percebeu que os tarkeshitas, shazarianos e jharkorianos, que haviam batido em retirada antes, tinham seguido o mesmo caminho. Entretanto, já não cavalgavam juntos e começavam a se dispersar.

Elric e Dyvim Slorm saíram na direção oeste, atravessando terrenos desconhecidos, enquanto os outros imrryrianos, para desviar a atenção de seus chefes, lançaram-se para o norte, em direção a Tarkesh, onde talvez desfrutassem de alguns dias de segurança.

A batalha terminara. Os servos do mal haviam vencido e uma era de terror começava a se instalar nas terras dos Jovens Reinos do Ocidente.

Alguns dias depois, Elric, Dyvim Slorm, dois imrryrianos, um comandante tarkeshita chamado Yedn-pad-Juizev, gravemente ferido, e um infante shazariano, Orozn, que conseguira um cavalo no final da batalha, achavam-se temporariamente livres de perseguição. Os cavalos andavam a passo, fatigadamente, em direção a uma cordilheira de picos, afilados, que negrejavam contra o avermelhado céu da tarde.

Fazia horas que não trocavam palavras. Era claro que Yedn-pad-Juizev estava agonizando e nada podiam fazer a seu favor. Ele também o sabia e nada mais esperava, acompanhando-os apenas. Como tarkeshita, era invulgarmente alto. O penacho escarlate ainda balouçava no elmo azulado e a couraça peitoral achava-se amassada e suja com seu próprio sangue e de outros. A barba era negra e bem untada, o nariz projetava-se como um penhasco e tinha os olhos quase vidrados. Suportava bem a dor. Embora todos estivessem impacientes por atingirem a relativa segurança da cordilheira, os outros ajustavam o passo dos seus cavalos ao dele, em parte por respeito, em parte por admirarem aquele obstinado apego à vida.

Chegou a noite e, com ela, uma grande lua amarela suspensa sobre as montanhas. O céu estava completamente limpo e as estrelas resplandeciam. Os guerreiros teriam preferido que a noite fosse escura e tempestuosa, pois poderiam procurar mais segurança nas sombras. Mas a noite era bastante

clara e toda sua esperança estava em alcançar logo as montanhas, antes que os tigres caçadores de Pan Tang descobrissem suas pistas e eles morressem nas garras impiedosas daquelas feras medonhas.

Elric estava meditativo. Durante algum tempo, os conquistadores de Dharijor e de Pan Tang se ocupariam na consolidação de seu recém-conquistado império. Depois disso, talvez sobreviessem rixas entre eles, talvez não. De qualquer forma, muito em breve seriam poderosíssimos e ameaçariam a segurança de outras nações dos Continentes Meridional e Oriental.

Tudo isso, entretanto, por mais que tornasse sombria a sorte de todo o mundo, pouco significava para Elric, pois ainda não via muito claramente como chegaria até Zarozínia. Recordou a profecia da criatura do Caos, parte da qual acabara de se cumprir. Contudo, ainda significava pouco. Sentia-se como que constantemente impelido em direção ao oeste, como se devesse embrenhar-se cada vez mais nas terras esparsamente povoadas além de Jharkor. Estaria ali o seu destino? Estariam porventura ali os captores de Zarozínia? *Para além do oceano trama-se uma batalha; para além da batalha correrá sangue...*

Bem, o sangue já corra ou correria ainda no futuro? O que seria o "gêmeo" que o parente de Elric, Dyvim Slorm, trazia consigo? Quem era aquele que não devia viver?

O segredo estaria, por acaso, nas montanhas diante deles?

Continuaram a marcha sob a lua, chegando por fim a um desfiladeiro. Quando já iam a meio dele localizaram uma caverna e deitaram-se em seu interior para repousar.

De manhã, Elric foi despertado por um som que provinha de fora. Instantaneamente, desembainhou a *Stormbringer* e rastejou até a boca da caverna. O que viu fez com que embainhasse a espada e gritasse ao homem que subia o desfiladeiro em direção à caverna:

Aqui, arauto! Somos amigos!

O homem era um dos arautos de Yishana. Tinha o casaco em tiras e as peças da couraça amassadas. Perdera a espada e achava-se sem capacete. Era ainda moço, com as faces encovadas pela fadiga e pelo desespero. Levantou os olhos e demonstrou alívio ao reconhecer Elric.

Meu senhor Elric... Disseram que tinhas perecido na batalha.

É bom que o digam, pois isso torna a perseguição menos provável. Entra aqui.

Os outros já haviam despertado. Todos, menos um. Yedn-pad-Juizev morrera adormecido durante a noite. Orozn bocejou e apontou o cadáver com o polegar. — Se não encontrarmos alimento logo, serei tentado a comer nosso amigo.

O homem olhou para Elric à espera de reação a seu xiste, mas ao ver a expressão do albino envergonhou-se e recolheu-se ao fundo da caverna, resmungando e chutando pedras soltas.

Elric encostou-se na parede da gruta, junto da entrada.

Que notícias trazes? — perguntou.

Más novas, meu soberano. De Shazar até Tarkesh reina a mais negra desgraça e nações inteiras são sacudidas por ferro e fogo como uma tormenta sacrílega. Fomos inteiramente conquistados. Apenas grupos pequenos mantêm uma luta desesperada contra o inimigo. Alguns dos nossos já falam em se entregar ao banditismo e em voltar-se contra seus próprios compatriotas, tão desesperada é a situação.

Elric balançou a cabeça.

É isso que acontece quando aliados estrangeiros são derrotados em solo amigo. Que foi feito da Rainha Yishana?

Não teve sorte, senhor. Metida em sua armadura bateu-se contra uma vintena de homens antes de expirar, esmagada pela violência do ataque. Sarosto tomou-lhe a cabeça como recordação e juntou-a à sua coleção de troféus, que incluem as mãos de Karnarl, seu meio-irmão que a ele se opôs em virtude da aliança com Pan Tang, e os olhos de Penik de Narges- ser, que mobilizou um exército contra ele naquela província. O Teocrata Jagreen Lern ordenou que todos os outros prisioneiros sejam torturados até morrer e pendurados em correntes por toda a região, como advertência contra insurreições. Como são perversos, senhor!

A boca de Elric contraiu-se. Já começava a ficar claro para ele que o único caminho possível era em direção a oeste, pois os conquistadores logo se poriam em seu encalço se retornasse. Virou-se para Dyvim Slorm, cuja camisa estava em farrapos e que tinha o braço esquerdo coberto de sangue seco.

Nosso destino parece estar no Ocidente — disse serenamente.

Nesse caso, apressemo-nos — respondeu o primo — pois estou impaciente por terminar com isto e ao menos saber se viveremos ou se morreremos nesta empresa. Nada ganhamos com nosso encontro com o inimigo. Apenas perdemos tempo.

Eu ganhei alguma coisa — disse Elric, recordando seu combate com Jagreen Lern. — Ganhei uma informação: a de que, de alguma forma, Jagreen Lern está ligado ao sequestro de minha mulher. E se ele for responsável por isso, exigirei vingança, não importa o que vier a acontecer.

Agora, porém — replicou Dyvim Slorn — não percamos mais tempo. Para oeste!

## Capítulo 4

Naquele dia entraram mais profundamente ainda na região montanhosa, evitando as poucas patrulhas enviadas pelos conquistadores, mas os dois imrryrianos, percebendo que seus senhores faziam uma jornada especial, tomaram outro rumo. O arauto partiu em direção ao sul, a fim de espalhar suas tristes notícias, de modo que somente Elric, Dyvim Slorm e Orozn mantiveram o caminho inicial. Não agradava a Elric e seu primo a companhia de Orozn, mas decidiram suportá-la.

Um dia depois, Orozn desapareceu e Elric e Dyvim Slorm penetraram ainda mais fundo nas serras negras, contornando gargantas estreitas e atravessando desfiladeiros opressivos. As montanhas estavam cobertas de neve branca e brilhante, que destacava o negro dos desfiladeiros e das gargantas, mas que tornavam o caminho escorregadio e perigoso. Certo anoitecer, chegaram a um ponto onde as montanhas abriam-se num vale amplo. Começaram a descer com dificuldade os contrafortes da serra, deixando pegadas como grandes cicatrizes na neve. Os cavalos refolegavam, deixando fios de fumo branco no ar gélido.

Um cavaleiro atravessou o vale na direção deles. Sem nada temer, esperaram sua aproximação. Para sua surpresa, viram que era Orozn, vestido em roupas novas de pele de lobo e couro de gamo. O soldado saudou-os amistosamente.

Tenho estado à procura de ambos. Os senhores devem ter tomado um caminho mais difícil que o meu.

De onde vens? — quis saber Elric.

Tinha o cenho carregado, e os maxilares destacavam-se nas faces encovadas. Mais que nunca assemelhava-se a um lobo de olhos vermelhos e rutilantes. A sorte de Zarozínia pesava-lhe no espírito.

Há uma aldeia perto. Vem, levo-te lá.

Acompanharam Orozn por algum tempo e já caía a noite, com o sol poente tingindo as montanhas de escarlate, quando chegaram ao lado oposto

do vale, pontilhado de algumas faias e, pouco mais acima, um grupo de bétulas. Orozn conduziu-os para esse arvoredado.

Vieram aos gritos, saindo das trevas, uma dezena de homens corpulentos, tomados pelo ódio... e por algo mais. Nas mãos, protegidas por cotas de malha, traziam armas. A julgar por suas armaduras, eram homens de Pan Tang. Provavelmente Orozn fora capturado e persuadido a levar Elric

e seu primo àquela cilada.

Elric empinou o cavalo, voltando-se.

Orozn! Tu nos traíste!

Mas Orozn já se afastava. Voltou os olhos para trás uma vez, o rosto pálido demonstrando um remorso torturante. Então seus olhos se afastaram de Elric e de Dyvim Slorm e ele desceu a colina coberta de musgo, penetrando no negrume da noite. Elric sacou a *Stormbringer*, firmou a mão em volta do punho da espada, aparou o golpe de uma clava reforçada com metal e, manejando a arma com destreza, decepou os dedos do agressor. Logo após ele e Dyvim Slorm se achavam cercados, embora mantivessem a luta, na qual *Stormbringer* modulava um selvagem e impiedoso canto de morte.

Todavia, Elric e Dyvim Slorm ainda se encontravam debilitados pelos rigores das aventuras recentes. Nem mesmo a força maléfica de *Stormbringer* bastava para revitalizar plenamente as veias deficientes de Elric, que se achava tomado de medo: não dos seus atacantes, mas do fato de estar destinado a ser morto ou capturado. Espicaçava-o temor de que aqueles guerreiros não faziam nenhuma idéia quanto ao papel do seu senhor na profecia, não compreendendo, assim, que ele, Elric, não devia morrer naquele momento. Concluiu, enquanto terçava armas, que um enorme erro estava para ser cometido naquele momento...

Arioch! — bradou, tomado pelo pânico, invocando o deus-de-mônio de Melniboné. — Arioch! Auxilia-me. Sangue e almas em troca de tua ajuda!

No entanto, aquela entidade intratável não lhe mandou nenhuma ajuda.

A longa espada de Dyvim Slorm atingiu um dos homens pouco abaixo da garganta, atravessando-a. Os demais cavaleiros de Pan Tang atiraram-se contra ele, mas foram repelidos pela espada enfurecida. Dyvim Slorm indagou em meio à pugna:

Por que adoramos tal deus se com tanta frequência ele é conduzido pelo capricho?

Talvez ele julgue que chegou nossa hora! — gritou Elric em resposta, enquanto sua espada mágica sugava a energia vital de outro inimigo.

Embora fatigando-se rapidamente, continuaram a peleja até que um novo ruído irrompeu por sobre o choque das armas: o som de carruagens e de choros abafados e melancólicos. Foi então que homens escuros de traços delicados, bocas finas e orgulhosas, com corpos magníficos que as capas esvoaçantes de raposa branca deixavam semidesnudos, se envolveram na refrega, arremessando seus dardos com terrível precisão contra os assustados homens de Pan Tang. Elric embainhou a espada e preparou-se para lutar ou fugir.

É esse aí... o de rosto lívido! — bradou um dos negros cocheiros ao ver Elric.

Os coches se detiveram de pronto, com os enormes cavalos relinchando e escavando a terra. Elric dirigiu-se ao líder.

Obrigado — agradeceu, quase caindo da sela, tamanho era seu cansaço. A curvatura dos ombros logo se converteu numa mesura. — Pareces conhecer-me... és o terceiro, desde que iniciei esta busca, que me reconhece sem que eu seja capaz de retribuir o cumprimento.

O líder repuxou a capa de pele de raposa em volta do peito nu e sorriu.

Meu nome é Sepiriz e logo me conhecerás. Quanto a ti, faz milhares de anos que te conhecemos. Não és Elric, o último soberano de Mel-niboné?

Exato.

E tu — continuou Sepiriz, dirigindo-se a Dyvim Slorm — és o primo de Elric. Ambos representam o fim da pura estirpe de Melniboné.

Sim — anuiu Dyvim Slorm, com os olhos brilhando de curiosidade.

Estivemos esperando que passassem por cá. Havia uma profecia... Enquanto falava, Elric levou a mão à cinta.

Sepiriz balançou a cabeça.

Não, mas sabemos onde ela se encontra. Calma! Embora possa imaginar a agonia que estás suportando, poderei explicar melhor tudo em nossos próprios domínios.

Primeiro, diz-nos quem és! — exigiu Elric. Sepiriz sorriu de leve.

Tu nos conheces, creio... ou pelo menos já ouviste falar de nós. Havia uma certa amizade entre teus ancestrais e nossa gente nos primeiros anos do

Império Brillhante. — Fez uma pausa antes de prosseguir: — Já escutaste lendas, talvez em Imrryr, a respeito dos Dez da montanha? Os dez que dormem na montanha de fogo?

Muitas vezes. — Elric prendeu a respiração. — Agora reconheço -vos pelas descrições que ouvi. Contudo, dizem que dormis há séculos na montanha de fogo. Por que razão andais assim pelo mundo?

Fomos afugentados por uma erupção de nosso vulcão, que serenou há dois mil anos. Ultimamente, tais perturbações naturais vêm ocorrendo em todo o mundo. Chegara o momento, sabíamos, de despertarmos.

Éramos servos do Destino... e nossa missão acha-se estreitamente ligada ao teu próprio fado. Trazemos-te uma mensagem dos captores de Zarozínia... e outra mais, também. Quer ter a bondade de regressar conosco ao Abismo de Nihrain para que possamos lhe contar tudo?

Elric ponderou por um momento, depois ergueu o rosto branco e disse:

Tenho pressa de vingar-me, Sepiriz. Mas se o que queres me dizer puder fazer com que o momento do revide chegue mais rapidamente, irei.

Venham, então! — O gigante negro sacudiu as rédeas do cavalo e fez girar o coche.

Um dia e uma noite durou a jornada até o Abismo de Nihrain, uma enorme ravina escancarada no cimo das montanhas, um lugar que todos evitavam; era um sítio de significado sobrenatural para os montanheses. O nobre nihrainense pouco conversou durante a viagem e por fim se encontraram sobre o abismo, conduzindo seus veículos pelo caminho íngreme que levava às suas profundezas.

Cerca de quase um quilômetro abaixo, pouca luz penetrava naquelas regiões, mas viam o caminho em frente à luz de tochas bruxuleantes que alumiam parte do esboço esculpido de um sinistro mural que traía uma abertura rasgada na rocha viva. Então, enquanto faziam os cavalos descer ainda mais, viram, em detalhes, a apavorante cidade de Nihrain, que forasteiros não contemplavam fazia séculos. Os últimos nihrainenses ali viviam agora: dez homens imortais, pertencentes a uma raça ainda mais antiga que a de Melniboné, que se jactava de vinte mil anos de história.

Sobre eles se levantavam imensas colunas, escavadas havia milênios na rocha, estátuas gigantescas e amplas sacadas, de vários pisos. Janelas de trinta metros de altura e escadarias sem fim tinham sido cavadas na face do abismo. Os Dez conduziram seus coches amarelos através de um majestoso

portão para dentro das cavernas de Nihrain, inteiramente cobertas de símbolos estranhos e murais ainda mais estranhos. Acorreram escravos, despertados de um sono de séculos, para atender seus senhores. Mesmos eles não se assemelhavam de todo aos homens que Elric conhecia.

Sepiriz entregou as rédeas a um escravo, enquanto Elric e Dyvim Slorm desmontavam, contemplando com assombro o ambiente que os rodeava.

Agora, vamos aos meus aposentos e lá vos informarei sobre tudo quanto quero que saibais... e sobre o que deveis fazer.

Conduzidos por Sepiriz, os dois primos caminharam impacientemente por galerias, entrando num amplo aposento, cheio de esculturas escuras. Várias fogueiras ardiam em torno desse salão, em grandes grelhas. Sepiriz acomodou o corpanzil numa cadeira e com um aceno indicou-lhes duas cadeiras semelhantes, esculpidas em blocos de ébano maciço. Quando estavam todos sentados diante de uma das fogueiras, Sepiriz respirou profundamente, olhando em torno do salão, talvez rememorando sua antiga história. Um tanto irritado por tal demonstração de desatenção, Elric falou com impaciência:

Perdoa-me, Sepiriz, mas tu nos prometeste transmitir uma mensagem.

Sim — retorquiui Sepiriz — mas é tanto o que tenho a dizer que preciso fazer uma pausa para concatenar as idéias.

Ajeitou-se na cadeira antes de continuar.

Sabemos onde está tua mulher — disse por fim — e sabemos também que ela se encontra em segurança. Não lhe farão nenhum mal, porquanto desejam trocá-la por algo que possuis.

Nesse caso, conta-me toda a história — exigiu Elric com impaciência.

Fomos amigos dos teus ancestrais, Elric. E éramos amigos daqueles a quem substituíram, daqueles que forjaram o aço da espada que trazes contigo.

A despeito da sua ansiedade, Elric sentiu uma ponta de interesse. Durante anos, tentara livrar-se da espada mágica, mas nunca o conseguira. Todos os seus esforços tinham sido vãos e ainda necessitava dela, muito embora a maior parte de suas forças fosse atualmente suprida por drogas.

Estarias disposto a renunciar à tua espada, Elric? — perguntou Sepiriz.

Sim, todos sabem disso.

Nesse caso, ouve esta história. Sabemos para quem e para que a espada — e também outra semelhante — foram forjadas. Foram fabricadas com uma finalidade especial e para homens especiais. Somente melnibon- neanos

são capazes de utilizá-las, e entre eles, somente os membros da linhagem real.

Não há, na História ou na Mitologia de Melniboné, nenhuma alusão a um intuito especial para as espadas — disse Elric, debruçando-se para a frente.

Alguns segredos devem ser guardados — replicou Sepiriz serenamente. — Essas espadas foram forjadas para destruírem um grupo de seres poderosíssimos. Entre eles estão os Deuses Mortos.

Os Deuses Mortos! Ora, como mostra o próprio nome deles, e sabes disso, pereceram há séculos!

Como dizes "pereceram". Em termos humanos, estão mortos. Entretanto, preferiram morrer, optaram por se livrarem da forma material e atiraram sua substância vital no negrume da eternidade, pois naqueles tempos estavam tomados de medo.

Elric não tinha nenhuma idéia clara do sentido das palavras de Sepiriz, mas aceitou o que dizia o nihrainiano e pôs-se a ouvir.

Um deles retornou — disse Sepiriz.

Por quê?

Para obter, a qualquer custo, duas coisas que ameaçam a ele e aos outros deuses mortos... onde quer que estejam, ainda podem ser feridos por tais coisas.

E elas são...?

Têm o aspecto terreno de duas espadas, com inscrições mágicas e dotadas de força sobrenatural: *Mournblade* e *Stormbringer*.

Isto! — exclamou Elric, levando a mão à arma. — Por que temeriam os deuses esta arma? E a outra foi para o Limbo com meu primo Yyrkoon, que matei faz muitos anos. Desapareceu.

Não é verdade. Nós a recuperamos, pois fazia parte do plano do Destino para nós. Temo-la aqui em Nihrain. As espadas foram forjadas para vossos ancestrais, que expulsaram com elas os Deuses Mortos. Foram feitas por outros ferreiros sobre-humanos, também inimigos dos Deuses Mortos. Esses ferreiros viam-se compelidos a combater o mal com o mal, embora eles próprios não estivessem ligados às forças do Caos, e sim às da Lei. Forjaram as espadas por diversos motivos: livrar o mundo dos Deuses Mortos era apenas um deles!

E os outros motivos?

Sobre estes, saberás no futuro... pois nossa ligação não se findará antes que todo o destino se cumpra. Estamos obrigados, sob palavra, a não revelar os outros motivos senão no momento adequado. Teu destino é perigoso, Elric, e não o invejo!

Mas que mensagem tens para mim? — perguntou Elric com impaciência.

Devido à perturbação causada por Jagreen Lern, um dos Deuses Mortos pôde voltar à Terra, como te disse. Juntou acólitos à sua volta. E sequestraram tua mulher.

Elric sentiu uma vaga de desespero o engolfar. Poderia haver-se com força tão poderosa?

Por quê? ... — sussurrou.

Darnizhaan sabe que Zarozínia é importante para ti. Deseja trocá-la pelas duas espadas. Nesse assunto, somos meros mensageiros. Devemos entregar a espada em nosso poder, mediante solicitação tua ou de Dyvim Slorm, pois por direito pertencem a qualquer membro de linhagem real. As condições de Darnizhaan são simples. Enviará Zarozínia para o Limbo a menos que lhe entregues as armas que ameaçam sua existência. A morte de Zarozínia não seria a morte tal como a conhecemos. Seria desagradável e eterna.

E se eu concordasse com isto, o que aconteceria?

Todos os Deuses Mortos voltariam. Somente o poder das espadas os impede de fazê-lo já!

E o que ocorreria se voltassem os Deuses Mortos?

Mesmo sem a presença deles, o Caos ameaça conquistar o planeta. Com eles, o Caos se tornaria invencível e seu efeito imediato. O mal submergiria a Terra. O Caos faria este planeta mergulhar num fedorento inferno de terror e destruição. Já tiveste uma prova do que está acontecendo, e faz bem pouco tempo que Darnizhaan regressou!

Referes-te à derrota dos exércitos de Yishana e à conquista feita por Sarosto e Jagreen Lern?

Precisamente. Jagreen Lern tem um pacto com o Caos — com todos os Senhores do Caos, e não apenas com os Deuses Mortos — pois o Caos teme o desígnio do Destino para o futuro da Terra e tentaria alterá-lo obtendo o domínio sobre nosso planeta. Os Senhores do Caos são bastante fortes sem a ajuda dos Deuses Mortos. Darnizhaan deve ser destruído.

Minha opção é difícilíssima, Sepiriz. Se renuncio à *Stormbringer*, provavelmente poderei sobreviver com ervas e alimentos. Mas se renuncio a ela por amor à Zarozínia, então o Caos se desencadeará inteiramente e terei um crime monstruoso em minha consciência.

Só a ti cabe fazer a escolha.

Elric pensou, mas não encontrou nenhuma forma de resolver o problema.

Traz a outra lâmina — disse, por fim.

Sepiriz voltou daí a instantes, trazendo uma espada embainhada que em pouco parecia diferir de *Stormbringer*.

Então, Elric? Estará a profecia explicada? — perguntou, ainda segurando *Mournblade*.

Sim... eis aí a gêmea daquela que trago comigo. Mas a última parte... aonde devemos ir?

Já te direi. Embora os Deuses Mortos e os poderes do Caos estejam cientes de que possuímos a outra espada, não sabem a quem realmente servimos. Como te disse, o Destino é o nosso senhor, e o Destino teceu para este mundo uma trama que seria difícil modificar. Entretanto, essa trama poderia ser modificada e a nós incumbe garantir que o Destino não seja fraudado. Estás por sofrer uma prova. A maneira como te sairás dela, a decisão que tomares, determinará aquilo que deveremos dizer-te após teu regresso a Nihrain.

Desejas que eu volte aqui?

Sim.

Dá-me *Mournblade* — disse Elric, apressado.

Sepiriz entregou-lhe a espada e Elric pôs-se de pé com uma arma em cada mão, como se fossem fiéis da balança de suas dúvidas.

As duas espadas parecerem gemer em reconhecimento e suas forças afluíram às veias de Elric, que num momento pareceu estar feito de aço e de fogo.

Agora, ao segurar ambas, lembro-me de que suas forças são maiores do que supus. Quando irmanadas, possuem uma qualidade especial, uma qualidade que talvez possamos usar contra esse Deus Morto. — Elric franziu o cenho. — Porém em breve falaremos disso. — Fitou Sepiriz fixamente. — Mas, diz-me, onde está Darnizhaan?

No Vale de Xanyaw, em Myyrrhn!

Elric entregou *Mournblade* a Dyvim Slorm, que a recebeu com alegria.

Qual será tua escolha? — indagou Sepiriz.

Quem sabe? — retrucou Elric com amarga ironia. — Talvez haja uma maneira de derrotar esse Deus Morto... Uma coisa, porém, te digo, Sepiriz. Se eu tiver oportunidade, farei com que o deus lamente sua volta, pois cometeu contra mim o único ato capaz de levar-me a uma verdadeira fúria. E a fúria de Elric de Melniboné e sua espada *Stormbringer* podem destruir o mundo!

Sepiriz ergueu-se da cadeira, levantando o sobrolho.

E deuses, Elric, podem destruir deuses?

## Capítulo 5

Elric cavalgava como um gigantesco espantalho, esguio e rígido sobre o dorso poderoso do corcel nihrainiano. Seu rosto duro era uma máscara que ocultava qualquer emoção e os olhos escarlates fulgiam como brasas nas órbitas encovadas. O vento lhe sacudia os cabelos de um lado e de outro, porém mantinha-se ereto, os olhos postos adiante, os dedos magros envolvendo o punho de *Stormbringer*.

Veza por outra, Dyvim Slorm, que portava *Mournblade* com um misto de orgulho e temor, escutava a arma chamar sua irmã com um gemido e a sentia estremecer no seu flanco. Só mais tarde começou a se interrogar sobre o que a espada poderia fazer dele, sobre o que lhe daria e o que exigiria dele. Depois disso, procurou manter a mão afastada dela tanto quanto possível.

Perto das fronteiras de Myyrrhn, caiu sobre eles um bando de mercenários dharijorianos: nativos de Jharkor na libré de seus conquistadores. Bandidos néscios aqueles, que deveriam ter suficiente juízo para não se atravessarem no caminho de Elric! Dirigiram seus cavalos em direção à dupla, rindo. As plumas negras de seus elmos oscilavam ao vento, as correias das couraças estalavam, e as peças de metal tilintavam. O chefe do grupo, um valentão de olhos amendoados, que trazia um machado à cinta, fez parar a montaria diante de Elric.

A um sinal do seu senhor, o cavalo do albino estacou. Sem em nada mudar de expressão, Elric sacou a *Stormbringer* com um gesto comedido, felino. Dyvim Slorm o imitou, fitando os homens que riam em silêncio. Surpreendeu-se com a facilidade com que a espada saltou da bainha.

Então, sem qualquer desafio inútil, Elric começou a lutar.

Lutava como um autômato, com rapidez e eficiência, sem expressão, rachando a omoplata do chefe dos bandidos num golpe que foi do ombro até o estômago do homem, rasgando ferros e carnes, cortando o corpo e fazendo um enorme rasgão rubro no metal negro. O homem pôs-se a chorar

enquanto morria lentamente, estendendo-se por um momento sobre o cavalo antes de escorregar de cima do animal, com um dos pés presos ao estribo.

*Stormbringer* emitiu um sonoro murmúrio metálico de prazer e Elric continuou a brandir a arma em torno de si, abatendo sem emoção os cavaleiros, como se estivessem desarmados e desmontados, tão pequena era a resistência que podiam opor.

Pouco habituado à *Mournblade*, um instrumento quase com vida própria, Dyvim Slorm tentava usá-la como uma espada comum, porém ela se movia em sua mão, em golpes mais hábeis que os dele. Uma estranha sensação de força, ao mesmo tempo sensual e fria, penetrou nele e o primo de Elric ouviu a si próprio gritar de êxtase, percebendo como seus antepassados deviam ter-se sentido na guerra.

A batalha logo terminou e, deixando atrás de si os cadáveres exangues, logo chegaram à terra de Myyrrhn. As duas espadas gêmeas já se haviam irmanado no mesmo sangue.

Elric se achava agora em melhores condições para pensar e agir com coerência, mas pouca atenção podia dispensar a Dyvim Slorm, ao mesmo tempo em que nada dizia ao primo que cavalgava a seu lado. Este, por sua vez, sentia-se frustrado por ver sua ajuda desprezada.

Elric deixava a mente vagar livremente no tempo, abrangendo o passado, o presente e o futuro na tentativa de formar um todo uno, um padrão. Desconfiava dos padrões, por detestar a forma, por não confiar nela. Para ele, a vida era caótica, aleatória, imprevisível. Era um truque, uma ilusão do espírito, poder ver um sentido na vida.

Sabia de algumas coisas, e nada julgava.

Sabia que portava uma arma da qual necessitava, física e psicologicamente. Era uma admissão inalterável de que havia nele uma fraqueza, uma falta de confiança em si próprio ou na filosofia de causa e efeito. Elric acreditava-se um realista.

Pela noite escura cavalgavam, vencendo um vento maligno.

Ao se aproximarem do Vale de Xanyaw, o céu, a terra e o ar encheram-se com uma música pesada e latejante. Densos acordes, melódiosos e sensuais ergueram-se e caíram sem cessar, seguidos pelos cavaleiros de rostos alvos.

Cada um usava uma capa negra e uma espada que se fendia na extremidade em três farpas curvas. Cada um tinha no rosto um sorriso fixo.

A música os seguia, enquanto galopavam, como coisas loucas contra os dois homens, que deram rédeas aos seus cavalos, sufocando o impulso de fazer meia volta e fugir. Elric já contemplara horrores em sua vida, já vira muita coisa que levaria outras pessoas à insânia, mas por algum motivo aquela visão o chocou mais fundamente que qualquer coisa que já houvesse visto. Pareciam homens comuns mas possuídos de um espírito diabólico.

Prontos para se defenderem, Elric e Dyvim Storm sacaram das espadas e esperaram o embate, que, entretanto, não ocorreu. A música e os homens passaram como um rugido por eles e sumiram num rodopio, na mesma direção de onde tinham vindo.

De súbito, ouviram um bater de asas, um guincho e um lamento medonho que desciam do céu. Duas mulheres passaram por eles, fugindo, e Elric se perturbou ao ver que eram da raça alada de Myyrrhn, mas que lhes faltavam as asas. Ao contrário das mulheres de que Elric se lembrava, aquelas tinham as asas deliberadamente cortadas. Não deram nenhuma atenção aos dois cavaleiros e desapareceram, fugindo na noite, com os olhos vazios e os semblantes enlouquecidos.

O que está acontecendo, Elric? — gritou Dyvim Storm, reembainhando a espada mágica, enquanto com a outra mão procurava conter o cavalo.

Não sei. O que pode acontecer num lugar novamente governado pelos Deuses Mortos?

Tudo era ruído e confusão. A noite enchia-se de movimentos e de terror.

Vamos! — Elric bateu com a espada na anca de sua montaria, fazendo a alimária avançar num galope desconjuntado, obrigando a si próprio e ao animal a se embrenharem na noite tenebrosa.

Uma portentosa gargalhada os saudou quando chegaram às colinas que precediam o Vale de Xanyaw. O vale achava-se escuro como breu e as ameaças pareciam vivas. Retardaram o passo ao se sentirem perdidos e Elric teve de gritar pelo nome do primo para ter certeza de que ele ainda se encontrava ali. Ouviram novamente o som de risos que irrompiam da noite fazendo a terra tremer. Era como se todo o planeta risse, com irônica alegria, de seus esforços para dominarem o medo e prosseguirem a jornada pelo vale.

Elric foi tomado pela suspeita de que talvez houvesse sido traído e que tudo aquilo fosse uma cilada preparada pelos Deuses Mortos. De que prova

dispunha quanto a Zarozínia estar ali? Por que confiara em Sepiriz? Alguma coisa roçou molemente em sua perna e Elric levou a mão ao punho da espada, pronto para sacá-la.

Nesse momento, como se brotasse da própria terra, um vulto gigantesco ergueu-se para o céu, barrando-lhes o caminho. Com as mãos nos quadris, envolto num halo dourado, rosto de símio, mesclando-se a uma outra forma que lhe emprestava dignidade e uma selvagem grandeza, seu corpo vivo, dançando com a cor e a luz, os lábios se abrindo num sorriso de prazer e conhecimento, surgiu diante deles o Deus Morto, Darnizhaan!

*Elric!*

Darnizhaan! — bradou Elric colericamente, deitando a cabeça bem para trás, a fim de fitar o semblante do Deus Morto. Já não sentia nenhum medo. — Vim buscar minha mulher!

Em volta dos calcanhares do Deus Morto apareceram acólitos de rostos triangulares pálidos e lábios finos, que traziam nas cabeças barretes cônicos e cujos olhares destilavam insânia. Riam, guinchavam e tremiam à luz do corpo grotesco e esplêndido de Darnizhaan. Zombaram dos dois cavaleiros, mas sem se afastarem dos calcanhares do Deus Morto.

Elric rosnou.

Servos degenerados e dignos de dó! — disse.

Não tanto como tu, Elric de Melniboné — riu-se o Deus Morto. — Vieste firmar um acordo ou entregar a alma de tua mulher em minhas mãos para que passe toda a eternidade morrendo?

Elric reprimiu um assomo de ódio.

Eu poderia destruir-te. Para mim, é instintivo fazê-lo. Entretanto...

O Deus Morto sorriu, quase com compaixão.

*Tu* deves ser destruído, Elric, pois és um anacronismo. Teu tempo já passou.

Fala por ti mesmo, Darnizhaan!

Eu *podia* destruir-te.

Mas não o farás.

Embora odiasse ardentemente aquela criatura, Elric sentia também uma perturbadora sensação de simpatia pelo Deus Morto. Ambos representavam uma época já passada. Nenhum deles pertencia de fato ao novo mundo.

Nesse caso, destruirei a ela — exclamou o Deus Morto. — Eis uma coisa que posso fazer impunemente.

Zarozínia! Onde está ela?

Mais uma vez o riso portentoso de Darnizhaan sacudiu o Vale de Xanyaw.

Ah, o que foi feito daquela velha estirpe? Houve um tempo em que nenhum homem de Melniboné, principalmente de linhagem real, admitiria importar-se com outra alma mortal, sobretudo se pertencente à raça de animais, aquela da época a que chamais dos Jovens Reinos. O quê! Casaste com um animal, Elric de Melniboné? Onde está teu sangue, teu sangue cruel e brilhante? Que fim levou a maravilhosa maldade? Onde está o mal, Elric?

Emoções singulares se agitaram no coração de Elric enquanto ele recordava seus ancestrais, os imperadores-feiticeiros da Ilha do Dragão. Percebeu que o Deus Morto estava despertando essas emoções deliberadamente. Com esforço, não permitiu que elas o dominassem.

Isso foi o passado — bradou — e uma nova era começou para o mundo. Nosso tempo logo chegará ao fim... mas o teu já *acabou!*

Não, Elric, ouve o que te digo, não importa o que venha a suceder. A aurora já terminou e em breve será varrida como folhas mortas pelo vento da manhã. A história do mundo ainda nem começou. Tu, teus ancestrais, até mesmo estes homens das novas raças, nada sois senão um *prelúdio à História*. Todos vós sereis esquecidos se a história real do mundo começar. Mas podemos evitar isto: podemos sobreviver, conquistar a Terra e defendê-la contra os Senhores da Lei, contra o próprio Fado, contra o Equilíbrio Cósmico. Podemos continuar a viver, mas tu *tens* de me entregar as espadas!

Não te compreendo — disse Elric, sofrendo a raiva. — Estou aqui para entrar num acordo ou para travar uma batalha por minha mulher.

Não compreendes — casquinou o Deus Morto — porque todos nós, homens e deuses, não somos mais que sombras representando papéis de títeres antes de começar o drama verdadeiro. Seria melhor que não lutasses contra mim, e sim que te aliasse a mim, pois conheço a verdade. Compartilhamos um destino comum. Nós não existimos, nenhum de nós. A velha raça está condenada, tu, eu próprio e meus irmãos, a menos que me entregues as espadas. Não devemos lutar um contra o outro. Participa do nosso terrível conhecimento: o conhecimento que nos levou à loucura. Elric, nada existe: nem passado, nem presente, nem futuro. *Nós não existimos, nenhum de nós!*

Elric sacudiu a cabeça com vivacidade.

Continuo a não entender. Não te entenderia mesmo que pudesse. Só desejo a devolução de minha mulher, e não enigmas desconcertantes!

Darnizhaan riu outra vez.

Não! Não terás a mulher, a menos que entremos na posse das espadas. Não percebes as propriedades que elas possuem. Não foram fabricadas apenas para nos aniquilarem ou para nos exilarem: o destino delas consiste em destruir o mundo como nós o conhecemos. Se as mantiveres contigo, Elric, serás responsável por apagar tua própria memória para aqueles que vierem depois de ti.

Eu gostaria muito — respondeu Elric.

Dyvim Slorm permanecia em silêncio, não apoiando Elric completamente. O argumento do Deus Morto parecia encerrar verdades.

Darnizhaan sacudiu o corpo, de modo que a aura dourada dançou em torno dele, ampliando seu vulto momentaneamente.

Fica com as espadas e será como se todos nós *já* houvéssemos existido — disse ele com impaciência.

Que seja assim. — As palavras de Elric tinham um tom obstinado. — Crês que desejo que a memória persista? A memória do mal, da ruína e da destruição? A memória de um homem com sangue fraco nas veias... um homem a quem chamam de assassino de amigos, assassino de mulheres e outros nomes que tais?

A resposta de Darnizhaan veio num tom de ansiedade, quase de terror.

Elric, estás enfeitado! Já tiveste uma consciência! Deves aliar-te a nós. Somente se os Senhores do Caos estabelecerem seu reinado é que poderemos sobreviver. Se fracassarem, nada restará de nós!

*Ótimo!*

O Limbo, Elric. O *Limbo!* Compreendes o que isto significa!

Não me importa. Onde está minha mulher?

Elric não permitia que a verdade penetrasse em seu espírito: bloqueava o terror oculto no significado das palavras do Deus Morto. Não podia dar-se ao luxo de escutar ou de entender plenamente. Tinha de salvar Zaro-zínia.

Trouxe as espadas — disse — e quero que minha mulher me seja devolvida.

Muito bem — respondeu o Deus Morto, abrindo-se um sorriso de alívio. — Ao menos, se tivermos as espadas, em sua verdadeira forma, além deste mundo, seremos capazes de manter o controle sobre ele. Em tuas mãos elas poderiam destruir não apenas a nós, como também a ti, ao teu mundo, a

tudo que representas. Animais irracionais governariam o mundo por milhões de anos, até que a era da inteligência pudesse restabelecer-se. E seria uma era mais triste que esta. Não desejamos que isto ocorra. Mas se tivesses *ficado* com as espadas, seria quase inevitável que tal acontecesse!

Ora, cala-te! — exclamou Elric. — Para um deus, falas demais. Toma as espadas... e devolve minha mulher.

A uma ordem do Deus Morto, alguns dos acólitos sumiram de vista. Elric viu seus corpos fulgentes desaparecerem na escuridão. Esperou nervosamente até que voltaram, trazendo o corpo de Zarozínia, que se debatia. Colocaram-na ao chão e Elric viu em sua face a expressão vazia de choque.

Zarozínia!

Os olhos da moça vaguearam antes que ela visse Elric. Começou a mover-se na direção dele, mas os acólitos a detiveram, rindo. Darnizhaan estendeu duas manoplas resplendentes.

Primeiro, as espadas.

Elric e Dyvim Slorm as colocaram em suas mãos. O Deus Morto retesou-se, agarrando-se aos seus tesouros e dando largas ao seu júbilo. Zarozínia foi libertada e correu para agarrar a mão do marido, chorando e tremendo. Elric curvou-se e afagou-lhe os cabelos, demasiado comovido para pronunciar qualquer palavra.

Voltou-se então para Dyvim Slorm, gritando:

Vejamos se teu plano dará certo, primo!

Elric fitou *Stormbringer*, que se contorcia na mão de Darnizhaan.

*Stormbringer! Kerana soliem, o glara...*

Dyvim Slorm falou também a *Mournblade* na Língua Antiga de Melniboné, a língua mística e feiticeira, usada para encantamentos e invocação de demônios durante todos os vinte mil anos da história de Melniboné.

Juntos, comandavam as espadas, como se verdadeiramente as tivessem nas mãos, pois foi apenas dando ordens que Elric e Dyvim Slorm começaram a agir. Esta era a propriedade que tinham as duas lâminas quando irmanadas numa luta comum. As espadas se contorciam nas mãos replan- decentes da Darnizhaan. O Deus Morto começou a recuar, seu aspecto se alterando, parecendo ora humano, ora animal, ora inteiramente estranho. Mas evidentemente aquele deus estava horrorizado.

Então as espadas soltaram-se das mãos que as seguravam e voltaram-se contra o deus. Darnizhaan resistia como lhe era possível, aparando seus

golpes que se faziam acompanhar de um uivo de maldade, triunfante, atacando-o com perverso poder. A uma ordem de Elric, *Stormbringer* atirou-se com vigor contra o ente sobrenatural, logo imitada pela *Mournblade* de Dyvim Slorm. Sendo as lâminas rúnicas também sobrenaturais, Darnizhaan feria-se horivelmente sempre que elas o atingiam.

Elric! — bradou ele. — Elric... não sabes o que estás fazendo! Para! Para! Devias ter dado ouvido ao que te disse. Para!

Mas, levado pelo ódio e pela crueldade, Elric insistia em seu intento, fazia as espadas se arremessarem repetidamente contra o Deus Morto, cujo vulto, às vezes vacilava e se dissipava, enquanto suas cores brilhantes se esmaeciam. Os acólitos dispararam em fuga pelo vale, convencidos de que nada salvaria seu amo. Este já não tinha também ilusões. Tentou uma investida contra os cavaleiros, mas então seu vulto começou a se decompor; fiapos de sua matéria começaram a flutuar no ar, sendo tragados pela noite negra.

Com fúria e ferocidade, Elric instava com as espadas a prosseguirem o ataque, enquanto a voz de Dyvim Slorm se juntava à dele, em alegria cruel, ao assistir à destruição do ente.

— *Idiotas!* — gritou. — *Ao me destruídes, destruis a vós mesmos!*

Elric, porém, não lhe deu ouvidos e, por fim, nada restava do Deus Morto, As espadas voltaram para repousar satisfeitas nas mãos de seus senhores.

Depressa, com um súbito tremor, Elric embainhou *Stormbringer*.

Desmontou e ajudou sua jovem mulher a se instalar no dorso do gigantesco corcel, voltando então à sela. Tudo era calma no Vale de Xanyaw.

## Capítulo 6

Dias depois, três pessoas chegaram ao Abismo de Nihrain, mal suportando a fadiga que as fazia quase cair das montarias. Desceram as sendas sinuosas até as profundezas negras da cidade, onde foram recebidas por Sepiriz, cujo semblante era grave, embora pronunciasse palavras encorajadoras.

Vejo que tiveste êxito, Elric — disse ele, com um leve sorriso.

Elric manteve-se calado enquanto desmontava e ajudava Zaro-zínia a descer. Depois, voltou-se para Sepiriz.

Não estou inteiramente satisfeito com essa aventura — falou soturnamente — embora tenha feito o que era preciso para salvar minha mulher. Gostaria de falar-te em particular, Sepiriz.

O negro nihrainiano assentiu gravemente.

Depois que comermos — disse — conversaremos a sós.

Caminharam fatigadamente pelas galerias, notando que havia agora muito mais atividade na cidade. Contudo, nenhum sinal se via dos nove irmãos de Sepiriz, que explicou sua ausência enquanto conduzia Elric e seus companheiros para seus próprios aposentos.

Como servos do Destino, foram chamados a um outro plano, de onde podem observar algo dos vários e diferentes possíveis futuros da Terra e assim me manter informado sobre o que devo fazer aqui.

Entraram no salão e encontraram a refeição já servida. Depois de satisfazerem o apetite, Dyvim Slorm e Zaro-zínia deixaram os dois.

As labaredas estalavam na enorme lareira. Elric e Sepiriz se acomodaram nas cadeiras, sem nada dizerem.

Por fim, sem preâmbulos, Elric narrou a Sepiriz tudo quanto acontecera, as palavras que se lembrava de ter ouvido do Deus Morto e como o haviam perturbado, pois afiguravam-se-lhe verdadeiras.

Quando terminou, Sepiriz balançou a cabeça.

É isso mesmo — disse. — Darnizhaan falou a verdade. Ou, pelo menos, falou parte da verdade, tal como ele a compreendia.

Queres dizer que em breve todos nós deixaremos de existir? Que será como se jamais houvéssemos vivido, pensado ou lutado?

É provável.

Mas, por quê? Isso parece injusto.

Quem te disse que o mundo é justo?

Elric sorriu, vendo confirmadas suas próprias suspeitas.

Sim, tal como eu esperava, não há justiça.

Acontece — prosseguiu Sepiriz — que *existe* uma determinada justiça... uma justiça que tem de ser construída a partir do caos da existência. O homem não nasceu num mundo de justiça. Mas pode criar esse mundo!

Concordo com isso — disse Elric. — Mas a que servem todos nossos esforços se estamos condenados a perecer, e conosco os resultados de nossas ações!

Isto não é absolutamente verdadeiro. Alguma coisa continuará. Aqueles que nos sucederem herdarão algo de nós.

O quê?

Um mundo livre das principais forças do Caos.

Queres dizer, presumo, um mundo livre de feitiçaria? ...

Não inteiramente livre de feitiçaria, mas um mundo em que o caos e a magia não predominem como hoje.

Então, vale a pena lutar por isto — disse Elric, quase com alívio. — Mas qual é o papel das espadas mágicas em tudo isto?

Elas têm duas funções. A primeira é livrar este mundo das grandes forças dominadoras do mal...

Mas se *elas* próprias são maléficas!

Exatamente. Para combater um grande mal é preciso um grande mal. Os dias vindouros serão aqueles em que as forças do Bem possam vencer as do Mal. Por ora, ainda não são suficientemente fortes. Como te disse, é por isto que devemos lutar.

E qual é a outra finalidade das espadas?

Esta é a finalidade precípua delas: teu destino. Posso dizer-te agora. Devo dizer-te, ou permitir que vivas teu destino sem nada saberes.

Diz-me, então — pediu Elric, impaciente.

A função final delas consiste em destruir este mundo!

Elric pôs-se de pé.

Ah, não, Sepiriz. Nisto não posso acreditar. Devo carregar tamanho crime em minha consciência?

Não se trata de um crime, pois está na natureza das coisas. A era do Império Brillhante, até mesmo a dos Jovens Reinos, está chegando ao fim. O Caos formou este mundo e, durante eras e eras, governou. Os homens foram criados para pôr fim a este reinado.

Mas meus antepassados cultuaram as forças do Caos. Meu demônio padroeiro, Arioch, é um dos Duques do Inferno, um dos grãos- senhores do Caos!

Correto. Tu e teus antepassados não eram de modo algum homens verdadeiros, e sim uma espécie intermediária criada com um determinado propósito. Tu compreendes o Caos como jamais os verdadeiros homens poderiam entendê-lo. És capaz de controlar as forças do Caos como os homens verdadeiros nunca poderiam. Podes debilitar as forças do Caos... pois conheces suas qualidades. E já o fizeste... já as esfraqueceste. Embora cultuando os Senhores do Acaso e do Caos, tua raça foi a primeira a trazer alguma forma de ordem ao mundo. Os habitantes dos Jovens Reinos receberam isto como um legado de ti e dos teus... e consolidaram essa herança. Contudo, o Caos ainda é muito mais poderoso. As espadas mágicas, *Stormbringer* e *Mournblade*, esta era mais ordeira, a sabedoria que tua raça e a minha conquistaram, tudo servirá ao propósito de criar a base para os verdadeiros primórdios da história da Humanidade. Essa história não começará antes que passem muitos milhares de anos, a vida poderá assumir uma forma mais baixa, tornar-se mais animal antes que recomece a evoluir. Entretanto, quando o fizer, evoluirá num mundo isento das forças mais poderosas do Caos. Terá uma possibilidade de luta. Todos nós estamos condenados, porém *eles* não o estarão necessariamente.

Então era isto que Darnizhaan queria dizer quando falou que não passávamos de títeres, desempenhando nossos papéis antes de ter início o verdadeiro drama...

Elric deu um suspiro profundo. O peso de sua enorme responsabilidade lhe esmagava a alma. Não a recebia com prazer, mas a aceitava.

Sepiriz disse com doçura:

Esta é a tua missão, Elric de Melniboné. Até aqui, tua vida tem-se afigurado relativamente sem sentido. Durante toda tua existência, tens procurado algum sentido para ela, não é verdade?

Sim — concordou Elric com um leve sorriso. — Vivo inquieto sempre, desde meu nascimento. Mais ainda me inquietei entre o sequestro de Zaro-zínia e este momento.

É justo que te inquietasses — disse Sepiriz — pois existe uma missão para ti: cumprir o Destino. É este Destino que tens percebido durante todos os teus dias mortais. Tu, o último representante da linhagem real de Melniboné, deves consumir teu destino nos tempos que estão próximos. O mundo está-se ensombrecendo... a natureza se revolta e se rebela contra os abusos que os Senhores do Caos lhe impuseram. Os oceanos fervilham e as florestas balançam, lava fervente jorra de mil montanhas, os ventos gritam em furioso tormento e os céus se enchem de movimentos pressagos.

Sobre a face da Terra, guerreiros se chocam numa luta que decidirá a sorte do mundo, uma luta relacionada com os conflitos de maiores proporções entre os Deuses. Só neste continente, mulheres e crianças morrem em um milhão de piras funéreas. E em breve o conflito se estenderá ao continente seguinte, e depois mais além. Logo todos os homens da Terra terão tomado partido e o Caos poderá facilmente vencer. Venceria, não fora um obstáculo: tu e tua espada *Stormbringer*.

*Stormbringer*... Já me trouxe suficientes procelas. Talvez agora ela possa apaziguar uma. E se a Lei triunfar?

Se a Lei triunfasse... também isto significaria o declínio e a morte deste mundo. Todos seremos esquecidos. No entanto, se o Caos vencer... então a peste poluirá o próprio ar, a agonia voará com o vento e a miséria horripilante dominará um mundo conturbado pela magia e pelo ódio. Mas tu, Elric, com tua espada e nossa ajuda, podes prevenir isto. Deves fazê-lo.

Então, que seja feito — disse Elric tranquilamente. — E se deve ser feito, que seja feito bem.

Em breve serão mobilizados exércitos para marcharem contra o poderio de Pan Tang — disse Sepiriz. — Tais exércitos deverão constituir nossa primeira defesa. Posteriormente, nós te convocaremos para que cumpras o restante de teu destino.

Cumprirei minha parte com prazer — respondeu Elric — pois, além de tudo mais, estou decidido a castigar o Teocrata pelos insultos e pelos dissabores que me causou. Ainda que talvez ele não haja instigado o sequestro de Zaro-zínia, auxiliou aqueles que o fizeram, e por isso morrerá lentamente.

Vai, então, depressa, pois cada momento perdido permite ao Teocrata consolidar ainda mais seu novo império.

Adeus — disse Elric, agora mais que nunca ansioso por deixar Nihrain e regressar a terras familiares. — Sei que voltaremos a nos encontrar, Sepiriz, mas oxalá isto aconteça em épocas mais calmas que esta!

Os três marchavam em direção ao nascente, rumo à costa de Tarkesh, onde esperavam encontrar um navio secreto que os levasse pelo Mar Pálido até Ilmiora e dali a Karlaak. Montavam seus cavalos nihrainianos mágicos, descuidados do perigo, através de um mundo arrasado pela guerra, arruinado pelo tacão do Teocrata.

Elric e Zározínia trocavam muitos olhares, mas pouco falavam, pois sentiam-se ambos tolhidos pelo conhecimento de algo de que não podiam falar, que não ousavam admitir. Sabiam que não teriam muito tempo juntos, mesmo quando voltassem a Karlaak. Zározínia via que Elric sofria e sofria ela também, incapaz de compreender a mudança que ocorrera em seu marido, consciente apenas de que a espada negra à sua cinta nunca mais voltaria a descansar na sala de armas. Sentia que havia desapontado o marido, embora não fosse verdade.

Ao chegarem ao cimo de um monte e avistarem um rolo de fumo que subia, negro e denso, das planícies de Toraunz, antes formosas, agora desoladas, Dyvim Slorm gritou às costas de Elric e de sua mulher:

Uma coisa, primo! Aconteça o que acontecer, temos de nos vingar do Teocrata e de seu aliado!

Elric apertou os lábios.

Sim — respondeu, olhando novamente para Zározínia, que tinha os olhos postos ao chão.

Finalmente o mar estava à vista, rolando em direção ao horizonte delimitado por um céu fervilhante, quando Elric ouviu um clamor à sua direita e voltou-se para avistar um vulto montado que corria em sua direção. Levou a mão à espada e esperou, enquanto Dyvim Slorm e Zározínia detinham os cavalos atrás dele. Então reconheceu o cavaleiro e sorriu.

Moonglum! Como chegaste aqui? Como vieste às Terras do Ocidente?

O homenzinho ruivo, apesar de cansado da viagem, sorria de orelha a orelha ao deter o cavalo.

Recebi notícias de tuas dificuldades e vim ajudar-te... mas encontrei estas terras metidas numa briga dos diabos, ninguém soube dar informações

certas sobre o que fora feito de ti e eu estava regressando na esperança de descobrir alguma coisa. Tens notícia do que está havendo no Sul?

Não. Sei apenas que Jagreen Lern atacará assim que puder.

Eles também chegaram a esta conclusão, mas discutem quanto à melhor maneira de enfrentar o ataque. Kargan, Senhor da Ilha das Torres Púrpuras, um homem rude, mas honesto, tentou uma aliança com os orgulhosos Príncipes Mercadores das nações do continente, mas estes rejeitaram sua proposta e o insultaram. Por isso, agora estão divididos. Precisam de ti para uni-los, Elric.

Nesse caso, é melhor que nos apressemos a chegar — respondeu Elric. — Desejamos contratar um navio. Qual é a situação nos portos conquistados?

Muitos já zarparam para o Sul e os comandantes têm medo de levar mais gente, por recearem a ira de Jagreen Lern, mas pode-se conseguir um barco.

Bem, vamos tentar.

Moonglum cavalgou ao lado do amigo enquanto o pequeno grupo tomava o caminho do porto mais próximo de Nio.

Nio era uma cidadezinha onde o comércio já quase desaparecera de todo. Ocupava-se principalmente da pesca, porém alguns mercadores ainda atracavam ali. Entraram em contato com os capitães, oferecendo suborno, mas somente Lans Burta, mestiço de Pan Tang e Tarkesh, foi bastante cobiçoso para aceitar. Seu rosto pálido denotava preocupação ao encarar os quatro numa taverna malcheirosa perto do cais.

Levarei a moça — disse — mas a magia de Jagreen Lern é poderosa. Seria capaz de pressentir pelo faro um inimigo como tu, Senhor Elric. Não me arriscarei a levar-te.

Ela não viajará só — declarou Elric categoricamente, levantando -se.

Então... mais um pessoa — apressou-se Burta a dizer. — Ele... ou ele... — disse, apontando ora para Dyvim Slorm, ora para Moonglum.

Moonglum olhou para Elric.

Prefiro ficar contigo, Elric... como no passado, mas...

Elric assentiu.

Então Dyvim Slorm escoltará Zarozínia até à casa. Procuraremos um outro barco para nós. Um desses barcos de pesca serviria. E nos arriscaremos a fazer a travessia num deles.

Lans Burta franziu o cenho.

As águas estão infestadas de estranhas pestes, Senhor. A influência do Caos é poderosa sobre elas.

Não importa. É melhor assim.

Muito bem — disse o mestiço. Agora, discutamos as condições.

Acertadas as condições e feitas as despedidas, Elric e Moonglum desceram até o cais onde os barcos de pesca se encontravam, a fim de escolherem o melhor.

## Capítulo 7

A madrugada chegou como que boiando sobre o horizonte, revelando um balouçante deserto de águas cinzentas, sem qualquer terra à vista. O vento amainara e o ar estava mais tépido. Muralhas de nuvens purpurinas, com filetes escarlates e pardacentos, amontoavam-se no céu, como a fumaça de alguma pira monstruosa. Daí a pouco estavam todos suando sob um sol escaldante e o vento caíra tanto que a vela quase não se movia. Ao mesmo tempo, porém, o mar tornou-se encapelado como que atingido por uma borrasca.

O mar movia-se como um ser vivo debatendo-se num sono cheio de pesadelos. Moonglum olhou para Elric do lugar onde se encontrava estirado na proa da embarcação. Elric devolveu o olhar, sacudindo a cabeça e largando a cana do leme, que segurava quase sem atentar ao que fazia. Era inútil procurar governar o barco naquelas condições. A embarcação estava sendo sacudida por vagas descomunais, embora a água não a invadisse nem os molhasse. Tudo se tornara irreal, como num sonho, e por um momento Elric teve a impressão de que mesmo que desejasse falar não o conseguiria.

Então, primeiro bem distante, ouviram um zumbido cavo que logo se transformou num guincho estridente. De repente, o barco foi atirado quase num vôo sobre os vagalhões e empurrado para um vórtice. Acima deles, a água azul e prateada assemelhou-se por um momento a uma parede de metal. Depois, precipitou-se sobre eles.

Arrancado ao torpor que o dominava, Elric agarrou-se ao leme, gritando:

— Segura-te ao barco, Moonglum! Segura-te ou estás perdido!

Uma massa de água morna despenhou-se aos turbilhões, esmagando-os como mãos gigantes. O barco mergulhava cada vez mais fundo, deixando a impressão de que iria até o leito do mar. De repente, porém, começaram a subir outra vez, logo voltando a descer. Elric teve uma visão fugaz da superfície em ebulição, avistando três montanhas que irrompiam

verticalmente do oceano, vomitando chamas e lava. O barco oscilava, meio cheio de água, e os três puseram-se a esvaziá-lo freneticamente enquanto as vagas o sacudiam de um lado para outro, aproximando-o cada vez mais dos recém-formados vulcões.

Elric largou a vasilha com que esvaziava o bote e atirou todo seu peso contra a cana do leme, forçando o barco a se afastar das montanhas de fogo. Lentamente, começou a tomar a direção oposta.

De onde se encontrava, na popa, Elric viu Moonglum tentando sacudir a vela encharcada. O calor dos vulcões era quase insuportável. Elric olhou para o céu, procurando alguma espécie de augúrio, mas o sol parecia inchado e despedaçado, de modo que tudo que viu foi uma miríade de fragmentos de chamas.

Eis a obra do Caos! — gritou ele para Moonglum. — E acho que isto é apenas um sinal do que pode vir a acontecer.

Devem saber que estamos aqui e querem destruir-nos!

Moonglum enxugou com o dorso da mão o suor que lhe toldava os olhos.

Talvez, mas não creio nisso.

Elric olhou para cima outra vez e o sol parecia quase normal. Fez um cálculo da posição e começou a dirigir o barco para longe das montanhas de fogo. No entanto, estavam muitas milhas afastados de sua rota normal.

Ele planejava cruzar os Estreitos do Caos, porém correntes sobrenaturais haviam tomado a si o controle do bote durante a noite e agora era evidente que se encontravam ao norte dos Estreitos, sendo empurrados rumo ao norte continuamente, em direção ao próprio território de Pan Tang!

Havia certa possibilidade de irem ter a Melniboné, a terra mais próxima além de Pan Tang. Contudo, Elric temia que a Ilha do Dragão não houvesse sobrevivido aos monstruosos maremotos.

O oceano achava-se mais calmo agora, mas a água chegara quase ao ponto de ebulição, de modo que cada gota que lhe caía na pele parecia queimá-lo. As bolhas que se formavam à flor d'água faziam com que tivessem a impressão de navegar num descomunal caldeirão de bruxas. Entretanto, embora continuasse forte, o vento começara a soprar numa única direção e Moonglum suspirou de alívio ao ver a vela inflar-se.

Lentamente, conseguiram estabelecer um curso rumo a noroeste em meio àquelas águas mortíferas, em direção à Ilha de Melniboné, enquanto nuvens de vapor se formavam sobre o oceano e lhes obscureciam a visão.

Horas depois, já haviam deixado para trás as águas aquecidas e navegavam sob céus claros num mar sereno. Permitiram-se dormir. A menos de um dia de viagem chegariam a Melniboné, mas agora sobrevinha o cansaço e admiravam-se de terem sobrevivido à terrível tempestade.

Elric abriu os olhos de repente, chocado. Tinha certeza de que não dormira muito tempo, mas o céu estava negro e caía uma chuvinha fina.

Ao lhe tocarem a cabeça e a testa, as gotas deslizavam como geléia viscosa. Algumas penetraram em sua boca e Elric cuspiu fora a substância acre.

Moonglum! — gritou através da bruma azulada. — Sabes que horas são?

A voz sonolenta do oriental parecia pastosa.

Não sei. Mas juro que ainda não é de noite.

Elric tentou mudar a direção do bote, mas nada conseguiu e olhou pela borda.

Era como se navegassem no próprio céu. Um gás de luminescência baça parecia flutuar em torno do casco, mas não se via nenhum sinal de água. Elric estremeceu. Deixara o plano da terra? Estariam navegando em algum mar tenebroso, sobrenatural? Amaldiçoou-se por dormir, sentindo -se desamparado, mais ainda do que enquanto enfrentava a tempestade. A chuva pesada e gelatinosa caía com vigor e Elric puxou o capuz sobre os cabelos brancos. Tirou da algibeira uma pederneira e o fogo diminuto que conseguiu fazer foi suficiente para mostrar-lhe os olhos semi-enlouquecidos de Moonglum. O rosto do pequeno oriental estava contorcido de terror. Elric jamais vira tamanho medo na face do amigo e sabia que com um pouco menos de auto controle seu próprio rosto assumiria a mesma expressão.

Chegou nossa hora — murmurou Moonglum. — Acho que finalmente estamos mortos, Elric!

Não digas asneiras, Moonglum. Nunca ouvi falar de uma vida além-túmulo como esta.

Secretamente, porém, Elric se perguntava se as palavras de Moon- glum não continham a verdade. A embarcação parecia estar-se movendo celeremente através do mar vaporoso, empurrada ou puxada rumo a algum destino ignorado, como se os deuses lhe determinassem a direção, mas Elric juraria que os Senhores do Caos nada sabiam de seu barco ou de sua missão.

O bote deslocava-se com velocidade cada vez maior até que, com alívio, ouviram o ruído familiar de água que batia contra a quilha e o barco se encontrou novamente sobre águas salgadas. A chuva viscosa prosseguiu ainda por algum tempo e depois também cessou.

Moonglum suspirou ao ver o negrume ceder lugar à luz e ao contemplar outra vez ao seu redor um oceano normal.

O que foi aquilo, então? — perguntou por fim.

Outra manifestação da natureza enlouquecida. — Elric tentava fazer com que sua voz permanecesse calma. — Talvez alguma falha na barreira entre o reino dos homens e o reino do Caos? Não duvides de nossa sorte em sobreviver àquilo. Estamos novamente fora do rumo — disse ele, apontando o horizonte. — Parece que está-se formando lá uma tempestade natural. É possível que alguma entidade sobrenatural haja deliberadamente modificado nossa rota.

Uma tempestade natural eu aceito, por mais perigosa que seja — murmurou Moonglum, fazendo rápidos preparativos, enrolando a vela enquanto o vento aumentava e o mar se tornava picado.

De certa forma, Elric ficou satisfeito quando a tempestade finalmente os alcançou. Pelo menos ela obedecia a leis naturais e podia ser enfrentada através de meios naturais. A chuva lhes refrescava os rostos, o vento agitava seus cabelos e eles lutavam contra a borrasca com uma alegria intensa, enquanto o botezinho cavalgava as ondas. No entanto, apesar disso estavam sendo impelidos cada vez mais em direção a nordeste, rumo às costas conquistadas de Shazar, do lado contrário a onde pretendiam ir.

A procela se abateu sobre eles até que todos os pensamentos de destino e perigos sobrenaturais foram expulsos de suas mentes, seus músculos doíam e eles arfavam com o choque das ondas frias nos corpos encharcados.

O barco rolava e saltava, suas mãos sangravam devido à força com que se agarravam ao madeirame e às cordas, mas era como se a Sorte os houvesse escolhido para viver ou talvez ela os poupasse para uma morte menos limpa, pois continuavam a singrar as águas turbulentas.

Então, com um sobressalto, Elric viu a aproximação de rochas e Moonglum gritou ao reconhecê-las:

*Os Dentes da Serpente!*

Os Dentes da Serpente localizavam-se perto de Shazar e eram um dos mais temidos perigos para os mercadores que faziam cabotagem nas águas

ocidentais. Elric e Moonglum já os tinham visto no passado, a distância, mas agora a tempestade os empurrava para perto deles. Embora lutassem para manter o barco afastado, parecia que iriam morrer naqueles rochedos denteados.

Um vagalhão irrompeu sob a embarcação, levantou-a e a deixou cair. Elric agarrou-se à borda e julgou ouvir o grito espavorido de Moonglum por sobre o fragor da tempestade antes de serem arremessados em direção aos Dentes da Serpente.

*Adeus!*

Houve então o barulho terrível de madeiras que se despedaçavam, a sensação de rochas aceradas que lhe laceravam as carnes e Elric viu-se submergido pelas ondas, lutando por chegar à superfície para respirar antes que outra vaga o impelisse e o atirasse novamente contra o penhasco.

Desesperado, atrapalhado pelo espadagão que lhe pendia da cinta, tentou nadar em direção aos penhascos de Shazar, consciente de que, mesmo sobrevivendo, o Destino o colocaria em praias inimigas. Suas possibilidades de atingir as terras do Sul eram agora mais remotas que nunca.

## Capítulo 8

Elric jazia exausto no cascalho frio, escutando o som melodioso das águas ao refluírem por entre as pedras. Um outro som juntou-se ao da arrebentação, e ele o identificou como o ranger de botas. Alguém se encaminhava para ali. Em Shazar, era mais que provável que se tratasse de um inimigo. Elric rolou sobre si mesmo e começou a pôr-se de pé, recorrendo às últimas reservas de seu organismo combalido. A mão direita já quase sacara *Stormbringer* por completo antes que ele percebesse que era Moon-glum, exausto, que se abria num sorriso diante dele.

Graças a Deus, estais vivo! — Moonglum abaixou-se e recostou-se no cascalho, escorando-se nos braços, contemplando o mar, agora calmo, e os Dentes da Serpente, que se viam a distância. — E creio mesmo que os deuses tiveram algo que ver tanto com nosso naufrágio quanto com o salvamento.

De fato, estamos vivos! — concordou Elric, acororado e com uma expressão soturna. — Contudo, o que não posso prever é quanto tempo duraremos nesta terra arruinada.

Moonglum sacudiu a cabeça e desatou a rir.

Ainda és o mesmo pessimista de sempre, amigo. Agradece aos céus por estares vivo, digo eu.

Pequenos favores são inteiramente inúteis neste conflito — disse Elric. — Descansa agora, Moonglum, enquanto vigio, e depois tomarás meu lugar. Não havia tempo a perder quando começamos esta aventura, e agora já perdemos vários dias.

Moonglum nada replicou, mergulhando no sono imediatamente.

Quando despertou, bastante mais descansado, embora os músculos ainda lhe doessem, Elric dormiu até a lua estar alta e refulgir no céu limpo.

Caminharam durante a noite e logo a relva esparsa da costa começou a dar lugar a terras úmidas e enegrecidos. Era como se um holocausto se houvesse abatido sobre a região, seguido por uma tempestade que deixara

atrás de si um pântano de cinzas. Recordando-se das campinas relvadas daquela parte de Shazar, Elric sentiu-se horrorizado, incapaz de dizer se tal destruição indiscriminada fora causada por homens ou por criaturas do Caos.

Aproximava-se o meio-dia, com uma insinuação de estranhas perturbações no céu pontilhado de brilhantes nuvens, quando avistaram uma longa fileira de pessoas que se dirigia na direção deles. Deitaram-se atrás de uma pequena elevação, espreitando cautelosamente enquanto o grupo se aproximava. Não eram soldados inimigos e sim mulheres esqueléticas, crianças famintas e homens esfarrapados que cambaleavam, bem como alguns cavaleiros cansadíssimos, evidentemente, remanescentes de algum bando de membros da resistência organizada contra Jagreen Lern.

Creio que encontraremos aí amigos — sussurrou Elric, aliviado — e talvez algumas informações que nos ajudem.

Levantaram-se e se encaminharam para o grupo. Os cavaleiros rapidamente se colocaram em posição em torno dos civis, sacando suas armas, mas antes que se pronunciassem quaisquer desafios alguém gritou entre as fileiras cerradas:

Elric de Melniboné! Elric... vieste com notícias de socorro?

Elric não reconheceu a voz, mas sabia que seu rosto era conhecido por toda parte, pela pele branca e os brilhantes olhos escarlates.

Eu mesmo procuro socorro, amigo — respondeu ele com mal simulada displicência. — Naufragamos nas costas desta terra enquanto procurávamos ir buscar socorro no Sul, mas a menos que encontremos outro barco, são ínfimas nossas possibilidades.

Para que rumo navegavas, Elric? — indagou o desconhecido.

Para o Sul, como disse.

Então ias na direção errada!

Elric endireitou as costas e tentou vislumbrar seu interlocutor no grupo.

Quem és tu para nos dizer isto?

Houve uma agitação no grupo e um homem recurvado, de meia idade, cujo rosto claro era adornado por bigodes longos e recurvos, adiantou-se, apoiando-se num cajado. Os cavaleiros recuaram seus animais, para que Elric o pudesse ver direito.

Chamam-me Ohada, o Vidente, outrora famoso em Aflitain como oráculo. Mas Aflitain foi arrasada no saque de Shazar e tive bastante sorte

para escapar com este punhado de pessoas, todas elas de Aflitain, uma das últimas cidades a cair diante do poderio mágico de Pan Tang. Trago uma mensagem de grande importância para ti, Elric. Destina-se apenas aos teus ouvidos e recebi-a de alguém que tu conheces, alguém capaz de ajudar a ti e, indiretamente, a nós.

Despertaste minha curiosidade e aumentaste minha esperança — disse Elric, fazendo um aceno com a mão. — Vem, vidente, transmite tuas boas novas e esperemos que tudo seja tão bom como fazes crer.

Moonglum recuou um passo enquanto o vidente se aproximava. Tanto ele como os outros assistiram com curiosidade ao homem murmurar junto a Elric o que tinha a dizer. O próprio Elric teve de apurar os ouvidos para escutar.

Trago uma mensagem de um homem estranho chamado Sepiriz. Diz que foi ele quem mandou a tempestade mas que há algo que tu deves fazer e que é impossível para ele. Recomenda que vás à cidade escavada e que lá ele te dará maiores esclarecimentos.

Sepiriz! Mas se o deixei faz tão pouco tempo! Como entrou em contato contigo?

Sou clarividente. Ele veio a mim em sonhos.

Tuas palavras podem ser enganosas, destinadas a me pôr nas mãos de Jagreen Lern.

Sepiriz acrescentou uma coisa ao que disse. Falou que nos deveríamos encontrar exatamente neste lugar. Poderia Jagreen Lern saber disto?

É improvável... Mas, dentro do mesmo raciocínio, alguém poderia saber disto? — Elric balançou a cabeça. — Obrigado, vidente. — Depois, gritou para os cavaleiros: — Precisamos de uma parilha de cavalos... os melhores que houver!

Nossos cavalos são valiosos para nós — resmungou um guerreiro, cuja armadura caía aos pedaços. — São tudo que temos.

Meu companheiro e eu temos de andar depressa para que possamos salvar o mundo do Caos. Vamos, arrisca uma parilha de cavalos contra a possibilidade de vingança contra teus conquistadores!

Muito bem, então.

O guerreiro desmontou e o mesmo fez o homem ao seu lado. Conduziram seus cavalos a Elric e Moonglum.

Elric segurou as rédeas e saltou para a sela, enquanto a enorme espada mágica batia contra suas pernas.

Vingar-me-ei — disse ele. — Quais são vossos planos agora?

Continuaremos a luta, da melhor maneira que pudermos.

Não seria mais sensato buscar refúgio nas montanhas ou nos Pântanos da Bruma?

Se houvesse assistido à desgraça e ao terror que é o domínio de Jagreen Lern, não dirias tal — retrucou o guerreiro pesarosamente. — Embora não possamos esperar vencer um inimigo cujos servos fazem com que a própria terra se agite como o oceano, ordenam que as nuvens se precipitem sobre a terra numa chuva salgada e invocam nuvens verdes que descem e matam crianças de maneiras horrendas, nós nos vingaremos como pudermos. Esta parte do continente está em calma, comparada com o que sucede alhures. Formidáveis mudanças geológicas estão ocorrendo. Não reconhecerias uma colina ou uma floresta a dez milhas ao norte daqui. E aqueles por quem passas um dia podem ter-se modificado ou desaparecido no dia seguinte.

Assistimos a alguma coisa parecida em nossa própria jornada por mar — concordou Elric. — Desejo-te uma longa vida de vinganças, amigo. Eu mesmo tenho contas a ajustar com Jagreen Lern e seu cúmplice.

Seu cúmplice? Referes-te ao Rei Sarosto de Dharijor? — Um sorriso de mofa vincou o rosto marcado do guerreiro. — Não te vingará de Sarosto. Foi assassinado logo depois de nossas tropas serem aniquiladas na batalha de Sequa. Embora nada ficasse provado, é notório que foi morto por ordem do Teocrata, que agora governa sem contestação. — O guerreiro deu de ombros. — E quem pode resistir muito tempo a Jagreen Lern? Quanto mais a seus capitães!

Quem são esses capitães?

Ora, ele chamou, para auxiliá-lo, os Duques do Inferno. Se eles aceitarão por muito tempo seu domínio, não sei. Nosso palpite é que Jagreen Lern será o próximo a morrer... e então o Inferno reinará em seu lugar!

Espero que não — disse Elric, devagar —, pois não quero ser privado de minha vingança.

O guerreiro suspirou.

Com os Duques do Inferno aliados a ele, Jagreen Lern em breve dominará o mundo.

Rezemos para que eu encontre um meio de dar fim a essa maldita aristocracia e cumprir meu juramento de matar Jagreen Lern — disse Elric.

Com um gesto de agradecimento aos dois cavaleiros, virou o cavalo em direção às montanhas de Jharkor, seguido por Moonglum.

Tiveram pouco descanso durante a perigosa viagem até a cidade de Sepiriz nas montanhas, pois, como o guerreiro lhes dissera, o próprio chão parecia ter vida e a anarquia reinava em toda parte. Mais tarde, Elric pouco se recordava, exceto de uma sensação de horror completo e o ruído de guinchos insólitos em seus ouvidos, cores sombrias, ouro, vermelhos, azuis, negro e o alaranjado resplendente que por toda parte era o sinal do Caos no mundo.

Ao chegarem às regiões montanhosas perto de Nihrain, verificaram que ali o reino do Caos não era tão completo como em outras terras. Isto provava que Sepiriz e seus nove irmãos negros estavam exercendo pelo menos algum controle sobre as forças que ameaçavam engoli-los.

Avançavam cada vez mais fundo, em direção ao âmago daquelas montanhas antigas, através de estreitos desfiladeiros de rochas negras e altas como torres, ao longo de traiçoeiras sendas, desciam encostas onde pedras soltas pareciam prestes a provocar uma avalanche. Aquelas eram as montanhas mais velhas do mundo e encerravam um dos mais venerandos segredos da Terra: o domínio da imortal Nihrain, que governara durante séculos, antes do advento dos melnibonenses. Por fim chegaram à Cidade Escavada de Nihrain, a seus palácios majestosos, a seus templos e fortalezas talhados no granito negro, ocultos nas profundidades do abismo que parecia interminável. Praticamente apartada de toda a luz solar, ela meditava ali desde tempos imemoriais.

Dirigiram por trilhas estreitas os cavalos relutantes até chegarem a um imenso portal, cujas pilastras representavam figuras de titãs e semi-homens. Moonglum abafou um brado de assombro e permaneceu em silêncio, emudecido pela força do gênio capaz ao mesmo tempo de realizar as façanhas gigantescas de uma portentosa obra de engenharia e de uma arte poderosa.

Nas cavernas, também entalhadas com cenas das lendas de Nihrain, aguardava-os Sepiriz, com um sorriso de boas-vindas no rosto de ébano.

Saudações, Sepiriz!

Elric desmontou e permitiu que escravos cuidassem de sua montaria. Moonglum o imitou, um pouco fatigado.

Sinto muito ter-te chamado tão depressa... mas Jagreen Lern agiu mais depressa do que eu previa.

Sepiriz apertou os ombros de Elric.

Me disseram. Já convocou os Príncipes Negros.

É verdade. Nós próprios estávamos tentando entrar em contato com os Príncipes Brancos, com a ajuda, até recentemente, dos magos eremitas da Ilha dos Bruxos, mas a esquadra de Jagreen Lern destruiu a ilha e o Caos frustrou nossas tentativas de socorrer os eremitas. Meus irmãos ainda estão fazendo o possível para encontrar os Príncipes Brancos nos planos superiores. Entretanto, há trabalho por aqui a ser desempenhado por ti e tua espada. Vinde à minha câmara e matai a sede. Temos um vinho que vos revitalizará e depois que houverdes bebido uma taça direi qual a missão que o Destino vos reservou agora.

Sentado em sua cadeira, bebericando o vinho e olhando em torno do sombrio aposento privado de Sepiriz, iluminado apenas pelo fogo que ardia em vários pontos, Elric vasculhava a memória à procura de alguma pista para as impressões não identificadas que pareciam vagar pouco abaixo da superfície de sua consciência. Havia algo de misterioso com relação ao aposento, um mistério que não era criado unicamente por sua vastidão e pelas sombras que o tomavam. Sem saber por que, Elric pensava que, embora fosse limitado por quilômetros e quilômetros de rocha maciça em todas as direções, o salão não possuía dimensões passíveis de serem medidas pelos meios ordinários. Era como se ele se estendesse a planos que não obedeciam ao tempo e ao espaço terrenos, planos na verdade fora de qualquer tempo e de qualquer espaço. Sentia que se tentasse atravessar o aposento de uma parede a outra poderia caminhar eternamente sem jamais alcançar o lado oposto. Procurou afastar da mente esses pensamentos e depôs a taça, inspirando profundamente. Sem dúvida o vinho o revigorava e relaxava. Apontou para a jarra de vinho sobre a mesa de pedra e disse a Sepiriz:

É muito fácil um homem adquirir o vício dessa beberagem!

Já me viciiei — disse Moonglum, rindo, servindo-se de outra taça.

Sepiriz balançou a cabeça.

Nosso vinho possui uma estranha propriedade. Agrada ao paladar e revigora o organismo. Entretanto, uma vez recobradas as forças, o homem que o bebe sente-se nauseado. É por isso que ainda temos algum de sobra. Mas nosso estoque já está terminando... as vinhas de que era feito há muito desapareceram da Terra.

Uma poção mágica! — disse Moonglum, recolocando a taça sobre a mesa.

Sim, se queres chamá-lo assim. Elric e eu pertencemos a uma época anterior, quando aquilo a que denominas magia fazia parte da vida normal e quando o Caos reinava inteiramente, embora de modo mais sereno que hoje. É provável que vós, os homens dos Jovens Reinos, tenhais razão em suspeitar da magia, pois se alcançarmos êxito em preparar o mundo para a Lei é provável que encontreis bebidas semelhantes através de processos mais trabalhosos, mas que podereis entender melhor.

Duvido — disse Moonglum, rindo outra vez. — E falas como se fosse fácil aprender as ciências ocultas. Pelo que ouço dizer, um homem tem de ser gênio para dominá-las.

Sepiriz sorriu.

Nos dias que correm, isso é verdade.

Elric suspirou.

Se não tivermos mais sorte do que tivemos até aqui, veremos o Caos desencadeado sobre a Terra e a Lei vencida para sempre.

E estaremos em maus lençóis se a Lei triunfar, hein?

Sepiriz serviu-se de outra taça de vinho.

Moonglum olhou detidamente para Elric, compreendendo um pouco melhor o dilema nada invejável em que se encontrava o amigo.

Disseste que havia mais trabalho para mim e minha espada, Sepiriz — disse Elric. — Do que se trata?

Já sabes que Jagreen Lern convocou alguns dos Duques do Inferno para chefiar seus homens e manter sob controle as terras que conquistou?

Já sei.

Compreendes o significado disto? Jagreen Lern conseguiu fazer uma brecha respeitável na barreira construída pela Lei, que no passado impedia que as criaturas do Caos governassem inteiramente o planeta. À medida em que aumenta seu poder, Lern amplia essa brecha cada vez mais. Isto explica como ele pôde mobilizar tão poderosa parcela da nobreza do Inferno quando, no passado, era tão difícil trazer um deles ao nosso plano. Entre eles está Arioch...

Arioch!

Arioch sempre fora o demônio-padroeiro de Elric, o deus maior cultuado por seus antepassados. O fato de as coisas já terem chegado a esse ponto o convencia, mais que qualquer outra coisa, de que agora ele se encontrava de todo proscrito, desamparado tanto pela Lei como pelo Caos.

Teu único aliado sobrenatural mais próximo é tua espada — disse Sepiriz, melancolicamente. — E, talvez, suas irmãs.

Irmãs? Irmãs? Que irmãs? Só existe a irmã-espada *Mournblade*, em poder de Dyvim Slorm.

Lembras que eu te disse que as espadas gêmeas eram apenas uma manifestação terrena de suas realidades sobrenaturais? — perguntou Sepiriz calmamente.

Sim.

Bem, posso dizer-te agora que a entidade "real" de *Stormbringer* está relacionada a outras forças sobrenaturais em outro plano. Sei como invocá-las, mas essas entidades são também criaturas do Caos e, assim, no que te diz respeito, um pouco difíceis de serem controladas. Poderiam até voltar-se contra ti. *Stormbringer*, como já descobriste no passado, está ligada a ti por vínculos ainda mais fortes que aqueles que a unem às suas irmãs, bem menos potentes. No entanto, são mais numerosas e talvez *Stormbringer* não fosse capaz de te proteger contra elas.

Por que eu nunca soube disto?

Sabias, de certa maneira. Lembras-te das ocasiões em que apelaste aos Senhores do Mal e teu apelo foi atendido?

Sim. Queres dizer que a ajuda foi propiciada pelas irmãs de *Stormbringer*?

Muitas vezes, sim. Elas já se acostumaram a acorrer em teu socorro. Não dispõem daquilo que eu e tu chamaríamos de inteligência, embora tenham sensibilidade. Por isso, não estão fortemente ligadas ao Caos como seus outros servos dotados de raciocínio. Elas podem ser controladas, pelo menos por alguém que detém o poder que tens sobre uma de suas irmãs. E se necessitares da ajuda delas, terás de decorar um encantamento que mais tarde te ensinarei.

E qual é minha missão?

Destruir os Duques do Inferno!

Destruir os...? Sepiriz, isso é *impossível!* Se são eles os Príncipes do Caos, um dos grupos mais poderosos em todo o Reino do Acaso! Sepiriz, não posso cumprir essa missão.

Tens razão. No entanto, controlas uma das armas mais poderosas. Evidentemente, nenhum mortal pode destruir os duques inteiramente. Tudo que pode fazer consiste em bani-los para seu próprio plano, esfacelando a substância que utilizam para se materializar na Terra. Esta é a sua missão.

Já há sinais de que alguns Duques do Inferno, a saber, Arioch, Balan e Maluk, privaram Jagreen Lern de parte do seu poder. O idiota ainda acredita que pode governar um poder sobrenatural como o que eles representam. Talvez lhes convenha deixar que ele pense assim, mas o certo é que, com esses aliados, Jagreen Lern pode destruir as terras do Sul com um mínimo de gasto em armas, navios ou homens. Sem eles, poderia ainda fazê-lo, mas seria preciso mais esforço e mais tempo, com o que teríamos ligeira vantagem para nos prepararmos enquanto ele subjuga os sulistas.

Elric não se deu ao trabalho de perguntar a Sepiriz como sabia da decisão dos sulistas de resistirem a Jagreen Lern por seus próprios meios. Era óbvio que Sepiriz gozava de inúmeros poderes, como ficara provado por sua capacidade de entrar em contato com ele através do vidente.

Jurei auxiliar as terras do Sul apesar da recusa dos sulistas em se porem ao nosso lado contra o Teocrata — disse Elric calmamente.

E cumprirás teu juramento... destruindo os duques, se poderes.

Destruindo Arioch, Balan e Maluk...

Elric sussurrou os nomes, temeroso de que apenas isto bastasse para os invocar.

Arioch sempre foi um demônio pouco prestativo — observou Moonglum. — Muitas vezes no passado negou-se a te ajudar, Elric.

Porque já sabia mais ou menos que tu e ele viriam a se digladiar no futuro — disse Sepiriz.

Embora o vinho lhe houvesse revigorado o corpo, a mente de Elric estava a ponto de rebentar. A tensão em sua alma chegava quase ao ponto de ruptura. Lutar contra o deus-demônio de seus ancestrais... O velho sangue ainda corria com força em suas veias, as antigas lealdades ainda se faziam sentir.

Sepiriz levantou-se e apertou o ombro de Elric, seus olhos negros fixando-se nos escarlates do monarca de Melniboné.

Te comprometeste a realizar essa missão, lembra?

Sim estou comprometido... mas, Sepiriz... os Duques do Inferno... Arioch... eu... ah, eu queria estar morto agora!

Tens muito o que fazer antes de te ser permitida a morte, Elric — disse Sepiriz serenamente. — Deves compreender o quanto tu e tua espada são importantes para a causa do Destino. Lembra-te do teu compromisso!

Elric empertigou-se, balançando a cabeça vagamente.

Mesmo que eu soubesse disso antes, ainda assim faria aquele juramento. Mas...

O quê?

Não deposites muita confiança em minha capacidade para realizar essa proeza, Sepiriz.

O negro nihrainiano nada respondeu. O rosto de Moonglum, normalmente animado, mostrava-se grave e tristonho ao contemplar Elric de pé na sala majestosa, com a luz das fogueiras fazendo as sombras dançarem ao seu redor. O albino tinha os braços cruzados ao peito, a espada enorme pendia de sua cinta e uma expressão de estupefação toldava seu rosto. Sepiriz saiu para as trevas e voltou logo depois com uma tabuinha branca na qual estavam gravadas antigas inscrições. Entregou-a ao albino.

Aprende o encantamento de cor — disse — e depois destrói a tabuinha. Mas, lembra-te, usa-o somente na mais extrema adversidade. Como te avisei, as irmãs de *Stormbringer* podem se recusar a te ajudar.

Com esforço, Elric controlou suas emoções. Muito tempo depois de Moonglum ter saído a fim de repousar, estudou o encantamento sob a orientação do nihrainiano, aprendendo não só a pronúncia-lo como também assimilando as circunvoluções da lógica que tinha de compreender e o estado de espírito em que deveria colocar-se para que o encantamento surtisse efeito.

Quando tanto ele como Sepiriz ficaram satisfeitos, Elric deixou-se acompanhar por um escravo aos seus aposentos, mas adormeceu com dificuldade, passando a noite num tormento inquieto. Ao vir acordá-lo na manhã seguinte, o escravo o encontrou inteiramente vestido e pronto para a viagem a Pan Tang, onde se achavam reunidos os Duques do Inferno.

## **Capítulo 9**

Pelas terras arrasadas do Ocidente cavalgavam Elric e Moonglum, em seus robustos ginetes nihrainianos, que não pareciam necessitar de qualquer repouso e que não conheciam o medo. Os cavalos de Nihrain constituíam um presente inestimável, pois certos poderes adicionais complementavam a força e resistência incríveis que possuíam. Sepiriz lhes contara que, na verdade, aqueles corcéis não tinham plena existência no plano terreno e que seus cascos não tocavam o chão num sentido rigoroso, pois tocavam a substância do outro plano. Isto fazia com que parecessem ter capacidade para galopar no ar... ou na água.

Cenas de terror eram vistas por toda parte. De certa feita assistiram a um incidente medonho: uma multidão enfurecida e possesa destruindo uma aldeia construída em volta de um castelo. O próprio castelo se achava em chamas e no horizonte uma montanha vomitava fumo e fogo: mais um vulcão em terras onde anteriormente não existiam. Embora os vândalos tivessem forma humana, eram criaturas degeneradas, que derramavam e bebiam sangue com a mesma displicência. Comandando-os, sem parecer participar da orgia, Elric e Moonglum viram o que se diria ser um cadáver montado no esqueleto vivo de um cavalo, adornado com atavios reluzentes, tendo na mão uma espada flamejante e na cabeça um elmo dourado.

Fugiram da aldeia e passaram por ali velozmente, em meio a névoas que tinham o aspecto e o cheiro de sangue, sobre rios caudalosos amaldiçoados com a morte, por florestas farfalhantes que pareciam segui-los, sob céus muitas vezes cheios de vultos horripilantes, transportando cargas ainda mais horríveis.

Outras vezes encontravam grupos de guerreiros, muitos deles com as armaduras e as cores das nações conquistadas, porém corruptos e obviamente vendidos ao Caos. Combatiam-nos ou os evitavam, dependendo das circunstâncias, e quando por fim atingiram os penhascos de Jharkor e avistaram um mar por onde chegariam à ilha de Pan Tang, tinham

consciência de que haviam viajado por uma terra onde se instalara o Inferno.

Galoparam pelos penhascos, muito acima do mar encapelado e cinzento. O céu baixo mostrava-se carregado e frio. Depois desceram até à praia para fazerem uma pausa à beira da água.

— Vamos! — gritou Elric, atirando o cavalo adiante. — Para Pan Tang!

Quase sem parar, cavalgaram seus cavalos mágicos sobre a água em direção à demoníaca ilha de Pan Tang, onde Jagreen Lern e seus terríveis aliados preparavam-se para fazer vela e esmagar a força marítima do Sul antes de conquistarem as próprias terras meridionais.

Elric! — bradou Moonglum por cima do vento uivante. — Não devemos avançar com mais cuidado?

Cuidado? De que vale o cuidado se os Duques do Inferno decerto sabem que seu servo réprobo vem lutar contra eles!

Moonglum comprimiu os lábios finos, pois Elric se encontrava num estado de espírito que não permitia contestação.

Já se viam agora os penhascos sombrios de Pan Tang, pressagos e batidos pelas ondas. O mar gemia ao se chocar contra eles como se sofresse uma tortura especial que o Caos era capaz de infligir à própria natureza.

*Além disso, em volta da ilha pairava uma escuridão característica, cambiante e em contínua transformação.*

Penetraram na escuridão assim que os cavalos nihrainianos alcançaram a costa íngreme e rochosa de Pan Tang, um lugar que sempre fora dominado por seus lúgubres sacerdotes, uma terrível teocracia que procurava imitar os lendários imperadores-feiticeiros do Império Brilhante de Melni-boné. Todavia, Elric, o último desses imperadores, e agora sem domínios, sabia que as artes ocultas tinham sido naturais e lícitas aos seus antepassados, ao passo que aqueles seres humanos haviam pervertido a si próprios, levando-se a adorar uma sacrílega hierarquia que mal compreendiam.

Sepiriz lhes havia indicado o caminho a seguir, e os dois lançaram-se a galope pela terra turbulenta em direção à sua capital: *Hwamgaarl, a Cidade das Estátuas Uivantes!*

Pan Tang era uma ilha de obsidiana verde e luzidia, que provocava reflexos bizarros, uma rocha que parecia viva.

Daí a pouco avistaram as imponentes muralhas de Hwamgaarl a distância. Ao se aproximarem, um batalhão de espadachins de capas negras,

entoando uma litania particularmente arrepiante, como que brotou do chão para lhes bloquear a passagem.

Elric não tinha tempo a perder com tais personagens, evidentemente um destacamento dos guerreiros-sacerdotes de Jagreen Lern.

Avante, corcel! — bradou, e o cavalo de Nihrain saltou em direção ao céu, passando por cima dos desconcertados sacerdotes com um pulo fantástico.

Moonglum fez o mesmo, zombando dos espadachins enquanto ele e o amigo prosseguiram no galope tonitruante rumo a Hawamgaarl. Seu caminho durante algum tempo esteve livre de obstáculos, uma vez que Jagreen Lern evidentemente contara com que o destacamento detivesse a dupla por muito tempo. Entretanto, quando a Cidade das Estátuas Uivantes se encontrava a pouco mais de um quilômetro de distância, o chão começou a tremer e fissuras monstruosas se abriram aos seus pés. No entanto, isso não os perturbou demasiadamente, pois os cavalos de Nihrain não precisavam caminhar sobre o chão terreno.

O próprio céu acima deles sacudia-se e abalava-se. O negrume raiou-se de filetes de luminoso ébano e das fissuras abertas no chão surgiram formas monstruosas.

Leões com cabeças de abutre, de cinco metros de altura, atiraram -se famintos contra eles, as júbas emplumadas sacudindo-se enquanto se aproximavam.

Para espanto de Moonglum, Elric pôs-se a rir e o oriental achou então que o amigo enlouquecera. No entanto, Elric estava familiarizado com aqueles animais absurdos, uma vez que tinham sido formados por seus antepassados, para seus próprios propósitos, doze séculos antes. Evidentemente, Jagreen Lern descobrira os animais ocultos nas fronteiras entre o Caos e a Terra e os utilizava sem saber exatamente como haviam sido criados.

Palavras antigas se formaram nos lábios finos de Elric, que falou afetuosamente aos gigantescos pássaros-feras. Estes interromperam imediatamente o avanço contra eles, olhando em torno de si, sem saber o que fazer. Era evidente que seus sentimentos estavam divididos. Caudas emplumadas vibraram chicotadas, garras entravam e saíam das patas, arrancando pedaços da obsidiana. Aproveitando-se disto, Elric e Moonglum passaram por eles. Exatamente quando chegavam do outro lado, uma voz

sonolenta, mas irada, vinda do céu, ordenou na Língua Alta de Melniboné, que ainda era a língua de todos os taumaturgos:

*Destruam-nos!*

Um dos leões-abutres lançou-se hesitantemente em direção aos dois cavaleiros. Outro o seguiu, e mais outro, até que todo o grupo disparou contra eles.

Mais depressa! — sussurrou Elric ao cavalo de Nihrain, porém o corcel não conseguia manter a distância que os separava das feras.

Não havia outra alternativa senão voltar. Do fundo mais recôndito de sua memória, Elric buscou certo encantamento que aprendera em criança. Todos os antigos encantamentos de Melniboné lhe haviam sido ensinados por seu pai, com a advertência de que, por esse tempo, muitos deles eram praticamente inúteis. Mas havia um, o encantamento para chamar os leões-abutres, e um outro... Já se lembrava! O encantamento que os devolvia ao domínio do Caos. Daria certo?

Pôs a mente em ordem e procurou as palavras de que necessitava, enquanto as feras arremetiam contra ele.

*Criaturas! Matik de Melniboné vos criou*

*Com o barro da loucura informe!*

*Se desejais viver como sois agora,*

*Desaparecei, ou tornareis a ser o levedo de Matik!*

As criaturas se detiveram e, desesperado, Elric repetiu o encantamento, temeroso de que houvesse cometido um pequeno engano, quer no estado de espírito adequado, quer nas palavras. Moonglum, que se colocara ao lado de Elric, não ousava expressar seus receios, pois sabia que o feiticeiro albino não devia ser molestado enquanto lançava encantamentos. Reprimiu por isso seu pavor quando o primeiro dos animais soltou um rugido cavo.

Elric, entretanto, escutou o som com alívio, pois significava que as feras haviam entendido sua ameaça e ainda se encontravam sob o domínio do encantamento. Devagar, relutantemente, esgueiraram-se pelas fissuras do solo e desapareceram.

Suando, Elric exclamou jubiloso:

A sorte ainda não nos abandonou! Ou Jagreen Leni subestimou meus poderes, ou isso foi tudo quanto ele pôde produzir por si mesmo. Talvez seja outra prova de que foi o Caos que o usou e não o contrário!

Não tentes a sorte falando dela — advertiu Moonglum. — Pelo que me disseste, essas coisas são ninharias em comparação com o que em breve

enfrentaremos!

Elric lançou um olhar de ira ao amigo. Não gostava de pensar na próxima missão.

Agora, aproximavam-se das espessas muralhas de Hwamgaarl. Ao longo delas, inclinadas para a frente a fim de atrapalhar a escalada de possíveis sitiantes, viam as estátuas uivantes: homens e mulheres que Jagreen Lern e seus antepassados haviam transformado em pedra, permitindo-lhes, porém, conservar a vida e o dom da fala. Falavam pouco, mas gritavam muito, seus brados horrendos pairando sobre a cidade como vozes atormentadas dos amaldiçoados que realmente eram. Aquelas lamuriantes ondas sonoras eram horripilantes, mesmo para os ouvidos de Elric, familiarizados com tais sons. Nesse momento, um outro som veio juntar-se aos uivos dos mortos-vivos, quando a pesadíssima grade levadiça do portão maior de Hwamgaarl subiu com um ruído áspero, dando passagem a uma centúria de homens armados até os dentes.

Evidentemente, os poderes mágicos de Jagreen Lern se esgotaram, pelo menos por enquanto, e os Duques do Inferno não se dignam juntar-se a ele para combaterem uma mera dupla de mortais! — exclamou Elric, levando a mão ao punho de sua negra espada.

Moonglum estava sem fala. Em silêncio, sacou ambas as suas espadas, sabendo que tinha de primeiro combater e vencer seu próprio medo, antes de se bater contra os homens que investiam contra ele.

Com um gemido selvagem que afogou os uivos das estátuas, *Stormbringer* saltou de sua bainha e colocou-se nas mãos de Elric, avidamente esperando as novas almas que poderia sugar, aguardando a seiva vital que poderia transmitir a Elric, impregnando-o com uma negra e roubada vitalidade.

Elric quase acovardou-se ao sentir a espada na mão úmida, mas gritou aos guerreiros:

Vede, chacais! Vede esta espada! Forjada pelo Caos para derrotar o Caos! Vinde, deixai que ela beba vossas almas e derrame vosso sangue! Estamos prontos para vós!

Sem esperar mais e seguido por Moonglum, esporeou o corcel nihrainiano contra eles, brandindo a arma à sua volta com algo semelhante à sua antiga alegria.

Agora a simbiose entre Elric e sua espada mágica era tamanha que uma faminta alegria assassina tomou conta dele, a alegria da morte que lhe

infundia uma vitalidade borbulhante e sacrílega nas veias deficientes.

Conquanto mais de uma centena de guerreiros lhe bloqueasse a passagem, Elric abriu uma trilha sangrenta entre eles, enquanto Moonglum, tomado por uma sensação semelhante ao estado de espírito do amigo, mostrava-se igualmente bem sucedido em despachar todos quantos se atiravam a ele. Embora familiarizados com carnificinas, os soldados logo se viram tomados de horror ante a aproximação da uivante espada mágica, que fulgia com uma aura peculiarmente brilhante: uma luz negra que perfurava as próprias trevas.

Gargalhando em seu semi-enlouquecido triunfo, Elric sentia o êxtase impiedoso que devia ter sido a sensação de seus ancestrais há muito tempo, quando conquistaram o mundo e o fizeram dobrar-se ante o Império Brilhante. O Caos estava, com efeito, combatendo o Caos: porém o Caos de uma espécie mais antiga e mais limpa, vinda para destruir os corruptos adventícios que se julgavam tão poderosos quanto os bravos Dragões de Melniboné! Através da passagem ensanguentada que havia aberto nas fileiras dos inimigos, a dupla avançou até o portão, que se levantava como a mandíbula de um monstro diante deles. Sem se deter, Elric cruzou-o às gargalhadas, enquanto os habitantes corriam a se esconder ante sua entrada triunfal, por bizarra que fosse, na Cidade das Estátuas Uivantes.

Para onde vamos? — perguntou Moonglum, já liberto de todo medo.

Ao Palácio-Templo do Teocrata, é claro. É lá que Ariocho e seus pares sem dúvida nos esperam.

Atravessaram as ruas vazias da cidade, orgulhosos e altivos, como se liderassem um exército. Edifícios escuros agigantavam-se sobre eles, porém nem um só rosto assomava às janelas. Pan Tang planejara dominar o mundo, e poderia vir a fazê-lo, mas no momento seus dirigentes estavam inteiramente desmoralizados por aquela cena — dois cavaleiros solitários tomando a cidade de roldão.

Ao chegarem à ampla praça central, Elric e Moonglum detiveram seus cavalos e contemplaram o enorme escrínio de bronze que pendia de correntes no centro da esplanada. Diante dele erguia-se o palácio de Jagreen Lern, uma massa compacta de colunas e torres, ominosamente silencioso. Até mesmo as estátuas haviam cessado seus gritos, e os cascos dos cavalos não arrancavam das pedras nenhum som enquanto Elric e Moon- glum aproximavam-se do sacrário. A espada tingida de sangue ainda

se achava na mão de Elric, que a soergueu ao chegar aos primeiros degraus. O albino vibrou um golpe poderoso contra as cadeias que sustentavam o escrínio. A lâmina sobrenatural penetrou no metal, abrindo os elos. O fragor provocado pela queda do escrínio, espalhando os ossos dos ancestrais de Jagreen Lern, foi ampliado mil vezes pelo silêncio. O barulho ressoou por toda Hwamgaarl e cada um de seus habitantes ainda vivo entendeu o que ele significava.

Eis como te desafio, Jagreen Lern! — gritou Elric, consciente de que também essas palavras seriam escutadas por todos. — Vim pagar a dívida, como prometi! Vem, títere! — Fez uma pausa, pois mesmo seu triunfo não era suficiente para vencer a hesitação que ele sentia ante o que tinha a fazer agora. — Vem! Traz contigo os Duques do Inferno...

Moonglum engoliu em seco, revirando os olhos enquanto observava o rosto contorcido de Elric, mas o albino continuou:

Traz Arioch. Traz Balan. Traz Maluk! Traz contigo os soberbos príncipes do Caos, pois vim para mandá-los de volta ao seu reino eternamente!

O silêncio mais uma vez envolveu o repto terrível e Elric ouviu seus ecos morrerem nos confins da cidade.

## *Capítulo 10*

Elric escutou então um movimento, vindo do interior do palácio. Seu coração bateu dentro da gaiola de ossos, ameaçando rebentar o peito, e pôs-se a palpitar, como prova de sua mortalidade. Escutou um som como o bater de cascos monstruosos e, acima desse ruído, o barulho de passos que deviam ser os de um homem.

Seus olhos estavam fixos nas enormes portas douradas do palácio, semi-ocultas nas sombras projetadas pelas colunas. Silenciosamente, as portas começaram a se abrir. Um vulto corpulento, tornado diminuto pela dimensão das portas, deu um passo à frente e ali se postou, fitando Elric com uma fúria terrível estampada no rosto.

Vestia uma armadura escarlate que brilhava como se aquecida ao rubro. Trazia na mão esquerda um escudo do mesmo material e, na direita, uma espada de aço. Tinha a cabeça estreita e aquilina, com barbas e bigodes negros, cuidadosamente aparados. No elmo trabalhado, a efígie do Tritão de Pan Tang. Numa voz que tremia de fúria, Jagreen Lern disse:

Com que então, Elric, cumpriste afinal parte da tua palavra! Como gostaria de ter-te prostrado por terra em Sequa, quando tive oportunidade, mas na época eu tinha um acordo com Darnizhaan...

Avança, Teocrata — disse Elric, com súbita calma. — Dar-te-ei novamente oportunidade e me baterei lealmente contigo em combate singular.

Jagreen Lern riu.

Lealmente? Com essa espada em tuas mãos? De certa feita bati-me com ela e não pereci, mas agora arde com as almas dos meus melhores guerreiros-sacerdotes. Conheço seus poderes, e não cometeria a tolice de enfrentá-la. Não... É melhor que te batas contra aqueles a quem desafiaste!

Jagreen Lern afastou-se para um lado. As portas abriram-se ainda mais. Se Elric esperava assistir à saída de figuras gigantescas, desapontou-se. Os duques haviam assumido proporções e formas de homens. Entretanto,

pairava em torno deles uma força que impregnava todo o ar. Desdenhando Jagreen Lern, colocaram-se no mais elevado degrau da escadaria.

Elric contemplou seus rostos belos, sorridentes, e estremeceu outra vez, pois havia em seus semblantes uma espécie de amor, um amor mesclado a orgulho e confiança, que fez com que, por um momento, fosse tomado pela ânsia de desmontar e se atirar aos seus pés, suplicando perdão pelo que havia feito. Todos os anéis e a solidão dentro dele pareceram avolumar-se. Aqueles seres formosos o tomariam, o protegeriam, cuidariam dele...

Bem, Elric — disse mansamente o líder deles, Ariocho. — Quer arrepender-se e voltar para nós?

A voz parecia cristalina em sua beleza e Elric chegou a fazer menção de desmontar. Mas então tapou os ouvidos com as mãos, a espada mágica pendurada por uma correia ao pulso, e gritou:

*— Não! Não! Tenho de cumprir minha missão. Teu tempo, como o meu, já passou!*

Não digas isso, Elric — falou Balan, persuasivamente. — Nosso reinado ainda mal começou. Em breve a Terra e todas as suas criaturas serão parte do reino do Caos e então terá início uma era indômita e esplêndida. — Suas palavras penetraram como um sussurro no espírito de Elric. — O Caos jamais foi tão poderoso na Terra... nem mesmo nos tempos primitivos. Nós te faremos grande. Nós te faremos um Príncipe do Caos, igual a nós! Te daremos a imortalidade, Elric. Se te comportares tão tolamente, só te daremos a morte e ninguém se lembrará de ti!

Sei disso. Não gostaria de ser lembrado num mundo governado pela Lei!

Maluk riu suavemente.

Isso jamais sucederá. Neutralizamos todas as manobras da Lei para tentar trazer ajuda à Terra.

E é por isto que deveis ser destruídos! — gritou Elric.

Somos imortais... jamais algo nos poderá matar! — exclamou Ariocho.

Havia em sua voz um laivo de impaciência.

Nesse caso, mandar-te-ei de volta ao Caos de tal maneira que jamais gozarás outra vez de poderes na Terra.

Elric empunhou a espada mágica que estremeceu, gemendo baixinho, como se insegura de si mesma, tal como ele.

Vê! — Balan desceu alguns degraus. — Vê... até tua fiel espada sabe que falamos a verdade!

Falas uma espécie de verdade — disse Moonglum com voz vacilante, estupefato ante sua própria ousadia. — Mas lembro algo de uma verdade maior, uma lei que deveria prevalecer tanto sobre o Caos como sobre a Lei: a Lei do Equilíbrio. Esse equilíbrio prevalece sobre a Terra, estando ordenado que o Caos e a Lei devem obedecê-la. Às vezes o equilíbrio se desfaz, tendendo para um lado, e assim se criam as eras da Terra. Entretanto, uma instabilidade de tamanha magnitude está *errada*. Porventura em

vossa luta, criaturas do Caos, esqueceste disso?

Esquecemos por boas razões, mortal. O equilíbrio pendeu tanto em nosso favor que não pode mais ser ajustado. Triunfamos!

Elric aproveitou essa pausa para recobrar o domínio de si próprio. Sentindo a força dele se renovar, *Stormbringer* reagiu com um ronronado confiante.

Os duques também perceberam e se entreolharam. O belo rosto de Arioach acendeu-se de ira e seu pseudocorpo deslizou pela escadaria em direção a Elric, seguido pelos outros duques. O cavalo de Elric recuou alguns passos.

Um raio de fogo saltou da mão de Arioach e tomou a direção do albino, que sentiu uma dor aguda no peito e cambaleou na sela.

Teu corpo não importa, Elric. Mas imagina um golpe semelhante contra tua alma!

Arioach abandonava o simulacro de paciência.

Elric atirou a cabeça para trás e riu. Arioach se traía. Se ele houvesse permanecido calmo, gozaria de maior vantagem, porém agora se mostrava perturbado, não importando o que tivesse dito ao contrário.

Arioach, tu me ajudaste no passado, me ajudaste a viver. Lamentarás isto!

Ainda há tempo para que eu corrija minha tolice, pretensioso!

Um outro raio saltou em sua direção, porém Elric estendeu *Stormbringer* e viu, com alívio, que a arma o desviava.

No entanto, era certo que contra tal poder não tinham nenhuma possibilidade de vitória, a menos que ele pudesse invocar algum socorro sobrenatural. Contudo, Elric não se arriscava a chamar as irmãs de sua espada mágica. Ainda não. Devia pensar em outros meios. Enquanto ele se esquivava aos raios candentes, com Moonglum, às suas costas, murmurando encantamentos quase impotentes, Elric lembrou-se dos leões-

abutres que mandara de volta ao Caos. Talvez pudesse chamá-los de volta... para uma outra finalidade.

O encantamento estava vivo em sua mente, exigindo apenas um estado mental ligeiramente diferente e uma leve alteração das palavras. Com calma, desviando mecanicamente os raios dos duques, cujas fisionomias se haviam modificado hediondamente, conservando a beleza anterior, mas assumindo uma expressão cada vez mais malévola, Elric pronunciou o encantamento:

*Criaturas! Matik de Melniboné vos criou*

*Com o barro da loucura informe!*

*Se desejais viver, socorrei-me agora.*

*Vinde ter aqui, ou tornareis a ser o levedo de Matik!*

Dos desvãos sombrios da esplanada, saíram à caça os bicudos animais ferozes. Elric gritou para os duques:

Armas mortais não vos podem ofender! Mas estas feras pertencem ao vosso próprio plano. Provai sua ferocidade!

Na estranha língua de Melniboné, ordenou que as feras os atacassem.

Apreensivamente, Arioch e seus pares recuaram para a escadaria, dirigindo eles próprios ordens aos gigantescos animais, mas as criaturas continuavam a avançar, aumentando a velocidade.

Elric viu Arioch berrar, rugir de fúria e depois seu corpo separar-se em diversos pedaços e ressurgir numa forma nova, menos reconhecível, diante do ataque das feras. Repentinamente, tudo era cores estraçalhadas, som estridente e matéria desordenada. Por trás dos demônios, Elric avistou Jagreen Lern correndo em direção ao seu palácio. Desejando ardentemente que as criaturas que invocara conseguissem deter os duques, conduziu seu cavalo ao redor do combate entre aqueles seres extraterrestres e subiu os degraus a galope.

Os dois homens irromperam pelas portas, vendo de relance o aterrorizado Teocrata correndo diante deles.

Teus aliados não eram tão poderosos quanto pensavas, Jargreen Lern! — gritou Elric ao investir contra o inimigo. — Ora, arrivista imbecil, pensaste que teu conhecimento se comparava ao de um menilbonense!

Jagreen Lern começou a subir uma escada em caracol, galgando apressadamente os degraus, demasiado assustado para olhar para trás. Elric riu outra vez e deteve o cavalo, olhando ironicamente para o homem.

Duques! Duques! — soluçava Jagreen Lern enquanto subia. — Não me abandoneis agora!

Achas que essas criaturas conseguirão derrotar a nobreza do Inferno? ! — murmurou Moonglum.

Elric fez que não.

Não espero que consigam, mas se eu acabar com Jagreen Lern, pelo menos isso porá fim às suas conquistas e à sua invocação de demônios.

Esporeou o corcel nihrainiano, fazendo com que subisse pela escadaria em perseguição ao Teocrata, que escutou sua aproximação e projetou-se para o interior de uma sala. Elric ouviu o barulho de barras e trancas.

Ao chegar à porta, destruiu-a com um golpe de espada e logo estava no interior de um pequeno quarto. Jagreen Lern sumira.

Desmontando, Elric dirigiu-se a uma portinhola no canto mais afastado do cômodo e demoliu-a também. Uma escada estreita partia dali, indo levar evidentemente a uma torre. Agora podia fruir sua vingança, pensou, enquanto chegava a uma outra porta no topo da escada e sacava novamente da espada para deitá-la por terra. Apesar da violência do golpe, a porta resistiu.

Maldita coisa, está protegida por magia!

Estava prestes a desferir novo golpe quando ouviu Moonglum chamar insistentemente lá de baixo.

Elric! Elric... Eles derrotaram as criaturas. Estão voltando para o palácio!

Por ora tinha de deixar Jagreen Lern. Desceu a escada aos saltos entrando na sala minúscula e dali saindo para a outra escadaria. No vestíbulo, viu os vultos ondulantes da negra trindade. No meio da escada, Moonglum tremia.

*Stormbringer* — disse Elric — chegou a hora de invocarmos tuas irmãs.

A espada remexeu-se em sua mão, como que anuindo. Elric começou a entoar o difícil encantamento que Sepiriz lhe ensinara. *Stormbringer* gemia num contraponto à cantilena enquanto os duques, esfalfados pela batalha que haviam travado, assumiam diferentes formas e começavam a se erguer ameaçadoramente contra Elric.

Foi então que o albino começou a ver surgirem formas em pleno ar, nebulosas, metade em seu próprio plano, metade no plano do Caos. As

formas vagas se agitaram e, de repente, era como se o ar estivesse ocupado com um milhão de espadas, cada uma delas idêntica a *Stormbringer!*

Agindo por instinto, Elric soltou o punho de sua espada, que também foi juntar-se às outras. Pairou no ar diante delas, que pareceram reconhecer sua autoridade.

Dirige-as, *Stormbringer!* Dirige-as contra os duques... ou teu senhor perecerá e nunca mais sugarás outra alma humana!

A miríade de espadas farfalhou, delas emanando um gemido hediondo. Os duques atiraram-se contra o albino, que recuou diante do ódio maléfico que fluía das formas retorcidas.

Olhando para baixo, Elric vislumbrou Moonglum derreado sobre a sela, sem saber se morreria ou se desmaiara.

As espadas lançaram-se então contra os duques que se aproximavam e a cabeça de Elric tonteou ante a visão de um milhão de lâminas que mergulhavam na massa de que eram feitos aqueles seres.

O ruído ululante da batalha encheu seus ouvidos, a vista terrível do conflito obscureceu sua visão. Sem a maléfica vitalidade que lhe dava *Stormbringer*, Elric sentiu-se fraco e desajeitado. Sentiu os joelhos tremerem e se dobrarem e nada podia fazer para ajudar as irmãs de sua negra espada enquanto se batiam contra os Duques do Inferno.

Elric desfaleceu, convencido de que, se assistisse à continuação daquela cena tenebrosa, perderia inteiramente a razão. Descuidadamente, deixou que a mente mergulhasse no nada. Logo estava inconsciente, sem saber qual dos dois lados venceria a pugna.

## Capítulo 11

Seu corpo comichava. Os braços e as costas doiam. Os pulsos latejavam de agonia. Elric abriu os olhos.

Bem diante dele, com os braços abertos em cruz, presos em cadeias na parede, avistou Moonglum. Uma chama mortífera bruxuleava no centro da sala e Elric sentiu uma dor aguda no joelho nu. Baixando os olhos, viu Jagreen Lern.

O Teocrata deu-lhe uma cusparada.

Com que então — disse Elric, com voz pastosa — fracassei. Triunfaste, afinal.

Jagreen Lern não parecia triunfante. A cólera ainda ardia em seus olhos.

Ah, como te castigarei? — murmurou.

Castigar-me? Então? ...

O coração do albino bateu mais depressa.

Tua última mágica teve êxito — disse o Teocrata secamente, desviando os olhos para contemplar o braseiro. — Tanto teus aliados como os meus desapareceram e todas as minhas tentativas para entrar em contato com os duques têm sido vãs. Cumpriste tua ameaça... ou teus servos o fizeram. Tu os mandaste de volta para o Caos eternamente!

E minha espada? O que foi feito dela?

O Teocrata sorriu com amargura.

Este é o meu único prazer. Tua espada desapareceu com as outras. Agora estás fraco e desamparado, Elric. És meu para que eu possa te torturar e mutilar até o fim dos meus dias.

Elric estava pasmo. Uma parte de seu ser exultava por saber que os duques tinham sido derrotados. Outra lamentava a perda de sua espada. Como Jagreen Lern frisara, sem a espada ele era menos que meio-homem, pois seu albinismo o debilitava. Sua visão já estava mais fraca e sentia os membros entorpecidos.

Jagreen Lern levantou os olhos para ele.

Goza os dias relativamente serenos que te restam, Elric. Deixo à tua imaginação adivinhar o que te reservo. Preciso sair e instruir meus homens quanto aos preparativos finais para a esquadra que em breve enfunará velas para conquistar o Sul. Não perderei tempo com torturas grosseiras agora, pois durante todo o tempo estarei imaginando as torturas mais

requintadas que se possa conceber. Levarás muitos anos para morrer, juro!

Jagreen Lern saiu da cela. Assim que a porta bateu, Elric ouviu-o dando instruções aos guardas.

Mantenham o fogo bem forte. Que eles suem como almas condenadas. Dêem-lhes alimentos de três em três dias, apenas o suficiente para os manter vivos. Daqui a pouco começarão a implorar água. Que eles bebam apenas o suficiente para não morrer. Merecem algo muito pior do que isso e terão tudo quanto merecem depois que eu tiver tempo de descobrir o que lhes dar.

No dia seguinte começou a verdadeira agonia. Seus corpos exsudavam toda a água que lhes restavam. Suas línguas incharam e durante todo o tempo em que gemiam sob o tormento, tinham plena consciência de que aquilo não era nada em relação ao que podiam esperar. O corpo enfraquecido de Elric não reagia à sua luta desesperada e por fim sua mente toldou-se, a agonia tornou-se constante e o tempo passou a não existir mais.

Finalmente, em meio a um torpor doloroso, reconheceu uma voz. Era a voz cheia de ódio de Jagreen Lern.

Havia outras pessoas na masmorra. Sentiu que o agarravam e seu corpo tornou-se repentinamente leve enquanto era transportado, gemendo, dali.

Embora escutasse frases desconexas, não percebia o sentido das palavras de Jagreen Lern. Foi levado para um lugar escuro, que balançava, machucando-lhe o peito ressecado.

Depois escutou a voz de Moonglum e apurou os ouvidos para entender as palavras.

Elric! O que está acontecendo? juro que estamos num navio, no mar.

Elric, entretanto, resmungou desinteressado. Seu organismo débil cedia mais depressa que o de um homem normal. Pensou em Zaroziânia, a quem nunca mais veria. Sentia que não viveria o suficiente para saber quem

venceria, se a Lei ou o Caos, inclusive se as terras do Sul resistiriam ao Teocrata.

E mesmo esse problemas não se fixavam em seu espírito.

Começaram então a vir o alimento e a água que o revitalizaram um pouco. Em dado momento, abriu os olhos e os levantou, encontrando o rosto magro e sorridente de Jagreen Lern.

Graças aos deuses! — exclamou o Teocrata. — Tive medo de que te houvéssemos perdido. És decerto uma pessoa delicada, amigo. Deves viver mais do que apenas isto. Para começar minha diversão, resolvi que viajaras em minha própria nau capitânea. Estamos no momento navegando pelo Mar dos Dragões, e nossa esquadra está bem protegida com encantamentos contra os monstros que vagueiam por estas paragens — Jagreen Lern franziu o sobrolho. — Graças a ti, não temos a mesma necessidade dos encantamentos que nos teriam levado a salvo pelas águas tumultuadas pelo Caos. Os mares acham-se quase normais agora. Mas em breve não será mais assim!

A velha flama de Elric voltou por um momento e ele encarou o inimigo, fraco demais para poder expressar a aversão que sentia.

Jagreen Lern riu e cutucou a testa branca e magra de Elric com a ponta da bota.

Acho que sou capaz de preparar uma mistura que te dará um pouco mais de vitalidade.

Quando chegou mais tarde, a comida tinha um gosto horrível e teve de ser empurrada entre os lábios de Elric, mas daí a pouco ele foi capaz de sentar-se e observar o corpo encolhido de Moonglum. Evidentemente, o homenzinho sucumbira inteiramente à tortura. Para surpresa sua, Elric verificou que não estava acorrentado e cobriu, rastejando, a distância torturante que o separava de Moonglum. Sacudiu o ombro do oriental. Este resmungou alguma coisa, quase gemendo, mas não reagiu.

Um raio de luz penetrou de repente na escuridão do porão e Elric pestanejou. Olhando para o alto, percebeu que a escotilha tinha sido aberta e que o rosto barbudo de Jagreen Lern o encarava.

Bom, bom, vejo que minha mistura especial fez efeito. Vem, Elric, vem respirar o ar revigorante do mar e sentir o sol quente em teu corpo. Estamos a poucos quilômetros das costas de Argimiliar e nossos navios batedores noticiam que uma frota bastante grande navega para lá.

Elric praguejou.

Por Arioach, espero que eles os metam todos a pique!

Jagreen Lern comprimiu os lábios, zombeteiro.

Por quem? Arioach? Não te lembras do que ocorreu em meu próprio palácio? Não podes invocar Arioach! Nem tu... nem eu. Teus malditos encantamentos causaram isto!

Jagreen Lern voltou-se para um invisível lugar-tenente.

Amarra-o e coloca-o no tombadilho. Sabes o que fazer com ele. Dois guerreiros desceram ao porão e agarraram Elric, que ainda se achava fraco, atando-lhe os braços e as pernas e amarrando-o no convés. Ofegou, quando o clarão do sol atingiu-lhe os olhos, cegando-o.

Que ele fique numa posição de onde possa ver tudo — ordenou Jagreen Lern.

Os guerreiros obedeceram e Elric foi colocado de pé, vendo a enorme nau negra de Jagreen Lern com seus toldos de seda esvoaçando sob a firme brisa que soprava de oeste, suas três bancadas de remadores e o alto mastro de ébano, que sustentava uma vela vermelho-vivo.

Por cima da amurada da embarcação, Elric avistou uma poderosa esquadra que seguia a esteira da nau capitânea. Além dos navios de Pan Tang e de Dharizor, havia muitos de Jharkor, Shazar e Tarkesh, mas em todas as velas escarlates estava pintado o Tritão de Pan Tang.

Elric foi tomado de desespero, pois sabia que os sulistas, por mais fortes que fossem, não estavam em condições de enfrentar uma esquadra como aquela.

Faz apenas três dias que navegamos — disse Jagreen Lern — mas, graças a um vento mágico, estamos quase chegando ao nosso destino. Um dos navios de nossa escolta comunicou há pouco que a marinha lormyriana, ao receber informações sobre nossa pujança, está levantando ferros para se aliar a nós. Uma manobra astuta do Rei Montan... pelo menos por ora. Eu o usarei por enquanto e quando sua utilidade chegar ao fim, matá-lo-ei por sua traiçoeira mudança de partido.

Por que me dizes isto? — murmurou Elric, rilhando os dentes para resistir à dor que acompanhava qualquer movimento ligeiro do rosto ou dos membros.

Porque quero que assistas a toda a derrota do Sul. Os Príncipes Mercadores se uniram contra mim... e nós os esmagaremos facilmente. Quero que saibas que o que procuraste evitar se tornará realidade. Depois que houvermos subjugado o Sul e saqueado todos os seus tesouros,

venceremos a Ilha das Cidades Púrpuras e avançaremos contra Vilmir e Ilmiora. Isto será fácil, não concordas? Temos outros aliados além daqueles a quem derrotaste.

Elric não respondeu e Jagreen Lern fez um gesto impaciente para seus homens.

Amarrai-o ao mastro para que ele tenha uma boa visão da batalha. Cercarei seu corpo com uma proteção mágica, pois não quero que ele morra atingido por um flecha perdida, frustrando minha vingança.

Elric foi erguido e amarrado ao mastro, porém mal se dava conta do que ocorria. Sua cabeça descansava sobre o ombro esquerdo e estava quase inconsciente.

A poderosa esquadra avançava, confiante na vitória.

No meio da tarde, o grito do timoneiro despertou Elric de seu torpor.

Vela a sudeste. Aproxima-se a frota lormyriana!

Tomado por uma fúria impotente, Elric viu os cinquenta navios de dois mastros, suas velas brilhantes contrastando com o escarlate-escuro das embarcações de Jagreen Lern, colocarem-se em linha com os outros.

Embora fosse uma potência menor do que Argimiliar, Lormyr possuía uma armada maior. Segundo os cálculos de Elric, a traição do Rei Montan custara ao Sul mais de um quarto de sua força.

Agora sabia, com segurança, que nada poderia salvar os sulistas e que a certeza de Jagreen Lern quanto à vitória tinha bons fundamentos.

A noite caiu e a enorme esquadra lançou ferros. Uma sentinela veio servir a Elric um mingau viscoso que continha nova dose da droga. Ao se sentir revigorado, sua fúria aumentou e Jagreen Lern parou por duas vezes junto ao mastro, escarnecendo dele.

Logo depois do alvorecer encontraremos a esquadra do Sul — disse, com um sorriso — e por volta do meio-dia o que houver sobrado dela boiará ao sabor das ondas às nossas costas, enquanto estivermos avançando a fim de impor nosso domínio às nações que tolamente confiaram em seu poderio naval como defesa.

Elric lembrou-se de que advertira os reis do Sul de que era provável que aquilo acontecesse se eles enfrentassem sozinhos o Teocrata. Contudo, lamentava não se haver enganado. Com a derrota do Sul, parecia inevitável que se seguisse a conquista do Leste e, quando Jagreen Lern dominasse o mundo, o Caos também prevaleceria e a Terra voltaria a ser aquilo que fora milhões de anos antes.

Durante toda a noite cismou. Concatenou as idéias, reunindo todas as forças para um plano que ainda era apenas uma sombra no recôndito da mente.

## Capítulo 12

O arrastar das âncoras o despertou.

Piscando os olhos ante o esplendor do sol que se refletia nas águas, avistou a armada do Sul no horizonte, navegando graciosamente, numa pompa insensata, em direção aos navios de Jagreen Lern. Ou os reis do Sul eram muito valentes ou não percebiam a força dos seus inimigos, pensou Elric.

Abaixo dele, no convés de proa da capitânea de Jagreen Lern, fora armada uma enorme catapulta e escravos já haviam enchido sua taça com uma bola de pez chamejante. Normalmente, como sabia Elric, tais catapultas constituíam um estorvo, pois quando atingiam aquelas dimensões, era difícil rearmá-las para um novo disparo, o que tornava mais vantajosos engenhos de menores proporções. No entanto, era evidente que os engenheiros de Jagreen Lern sabiam o que faziam, pois Elric observou a presença de mecanismos adicionais na máquina, compreendendo que ela podia ser rearmada rapidamente.

O vento amainara e quinhentos pares de músculos retesavam-se para impulsionar a galera de Jagreen Lern. Sobre o convés, numa ordem disciplinada, seus guerreiros tomavam lugar ao lado das longas plataformas de abordagem que seriam baixadas sobre os navios adversários. Ao mesmo tempo que os imobilizariam, formariam uma ponte entre as embarcações.

Elric foi forçado a admitir que Jagreen Lern previra tudo com cuidado, não confiando apenas na ajuda sobrenatural. Seus navios eram os mais bem equipados que já vira. Indubitavelmente, não havia esperanças para a armada do Sul. Lutar contra Jagreen Lern era insensatez.

Contudo, o Teocrata cometera um erro. Em sua ânsia de vingança permitira que a vitalidade de Elric fosse restaurada durante algumas horas, e essa vitalidade dos músculos estendia-se também ao seu cérebro.

*Stormbringer* desaparecera. Com a espada Elric era, entre os homens, simplesmente invencível. Sem ela, de nada valia. Os fatos eram estes. Por

consequente, tornava-se imperioso que, fosse como fosse, recuperasse a espada. Mas como? Ela voltara para o plano do Caos com suas irmãs, presumivelmente arrastada pelo poder avassalador das restantes.

Era preciso que entrasse em contato com ela.

Não se atrevia a chamar toda a horda de espadas com o encantamento, pois isso significaria tentar demais a providência.

Escutou o barulho e o sibilar característicos, quando a gigantesca catapulta fez seu primeiro arremesso. A chamejante bola de pez descreveu um arco sobre o oceano e errou o alvo, fazendo o mar ferver ao afundar. O engenho foi rapidamente rearmado e Elric assombrou-se com a presteza com que outra bola de pez ardente foi colocada. Jagreen Lern olhou para ele e riu.

Meu prazer será breve. Eles não são em número suficiente para que tenhamos uma longa luta. Vê como morrem, Elric!

O albino nada disse, simulando estar assustado e entorpecido.

A bola de pez atingiu um dos navios em cheio e Elric pôde ver figuras minúsculas correndo de um lado para outro, tentando desesperadamente conter o incêndio que se espalhava. Daí a um minuto, entretanto, todo o navio estava em chamas, transformando-se num braseiro flutuante. Os vultos agora saltavam para a água, incapazes de salvar o navio.

Os bólidos candentes silvavam no céu; já dentro do perímetro de ação, os sulistas revidaram com suas próprias catapultas menores, de modo que era como se o céu de repente estivesse ocupado por mil cometas, e o calor quase se igualava ao que Elric experimentara na câmara de torturas. Uma fumaça preta começou a subir quando as pontas de bronze dos aríetes dos navios atingiram o madeiramento dos vasos inimigos, atravessando-os como peixes no espeto. Por toda parte ouviam-se os gritos dos guerreiros e o entrecocar das armas nos primeiros combates corporais.

Agora, entretanto, os sons da batalha chegavam apenas vagamente aos ouvidos de Elric, pois ele pensava profundamente.

Então, quando seu espírito finalmente ficou preparado, bradou com uma voz desesperada e sofredora, que ouvidos humanos não perceberiam em meio ao fragor da batalha:

*Stormbringer!*

O grito ecoou em sua mente tensa e Elric como que olhou para além do conflito, para além do oceano, para além da própria Terra, dirigindo o olhar

para um lugar de sombras e de terror. Algo se moveu ali. Muitas coisas moveram-se ali.

*Stormbringer!*

Alguém soltou uma praga no tombadilho e, olhando para baixo, Elric avistou Jagreen Lern, que apontava para ele.

Amordacem o bruxo branco!

Os olhos de Jagreen Lern encontraram-se com os de Elric e o Teocrata comprimiu os lábios, meditando por um momento antes de acrescentar:

E se isso não puser fim às suas invocações, é melhor matá-lo!

O guarda começou a subir pelo mastro em direção a Elric.

*Stormbringer!* Teu senhor vai morrer!

Elric forçou as cordas lacerantes, porém não conseguia mexer-se.

*Stormbringer!*

Durante toda a vida odiara a espada da qual tanto dependia, da qual dependia cada vez mais, mas agora a chamava como um amante chama a noiva.

O guerreiro agarrou-o pelo pé e o sacudiu.

Cala-te! Ouviste o que disse meu amo!

Com uma expressão insana no olhar, Elric fitou o guerreiro, que tremeu e sacou da espada, firmando-se ao mastro com uma das mãos e preparando-se para lançar uma estocada aos órgãos vitais de Elric.

*Stormbringer!*

Elric soluçou o nome. *Precisava* viver. Sem ele, o Caos decerto dominaria o mundo.

O homem deu uma estocada em Elric... mas a lâmina não atingiu o albino. Foi então que Elric lembrou-se, achando graça apesar de tudo, de que Jagreen Lern cercara seu corpo com uma proteção mágica! A magia do próprio Teocrata salvara seu inimigo!

*Stormbringer!*

O guerreiro ofegou e a espada caiu-lhe das mãos. Parecia lutar contra algo invisível que lhe atacava a garganta e Elric viu os dedos do homem serem decepados e o sangue espirrar dos cotos. Lentamente, uma forma se materializou e, com enorme alívio, o albino percebeu que se tratava de uma espada... sua própria espada mágica que trespassava o guerreiro e sugava-lhe a alma!

O guerreiro caiu, porém *Stormbringer* permaneceu suspensa no ar, voltando-se depois para cortar as cordas que prendiam as mãos de Elric. A

seguir, aninhou-se firmemente, com um horrível afeto, na mão direita do seu senhor.

Imediatamente a força vital roubada ao guerreiro começou a correr pelas veias de Elric e a dor que este sentia desapareceu. Sem perder um instante, agarrou-se num dos cabos da vela e cortou as cordas que restavam, até que por fim estava suspenso no ar pela mão que agarrava o cabo.

Agora, Jagreen Lern, veremos de quem será finalmente a vingança.

Pendurando-se no cabo, rodopiou no ar com uma careta e foi cair ileso no convés. A vitalidade sacrílega que a espada lhe infundia provocava-lhe um êxtase quase divino. Jamais o sentira de maneira tão intensa.

Notou então que as plataformas de abordagem já tinham sido baixadas e que apenas alguns poucos tripulantes permaneciam na capitânea. Jagreen Lern devia ter saído com a maioria de seus guerreiros para o navio que se encontrava agora imobilizado pela plataforma.

Bem perto de onde se encontrava, havia uma pipa de pez, usada para formar as bolas candentes, e a seu lado estava a tocha usada para acendê-las. Elric apoderou-se da tocha e atirou-a à pipa.

Embora Jagreen Lern possa vencer essa batalha, sua capitânea irá ao fundo junto com a esquadra sulista — disse ele com o rosto em fúria, precipitando-se em direção ao porão onde estivera aprisionado, consciente de que Moonglum ainda se encontrava ali, indefeso.

Arrancou fora a escotilha e contemplou a figura lastimável do amigo. Era evidente que haviam deixado que ele morresse de fome. Um rato fugiu espavorido quando o sol penetrou no porão.

Elric saltou para o interior do porão e viu com horror que parte do braço direito de Moonglum já fora roído. Atirou o corpo aos ombros, percebendo que o coração ainda batia, ainda que fracamente, e voltou com esforço para o convés. O problema agora consistia em garantir a segurança de seu amigo e ainda assim vingar-se de Jagreen Lern. Elric caminhou em direção à plataforma que presumivelmente o Teocrata devia ter atravessado. Enquanto o fazia, três guerreiros saltaram contra ele. Um deles gritou:

O albino! O saqueador está fugindo!

Elric abateu-o com um golpe que exigiu apenas um ligeiro movimento do pulso. A espada negra fez o resto. Os outros fugiram, lembrando -se da maneira como Elric entrara em Hwamgaarl.

Uma redobrada energia fluiu em seu organismo. A cada cadáver sua força aumentava: uma energia roubada, mas necessária para que

sobrevivesse e levasse a Lei à vitória.

Sem que sua carga o incomodasse, atravessou correndo a plataforma, saltando sobre o convés do navio sulista. Mais adiante avistou o estandarte de Argimiliar e em torno dele um grupo de homens, chefiados pelo próprio Rei Hozel, que tinha o rosto lívido, pressentindo a morte iminente. Uma morte bem merecida, por rejeitar a ajuda de Kargan, pensou Elric severamente. Contudo, se Hozel morresse, seu fim constituiria outra vitória para o Caos.

Nesse momento, ouviu um grito diferente, pensando por um momento que fora visto. Entretanto, olhando melhor, percebeu que um dos homens de Hozel apontava para o norte e falava alguma coisa.

Elric olhou naquela direção e avistou as indómitas velas das Cidades Púrpuras. Eram navios de guerra, mais bem aparelhados para a batalha que os dos Príncipes Mercadores. Suas brilhantes velas pintadas refletiam a luz do sol. O único adorno luxuoso que os austeros Senhores do Mar se permitiam eram suas velas. Kargan, velho amigo de Elric, devia estar no comando. Talvez ainda restasse uma chance para que a vitória de Jagreen Lern fosse evitada, pois a esquadra do Teocrata devia estar desgastada e desorganizada.

E com ele para guiá-los, imaginou Elric, talvez pudessem vencer. Com esse pensamento, jogou o corpo inerte de Moonglum por sobre a amurada e mergulhou também no mar picado.

A espada lhe dava uma força sobre-humana e atirou-se para a nau capitânea, que reconheceu como sendo a de Kargan, rebocando o corpo de Moonglum. Confiando na lendária reputação do Senhor do Mar como marinheiro hábil, nadou diretamente para o galeão, gritando pelo nome de Kargan.

A nau desviou-se ligeiramente e Elric avistou rostos barbudos na amurada. Atiraram-lhe cordas e ele agarrou uma delas, deixando que o içassem com sua carga.

Enquanto os marujos os puxavam a ambos para o convés, Elric percebeu que Kargan o fitava e que o espanto transparecia em seus olhos. O guerreiro usava a couraça marrom do seu povo. A cabeça imponente estava coberta por um capacete de ferro e tinha a barba negra eriçada.

Elric! Julgamos-te morto... perdido na viagem para o Sul! Dyvim Slorm está aí embaixo... foi ele quem me convenceu a vir socorrer esses combalidos príncipes do continente, mas acho que cheguei tarde demais.

Elric cuspiu água salgada.

Talvez... mas se atacarmos agora, Jagreen Lern não terá tempo para se reorganizar. Temos que fazer o que pudermos.

Kargan anuiu gravemente e acenou para seus marujos.

—Levem esse homenzinho para o médico, lá embaixo, e digam ao nobre Dyvim Slorm que pescamos um parente dele.

Enquanto as ordens de Kargan eram cumpridas, Elric olhou para trás e viu que nenhum dos barcos sulistas continuava flutuando. Num raio de mais de um quilômetro a água ardia e o crepitar dos navios que afundavam em chamas misturava-se aos gritos dos feridos e dos que se afogavam.

A menos que Jagreen Lern seja detido agora — disse Kargan — não tardará muito para que o resto do mundo caia diante de suas hordas.

Dyvim Slorm subiu ao convés e sorriu de alívio ao deparar com El-

Vejo que estás vivo, primo... ainda que a duras penas. Estás em condições de prosseguir na luta?

Elric fez que sim.

*Stormbringer* suprirá a força de que necessito.

Agora pensava com mais clareza, lembrando-se de que ouvira Jagreen Lern fazer referência a "outros aliados". Que espécie de aliados? Podia ser fanfarronice ou não. Bem, se atacassem agora, talvez restasse tempo para derrotá-lo antes que Lern pudesse mobilizar esses aliados.

Atrás da nau de Kargan, viu o restante da frota, e os navios mais distantes não passavam de pontinhos minúsculos no horizonte. A esquadra já tomava posição de combate, formando cinco esquadrões, cada um deles sob o comando de um experimentado Senhor-do-mar das Cidades Púrpuras.

Que notícias tens de Zaroúnia? — perguntou Elric.

Dyvim Slorm sorriu.

Está em segurança, finalmente. Mandeí-a para Karlaak sob forte escolta. Neste momento deve estar na corte do pai.

Ótimo.

Elric sorriu. O tempo que passara com ela fora tão pouco! Não bastara. No entanto, se o Teocrata pudesse ser derrotado agora, talvez voltassem a se ver.

Dyvim Slorm disse:

Temos dormido mal estas últimas noites. Foi difícil para todos adormecer e, quando chegava, o sono era perturbado. Visões de abismos, de

monstros e demônios, de formas horripilantes, de potestades extraterrestres nas agitavam nossos sonhos.

Elric assentiu, prestando pouca atenção ao amigo. Era evidente que neles próprios os elementos do Caos estavam despertando, em resposta à aproximação da própria Horda do Caos. Só podia esperar que tivessem forças suficientes para suportar a realidade como haviam sobrevivido aos seus sonhos.

*Perturbação à vista!*

O grito partira do vigia, que parecia aturdido e perplexo. Elric juntou as mãos em concha em torno da boca e inclinou a cabeça para trás.

Que tipo de perturbação?

É diferente de tudo quanto já vi, senhor... Não sei descrevê-la.

Elric voltou-se para Kargan.

Transmite uma ordem a toda a frota: diminuir a velocidade a um quarto e que os comandantes dos esquadrões fiquem de prontidão para receberem ordens finais de batalha.

Encaminhou-se para o mastro, e começou a subir em direção à vigia. O marinheiro deixou seu posto, cedendo o lugar a Elric, pois só havia lugar para uma pessoa.

É um inimigo, senhor? — perguntou ele, enquanto o albino ocupava o seu posto.

Elric fitou o horizonte, vislumbrando uma espécie de escuridão refulgente que de vez em quando emitia jorros de uma substância para o ar, onde pairava por momentos antes de refluir para a massa de onde saía. Nebulosa, difícil de definir, aproximava-se gradualmente da esquadra de Jagreen Lern.

É um inimigo — falou Elric sem se perturbar.

Identificava a ampla massa negra como uma manifestação do Caos. Evidentemente, Jagreen Lern não se jactara em vão. Seus aliados estavam vindo em sua ajuda.

Permaneceu por algum tempo no cesto de vigia, estudando a massa infernal que pairava a distância, como um monstro amorfo nas vascas da agonia. Contudo, não havia ali nenhuma agonia. O Caos estava longe de morrer.

Os remanescentes da esquadra do Teocrata haviam dado meia volta e navegavam celeremente em direção à fantástica escuridão que ainda não revelava uma forma definida, embora se pudessem lobrigar vultos

desmaiados. Do que se tratava? Elric começou a se sentir desalentado. Só lhes restava agora lutar, mas o malogro era certo.

Do ponto em que se encontrava, Elric tinha também uma boa visão da esquadra, que tomava posição em grupos formando uma cunha negra de mais de um quilômetro de largura, em seus pontos mais extremos, e de mais de dois de comprimento. A nau de Kargan encontrava-se a pequena distância, à frente dos navios restantes, bem à vista dos comandantes dos grupos. Ao ver Kargan passar junto ao mastro, Elric gritou-lhe:

Prepara-te para atacar, Kargan!

O capitão assentiu sem diminuir o passo. O esquadrão avançado era formado pelos mais poderosos vasos de guerra, os quais se lançariam no centro do grupo inimigo e procurariam romper sua formação, visando especialmente o navio onde Jagreen Lern se encontrava naquele instante. No caso de Jagreen Lern ser morto ou capturado, era muito provável que conseguissem a vitória.

Agora a substância negra se achava mais perto e já contactara a esquadra do Teocrata. Elric conseguiu vislumbrar as velas dos primeiros navios, uns atrás dos outros. Então, ao se aproximarem ainda mais, finalmente reconheceu as formas que emergiam da escuridão geral. Eram gigantescas formas reluzentes, que eclipsavam até mesmo a imponente armada de Jagreen Lern.

As Naves do Caos.

Elric as reconhecia, agora, graças ao conhecimento que tinha das ciências ocultas. Tratava-se dos navios que, segundo se dizia, normalmente singravam as profundezas dos oceanos, tripulados por marinheiros afogados, capitaneados por criaturas que jamais haviam sido humanas. Era uma frota das partes mais profundas e sombrias do vasto domínio submarino que, desde o começo dos tempos, haviam constituído território disputado: disputado entre os Elementos Aquáticos, sob a tutela do Rei Straasha, e os Senhores do Caos, que reivindicavam de direito as profundidades marinhas como seu principal território na Terra. Segundo as lendas, outrora o Caos havia dominado o mar, enquanto a Lei governava as terras. Isto, talvez, explicasse o temor que muitos seres humanos ainda sentiam em relação ao mar e a atração que este exercia sobre muitos outros.

Todavia, o fato era que, muito embora os Elementos houvessem conseguido conquistar as porções mais rasas dos oceanos, os Senhores do Caos haviam conservado as partes mais profundas, graças àquela frota de

mortos. Os navios propriamente ditos não eram feitos de matéria terrena, nem seus comandantes provinham deste mundo, mas suas tripulações tinham sido humanas e eram agora indestrutíveis em qualquer sentido normal.

Ao se aproximarem, Elric teve a certeza de que sem dúvida eram os tais barcos. Em suas velas brilhava o Signo do Caos, oito setas ambarinas partindo de um bulbo central, traduzindo a jactância do Caos de que continha todas as possibilidades, ao passo que a Lei viria destruir essas possibilidades, provocando uma eterna estagnação. O signo da Lei consistia numa única seta apontada para o alto, simbolizando o crescimento dinâmico.

Elric sabia que na realidade o Caos era o arauto da estagnação, pois embora se transformasse continuamente, jamais progredia. No fundo do coração, entretanto, ainda sentia atração por essa condição, pois suas velhas ligações com os Senhores do Caos haviam-no formado mais para a destruição brutal do que para o progresso estável.

Agora, porém, o Caos devia guerrear o Caos. Elric devia voltar-se contra aqueles a quem fora leal no passado, utilizando armas fabricadas pelas forças caóticas para derrotar, numa trágica ironia, essas mesmas forças.

Passou por cima do cesto e começou a descer pelo mastro, saltando afinal sobre o convés, enquanto Dyvim Slorm surgia do porão. Rapidamente, contou ao primo o que vira.

Dyvim Slorm ficou estupefato.

Mas a frota dos mortos nunca vem à superfície... exceto para... Arregalou os olhos.

Elric deu de ombros.

Essa é a lenda... a frota dos mortos subirá das profundezas quando sobrevier a luta final, quando o Caos se dividir contra si mesmo, quando a Lei estiver fraca e a humanidade tomar partidos na batalha que resultará numa nova Terra dominada ou pelo Caos total ou pela Lei quase total.

Será esta, então, a batalha final?

Talvez seja — respondeu Elric. — Será certamente uma das últimas, em que se decidirá para todo o sempre quem dominará, se o Caos ou a Lei.

Se formos derrotados, o Caos indubitavelmente prevalecerá.

Talvez, mas lembra-te de que não são apenas as batalhas que decidem as lutas.

Foi o que disse Sepiriz, mas se formos derrotados hoje, não teremos muitas possibilidades de descobrir se isso é verdade. — Dyvim Slorm levou a mão ao punho da *Mournblade*. — Alguém tem que manejar essas armas — essas espadas do destino — quando chegar o momento do duelo final. Nossos aliados diminuem, Elric.

Sim.

## Capítulo 13

A esquadra de Jagreen Lern rumava na direção deles e sobre as esteiras deixadas pelas naus pairava a substância fervente do Caos.

Elric deu a ordem e os remadores começaram a impelir a nau capitânea em direção ao inimigo.

Enquanto a nau cavalgava as ondas espumantes, Elric sacou da espada e proferiu o antigo grito de guerra de Melniboné, um brado ondulante carregado de jubilosa malignidade. A voz lúgubre de *Stormbringer* juntou - se à sua, expandindo-se numa canção palpitante, antecipando o iminente festim de sangue e almas.

A nova capitânea de Jagreen Lern encontrava-se agora atrás de três fileiras de naves de guerra. Seguiam-na os vasos do Caos.

O aríete da proa do navio em que se encontrava Elric varou o primeiro navio inimigo e os remadores lutaram com seus remos, recuando e voltando para atingir outra nave sob a linha de flutuação. Uma chuva de setas partiu da nau atingida, indo cair sobre o convés e provocando o tilintar de armaduras. Vários remadores foram abatidos.

Elric e seus companheiros orientavam os marinheiros do posto de comando no convés principal, postando-se de maneira tal que, juntos, tinham uma visão global do que sucedia ao redor deles. De repente Elric levantou os olhos, alertado por um sexto sentido, avistando o rastro luminoso de bolas de fogo verde no céu.

Preparar para apagar fogo! — gritou Kargan.

O grupo de homens já treinados para essa tarefa saltou em busca das tinas que continham uma mistura especial, que foi espalhada pelos conveses e velas. Quando as bolas de fogo caíram, foram rapidamente apagadas.

Não entrem em luta corporal a menos que forçados a isso — gritou Elric aos marujos. — Continuem em busca da capitânea! Se conseguirmos atingi-la, nossa vantagem será grande!

Acho que não temos salvação — disse Kargan, sereno, estremeando ligeiramente ao contemplar a substância do caos, à distância, mover -se subitamente e emitir tentáculos negros em direção ao céu.

Elric permaneceu em silêncio.

Encontravam-se agora bem no coração da armada inimiga, seguidos pelas naus do esquadrão a que pertenciam, enquanto os grandes remos cortavam a espuma do oceano. Suas catapultas lançavam uma barragem contínua de fogo e pedras pesadas. Somente alguns dos navios de Elric venceram a primeira fileira do inimigo e rumaram para o mar aberto, em direção à nau capitânea de Jagreen Lern.

Como se poderia prever, os navios inimigos colocaram-se em posição ao redor da capitânea e as cintilantes naves da morte, movendo-se com uma velocidade fantástica para o seu tamanho, correram a proteger a nau do Teocrata.

Gritando ordens por cima das águas turbulentas, Kargan fez com que seu esquadrão, agora reduzido, tomasse nova formação. Dyvim Slorm balançou a cabeça, assombrado.

Como é que coisas daquele tamanho conseguem flutuar? — perguntou a Elric.

É improvável que flutuem de verdade.

Enquanto o navio em que estavam manobrava para assumir sua nova posição, Elric fitou as gigantescas embarcações, em número de vinte mais ou menos. Pareciam estar cobertas por uma espécie de fluido reluzente que reproduzia todas as cores do espectro. Por isso era difícil perceber seus contornos exatos e as figuras nebulosas que se moviam em seus conveses não podiam ser facilmente observadas. Flocos de matéria negra começaram a se soltar, pairando quase à flor d'água. Do convés inferior, onde se encontrava, Kargan apontou e gritou:

Olhem! Lá vem o Caos! Como lutar contra isso!

Elric balançou a cabeça, perturbado.

Temos de tentar! Temos de atacar!

Kargan transmitiu a ordem, numa voz mais aguda que de costume. Elric foi tomado por um sentimento de amarga temeridade, enquanto se agarrava a um pedaço de corda para se firmar no convés balouçante.

Caminhamos para a morte, Elric — murmurou Dyvim Slorm. — Ninguém se aproxima impunemente desses navios. Só os mortos são atraídos por eles, e não embarcam com alegria!

Elric, porém, não deu ouvidos ao primo.

Um silêncio estranho caiu sobre o mar, quebrado apenas pelo barulho rítmico dos remos que espadanavam água. A esquadra mortífera os aguardava, impassível, uma vez que não tinha de se preparar para batalhas. Elric apertou com mais força o punho de Stormbringer. A espada reagiu ao palpitar mais acelerado do seu pulso, mexendo-se em sua mão a cada batida de seu coração, como se estivesse ligada a ele por veias e artérias. Agora encontravam-se tão perto das Naves do Caos que podiam lobrigar melhor as figuras aglomeradas nos imensos tombadilhos. Com horror, Elric julgou reconhecer alguns dos rostos macilentos dos mortos.

As águas agitaram-se, espumaram e tentaram erguer-se, mas voltaram ao nível normal.

Em seu brutal desespero, Elric gritou a Kargan:

Não há outro jeito. Faz o navio contornar a frota do Caos e tentaremos chegar à nau de Jagreen Lern pela retaguarda!

Sob o comando experiente de Kargan, o navio descreveu um semicírculo em torno das Naves do Inferno. As ondas caíam sobre Elric numa cascata turbilhonante, cobrindo os conveses de espuma branca. Elric mal podia avistar o que se passava à sua frente, enquanto evitavam as Naves do Caos, que agora atacavam outros navios, despedaçando-os. Ao fazê-lo provocavam uma transformação da natureza do madeirame, de modo que as infelizes naus se desconjuntavam, enquanto os marujos se afogavam ou tinham seus corpos transmudados em formas exóticas.

Chegavam-lhe aos ouvidos os gritos de pavor dos derrotados e o trovão triunfante da música da esquadra do Caos, que continuava a avançar para destruir o restante da armada dos Senhores do Mar. A capitânea balançava assustadoramente, dificultando seu controle, mas por fim completaram o semicírculo em volta da frota infernal e arremeteram por trás contra a nau de Jagreen Lern.

Por um triz não atingiram o navio do Teocrata com o aríete da proa, mas foram desviados do rumo e tiveram de repetir a manobra. Do barco inimigo partiu uma saraivada de flechas, que se entrechocavam com as deles próprios. Aproveitando um vagalhão descomunal, colocaram-se junto à capitânea inimiga e atiraram-lhe ganchos. Alguns deles se prenderam ao madeirame, arrastando-os em direção ao vaso do Teocrata, enquanto os homens de Pan Tang tentavam por todos os meios cortar as cordas dos arpéus. Outras cordas foram atiradas e então uma plataforma caiu do arnês e

pousou firmemente sobre o convés de Jagreen Lern, logo seguida por outra. Elric correu em direção à mais próxima, acompanhado de Kargan e, juntos, comandaram a abordagem de um grupo de guerreiros, em busca de Jagreen Lern. *Stormbringer*, antes mesmo que Elric alcançasse o convés principal, já tirara doze vidas e doze almas. Na ponte de comando, achava-se um comandante resplandecente, cercado por um grupo de oficiais. Mas não se tratava de Jagreen Lern. Elric pôs-se a subir pelo passadiço, cortando ao meio um guerreiro depois que o homem tentou bloquear-lhe a passagem.

Onde está vosso maldito chefe? — gritou para o grupo de oficiais. — Onde está Jagreen Lern?

O comandante empalideceu, pois já vira anteriormente do que eram capazes Elric e sua espada mágica.

Não está aqui, Elric. Juro!

O quê? Serei ludibriado outra vez? Sei que estão mentindo!

Elric avançou contra o grupo, que recuou, com as espadas preparadas.

Nosso Teocrata não precisa defender-se com mentiras, filho da destruição! rosnou um oficial jovem, mais bravo que os outros.

Talvez não — disse Elric ameaçadoramente, enquanto corria em direção ao rapaz, fazendo *Stormbringer* descrever um arco sibilante — mas pelo menos tirarei tua vida antes de comprovar a veracidade de tuas palavras.

O homem ergueu a espada para aparar o golpe de *Stormbringer*. A arma cortou o metal com um grito de triunfo, ergueu-se novamente e arremessou-se contra o corpo do oficial, que ofegou mas permaneceu de pé com os punhos cerrados.

Elric riu-se.

Minha espada e eu precisamos de um revigorante... e tua alma servirá de aperitivo antes de tirarmos a de Jagreen Lern.

Não! — gemeu o rapaz. — Ah, não, não minha alma!

Seus olhos se abriram desmesuradamente, lágrimas rolaram pelo seu rosto e um ar de loucura se estampou em seu semblante por um momento, antes que *Stormbringer* se saciasse e Elric a retirasse, revitalizada. Não sentia nenhuma pena do rapaz.

Seja como for, tua alma iria mesmo para as profundas do inferno — disse ele. — Mas pelo menos agora eu fiz com que ela tivesse alguma utilidade.

Dois outros oficiais pularam o parapeito, tentando escapar à sorte do companheiro. Elric vibrou um golpe no braço de um deles, que caiu aos

gritos no convés, enquanto a mão ficava agarrada ao corrimão. O outro sofreu uma estocada nos intestinos. Enquanto *Stormbringer* sugava sua alma, ele ficou ali, suplicando incoerentemente, num esforço de evitar o inevitável.

Havia agora tanta vitalidade em Elric que, ao se lançar contra os oficiais restantes, reunidos em torno do comandante, era como se voasse e os dizimasse, decepando membros como se fossem caules de flores, até que encontrou o próprio comandante. O homem disse num sussurro:

Rendo-me. Não tire minha alma.

Onde está Jagreen Lern?

O comandante apontou para a distância, onde a frota do Caos podia ser vista dando fim aos navios orientais.

Lá! Está navegando com Pyaray, do Caos, cuja esquadra é aquela que vês. Não conseguirás atingi-lo, pois qualquer homem que não estiver protegido — ou que não estiver morto — veria suas carnes se derreterem assim que se aproximasse da frota.

Aquele maldito filho do diabo continua a me lograr — disse Elric com um esgar. — Eis o pagamento por tua informação...

Sem misericórdia por um dos homens que arrasara e escravizara dois continentes, Elric enfiou a espada através da armadura trabalhada e, delicadamente, com toda a antiga perversidade dos seus antepassados feiticeiros, tocou o coração do homem antes de acabar com ele.

Olhou em torno à procura de Kargan, mas não o viu. Provavelmente já estaria morto. Notou então que a esquadra do Caos retornava. A princípio julgou que fosse porque finalmente Straasha trazia reforços, mas percebeu então que os remanescentes de sua própria esquadra fugiam. A vitória pertencia a Jagreen Lern. Nem seus planos, suas formações e sua coragem haviam sido capazes de resistir às medonhas forças do Caos. E agora a armada infernal investia rumo às duas naus capitâneas, unidas por ganchos e arpéus. Não havia esperança de libertar uma delas antes da chegada das naves. Elric gritou para Dyvim Slorm, que avistou correndo em sua direção, na outra extremidade do convés. Trazia o corpo de Moonglum sobre os ombros e sua expressão denotava alarme.

Pela borda! Pulem, pelo amor que têm às suas vidas... e nadem para o mais longe que puderem.

Outros, de ambos os lados, já saltavam para as águas tingidas de sangue. Elric embainhou a espada e saltou. O mar estava frio, apesar de todo o

sangue nele derramado, e o albino ofegava ao nadar em direção à cabeça ruiva de Moonglum, que avistava à sua frente, ao lado da cabeleira cor de mel de Dyvim Slorm. Virou-se em certo momento e notou que o próprio madeirame das duas naus havia começado a se desfazer, contorcendo-se em estranhas configurações, ante a chegada das Naves do Inferno. Sentiu-se aliviado por não estar a bordo e alcançou os companheiros.

Escapamos por um triz — disse Dyvim Slorm, cuspiendo. — E agora, Elric?

Elric aproximou-se mais e ajudou o primo a sustentar Moonglum. O homenzinho começava a despertar, fitando em torno de si com olhos esbugalhados.

Por toda parte, as naus do Caos dissolviam a natureza. Em breve sua influência também os atingiria.

Dyvim Slorm olhou para o alto.

O sol se punha e pesadas nuvens negras pendiam num céu azul metálico. Mas não era isso que atraía a atenção de Dyvim Slorm. Do meio das nuvens surgira um globo dourado que se dirigia rapidamente para o ponto onde se encontravam. O globo pairou sobre suas cabeças e precipitou-se para baixo. Elric emitiu um grito e ergueu as mãos em defesa. Sentiu um frio intenso, logo seguido por uma onda de calor.

De repente, ele e seus amigos achavam-se deitados numa câmara circular. Em pé, com uma expressão grave no rosto escuro e aquilino, estava o vidente Sepiriz.

O destino de vocês três não é morrer aqui da maneira que temiam disse ele calmamente.

Havia uma sensação de movimento, como se a esfera se movesse.

Tenho tão poucas carruagens deste tipo que só posso usá-las em casos de emergência — disse Sepiriz ao espantado trio. — Vamos para a Ilha das Cidades Púrpuras... para a Fortaleza do Anoitecer, onde lhes contarei as novidades.

Mas a esquadra está derrotada, o Oriente não tem grande força disse Elric desalentado. — Jagreen Lern venceu. Nossa luta está perdida.

Sepiriz deu de ombros.

Espero que não, Elric. É verdade que o poder de Jagreen Lern aumentou ainda mais do que eu esperava... mas os esforços dos meus irmãos para se porem em contato com os Príncipes Brancos estão chegando a bom termo.

Os Príncipes Brancos desejam ajudar-nos?

Sempre quiseram... mas ainda não conseguiram abrir uma brecha suficiente nas defesas que o Caos instituiu em volta deste planeta. E aqui possuímos tão poucas armas contra o Caos que nos será difícil minar-lhe o poder.

Tenho pelo menos uma arma contra o Caos nesta minha espada... segundo me disseste.

Esse furador não é suficiente... ainda não possuis qualquer proteção contra os Príncipes Negros. É sobre isso que tenho de te falar... sobre uma arma pessoal que te ajude nessa luta, ainda que tenhas de arrancá-la ao seu atual proprietário.

Quem é ele?

Um gigante que medita numa infelicidade eterna, num enorme castelo no fim do mundo, além do Deserto Suspirante. Chama-se Mordaga. Outrora foi um deus, mas tornou-se agora mortal, como punição pelos pecados que cometeu contra os demais deuses há milênios.

Mortal? E como vive ainda?

Sim, Mordaga é mortal, mas sua vida é muito mais longa que a de um homem comum. Vive obcecado pela idéia de que há de morrer um dia. Eis o que o entristece.

E a arma?

Não é uma arma... é um escudo. Um escudo com uma finalidade... um escudo que Mordaga fabricou para si mesmo ao rebelar-se contra o domínio dos deuses, para tentar fazer-se o maior deles e até apoderar-se do Equilíbrio Eterno d'Aquele que o possui. Por esse crime foi banido para a Terra e informado de que morreria um dia... ferido pela espada de um mortal. O escudo, como podes perceber, não é atingido pelas maquinações do Caos.

Como assim?

As forças caóticas, se bastante poderosas, são capazes de dissolver qualquer defesa feita de matéria, legítima. Nenhum objeto construído segundo os princípios da ordem pode resistir por muito tempo aos assédios do caos puro, como sabemos. — Sepiriz inclinou-se ligeiramente para a frente. — *Stormbringer* já te demonstrou que a única arma que possui força contra o Caos é a de fabricação sobrenatural. O mesmo pode ser dito do *Escudo do Caos*. Sua própria natureza é caótica, e por isso não há nele nada de organizado que possa ter atacado e destruído pelas forças

indiscriminadas. Ele enfrenta o Caos com o Caos, frustrando assim as forças hostis.

Se eu tivesse possuído recentemente esse escudo... as coisas poderiam ter sido melhores para nós.

Eu não podia falar-te dele antes. Sou apenas um servo do Destino e nada posso fazer sem estar autorizado pela força a que sirvo. É possível que, como creio, o Destino desejasse ver o Caos dominar o mundo antes de ser derrotado — admitindo que ele venha a ser derrotado — para que possa alterar completamente a natureza do nosso planeta antes do início do novo ciclo. Haverá alteração, sem dúvida... mas está em tuas mãos, Elric, determinar se no futuro o mundo será governado primordialmente pelo Caos ou pela Lei.

E como posso reconhecer esse escudo?

Pelo sinal do Caos, as oito flechas que irradiam de sua protuberância central. É um escudo pesado e redondo, fabricado para servir de proteção a um gigante. Entretanto, com a vitalidade que recebes de tua espada mágica, terás força para suportá-lo, não receies. Primeiro, porém, tens de ter coragem para arrancá-lo do seu atual proprietário. Mordaga não se esquece da profecia, que lhe foi transmitida pelos outros deuses antes de expulsá-lo.

E tu a conheces também?

O globo parecia mover-se mais lentamente. Elric olhou de relance para Dyvim Slorm, que estava sentado, com os joelhos encostados ao queixo, com uma expressão de desalento e tristeza no rosto. Moonglum agitava-se de vez em quando, gemendo.

Conheço. Em nossa língua forma uma quadra simples:

*"O orgulho de Mordaga, a perdição de Mordaga,*

*O destino de Mordaga será*

*Morrer como homem, quando assassinado*

*Por quatro homens do Destino."*

Quatro homens? Quem são os outros três?

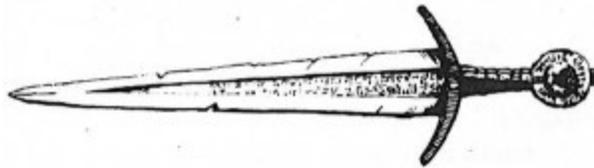
Dois deles já estão contigo. Encontrarás o terceiro na Fortaleza do Anoitecer. Outro velho amigo.

Houve uma sacudidela e as paredes do globo desapareceram. Estavam deitados no pátio de uma sólida fortaleza, cujas grossas paredes de granito vermelho começavam a se materializar em torno deles. Sepiriz também desaparecera, mas alguns servos corriam a atendê-los. Sem que o visse, Elric ouviu a voz do vidente.

Descansai agora. Voltarei a vos ver mais tarde para vos informar sobre o restante do vosso destino.



## **SEGUNDA PARTE**



### **O Escudo do Gigante Triste**

*A sombra da anarquia havia tombado sobre o mundo todo. Nem deuses nem homens nem Aquele que governava a todos eles viam claramente o futuro ou o destino da Terra, enquanto as Forças do Caos aumentavam seu poder, tanto pessoalmente como por meio de seus asseclas humanos. Sobre a face da Terra lavrava a desgraça e a angústia terrível, exceto no esparsamente povoado e já ameaçado continente oriental e na Ilha das Cidades Púrpuras. A torrente avassaladora do Caos em breve os engolfaria também, a menos que alguma força poderosa pudesse ser mobilizada para detê-la.*

*Além do plano terrestre, em seus reinos fronteiraços, os Senhores dos Mundos Superiores assistiam ao conflito e nem mesmo eles vislumbravam inteiramente todo o destino de Elric.*

*Fortes convulsões na Terra e além dela; destinos grandiosos tomando forma e façanhas portentosas sendo planejadas... Seria possível, porventura, que a despeito dos Senhores dos Mundos Superiores, a despeito da Mão Cósmica, a despeito da legião de chefetes sobrenaturais que enxameavam no Universo, que a questão fosse decidida pelo Homem? Por um homem?*

*Um homem, uma espada, um destino? Treze vezes treze são os passos até o covil do gigante triste,*

*E ali jaz o Escudo do Caos. Sete vezes sete são as árvores vetustas.  
Doze vezes doze são os guerreiros que ele vê, Mas ali jaz o Escudo do  
Caos. E o herói íntegro desafiará o gigante triste E a Espada Negra soará  
contra o escudo do Gigante Triste  
Num dia de vitória deplorável.*

*-A Crônica da Espada Negra-*

## Capítulo 1

Dois dias depois viam entrar no porto os arrasados sobreviventes da esquadra. Plenamente recuperado, graças às ervas medicinais de Elric, Moonglum os contava desatentamente.

São pouquíssimos — disse. — Hoje é um dia negro.

Por trás deles soou uma corneta.

Alguém que chega do continente — disse Dyvim Slorm.

Voltaram à Fortaleza do Anoitecer a tempo de verem um arqueiro trajado de escarlate desmontando do cavalo. Tinha o rosto quase descarnado, como se esculpido no osso. O cansaço impedia que assumisse uma posição ereta.

Elric surpreendeu-se.

Rackhir! És o comandante da costa ilmiorana! Por que estás aqui?

Tivemos que bater em retirada. O Teocrata lançou contra nós não apenas uma esquadra, mas duas. A outra veio do Mar Pálido e nos pegou de surpresa. Nossas defesas foram esmagadas, o Caos avançou sobre tudo e tivemos de recuar. O inimigo fez sua base a menos de uma milha de Bakshaan e avança pelo país... se é que podemos falar em avançar, pois ele escorre. Presumivelmente espera encontrar-se com o exército que o Teocrata tenciona desembarcar aqui.

Ahhh... estamos mesmo derrotados!

A voz de Moonglum não passava de um suspiro.

—Temos de conseguir aquele escudo, Elric — disse Dyvim Slorm. — Onde está Sepiriz?

Não importa que ele venha ou não. Hoje à noite tenho de partir para Karlaak. Minha Zarozínia corre perigo. — Elric estava tomado de puro desespero. Saiu e conduziu Rackhir através do pátio, entrando na Fortaleza. — Vem, Rackhir, deves descansar e depois nos contar tudo o que puderes.

Mas Sepiriz o esperava no saguão quando ele ali foi ter; depois de levar Rackhir ao leito.

Teu rosto revela angústia, Elric. Que notícias recebeste?

Elric balançou a cabeça.

Se esse escudo é nossa única esperança, Sepiriz, nesse caso tenho de consegui-lo. Diz-me como fazê-lo!

Daqui a pouco. Pelo menos conseguimos entrar em contato com os Príncipes Brancos, mas eles pouco podem fazer no momento. Seja como for, temos de abrir uma passagem até o plano em que vivem, através das barricadas que o Caos erigiu contra eles. As conquistas de Jagreen Lern na Terra estão quase completadas. Uma vez consolidadas, elas lhe darão maior poder para arregimentar outros aliados do Caos... as forças mais poderosas daquele reino se juntarão a ele. Com a ajuda de Pyaray e de sua Frota do Caos, ele já é quase imbatível... Mas se Pyaray morresse...

Como Pyaray pode ser morto?

É necessário que um homem atinja o cristal que ele tem no alto da cabeça, pois ali residem sua vida e sua alma. Mas ainda não o podes tentar, Elric. É preciso que primeiro tenhas o escudo de Mordaga, apesar da crescente força da tua espada. Notas com que rapidez ela instila energia em teu organismo atualmente?

É verdade. Pareço depender mais que nunca dessa energia. — As palavras de Elric pareciam carregadas de desgosto. — A energia é mais forte, porém é como se eu estivesse mais fraco.

Sepiriz respondeu gravemente:

Essa energia é ganha pelo mal e é um mal em si mesma. A força da espada continuará a crescer, mas à medida que o poder gerado pelo Caos se infundir em teu ser, terás de combatê-lo com mais bravura para controlar a energia que corre em ti. Isto também exigirá força. Portanto, como vês, terás de usar parte da força para combater a própria força.

Elric apertou o punho da espada.

Ainda que o mundo desmorone e se transforme em gás fervente, hei de viver agora. Juro pelo Equilíbrio Cósmico que a Lei triunfará e que uma Nova Era se instalará na Terra!

Esperemos que sim, Elric. Agora, ouve: o castelo de Mordaga é praticamente inexpugnável. Situa-se no penhasco mais elevado de uma montanha alta e isolada, a que se tem acesso por cento e trinta e nove degraus. Esses degraus são ladeados por quarenta e nove sabugueiros contra os quais terás de ter especial cautela. Além disso, Mordaga é guardado por

cento e quarenta e quatro guerreiros. Cito os números explicitamente porque eles têm um significado místico.

Decerto terei cuidado com os guerreiros. Mas por que o cuidado com os sabugueiros?

Cada sabugueiro encerra a alma de um dos seguidores de Mordaga que foi assim castigado. São árvores vingativas.

E o quarto homem da profecia?

Sepiriz ficou triste.

Ele já chegou... Eis por que estou aqui agora. O pobre Rackhir é o quarto.

Pobre Rackhir? Por que pobre?

Sepiriz balançou a cabeça.

Não importa... Está escrito. — Juntou as mãos e disse: — Encontrarás quatro corcéis nihrainianos nos estábulos. Eles vos levarão mais depressa até Mordaga. Usa toda a velocidade que eles puderem dar... pois o Caos caminha em rápidas passadas. — Sepiriz pôs a mão no ombro de Elric e o albino admirou-se ao perceber uma expressão de piedade nos olhos do vidente. — Ah, Elric, receio que ainda tenhas de passar por grandes dissabores. Agora, dorme enquanto Rackhir descansa e diz aos teus companheiros para fazerem o mesmo, pois em breve partireis.

## *Capítulo 2*

Agora o Caos cercava o Oriente pelos dois lados e os quatro homens deixaram a Fortaleza do Anoitecer sabendo ser improvável que ela sobrevivesse. Cavalgaram sobre as águas, e chegando ao continente descobriram que as guarnições se achavam abandonadas e que os homens fugiam ante a formidável ameaça do Caos. Somente no dia seguinte encontraram os primeiros sobreviventes da batalha em terra, muitos dos quais tinham os corpos contorcidos em formas terríveis pela deletéria influência do Caos, caminhando aos cambaleios por uma estrada branca que levava a Jadmar, uma cidade ainda livre. Souberam por eles que metade de Ilmiora, partes de Vilmir e o minúsculo reino independente de Org já haviam caído. O Caos fechava seu cerco e a substância de seu próprio cosmos exótico penetrava na Terra. Assim, onde quer que prevalecia seu poder, os solos agitavam-se como o mar, ou o mar fluía como lava, as montanhas se transfiguravam e das árvores brotavam flores horrendas jamais vistas: toda a natureza ficara instável e não tardaria muito para que o mundo se integrasse inteiramente no reino do Caos.

Elric sentiu-se aliviado ao constatar que Karlaak ainda não fora atacada. No entanto, os relatos diziam que o exército do Caos se achavam a menos de trezentos quilômetros, aproximando-se mais ainda.

Zarozínia o recebeu com uma alegria confusa.

Chegaram notícias de que havias morrido... na batalha naval.

Não posso demorar-me muito. Preciso ir além do Deserto Suspirante. E tens também de sair daqui.

Já foi ordenada a evacuação da cidade. Vamos fugir para o Deserto da Lamentação. Até mesmo Jagreen Lern tem pouco interesse por aquelas paragens ermas.

Talvez. Pelo menos estarás mais segura lá. Se eu tiver sorte, é possível que consiga deter Jagreen Lern ainda em tempo.

Elric contou sua missão a Zarozínia.

Precisas de uma defesa — concordou ela — pois os mortais fora da proteção de Jagreen Lern são terrivelmente alterados pelo Caos.

Água, fogo, ar e terra, tudo se torna instável, pois eles não estão brincando apenas com as vidas e as almas de homens, mas também com os próprios elementos constituintes do planeta. Por isso vou buscar o escudo e ficaremos ambos sob sua proteção.

Espero que sim, meu senhor.

Pareces triste... Pelos deuses, a tristeza escorre de ti. Eu, porém, me sinto otimista, Zaro-zínia. — Elric tomou-lhe as mãos entre as suas, sorrindo com uma alegria forçada. — Vamos, alegre-te também.

A moça tentou sorrir, mas havia lágrimas em seus olhos. Elric olhou para ela com súbita compaixão. Zaro-zínia ainda era apenas uma menina, apesar dos seus lábios sedutores e sua habilidade no amor.

Devo-te muito, querida — disse ele baixinho. — Minhas horas felizes foram poucas... mas foram todas contigo. Não temas... talvez nosso destino venha a ser feliz.

Ela se apertou contra ele.

Não, meu senhor, não... nosso único destino é a morte!

Elric tentou acalmar seus soluços com beijos e ela correspondeu. Amaram-se depois, mas quando adormeceram seus sonhos se encheram de presságios sinistros e se apertaram um contra o outro até a madrugada. Nenhum dos dois era capaz de superar a certeza íntima que tinham da tormenta que se avizinhava.

Ao acordar, de manhã, Elric vestiu-se com os trajes de guerra e as insígnias de Melniboné: uma placa peitoral de reluzente metal negro, um gibão de colarinho alto, de veludo preto axadrezado, negros calções de couro e botas altas, também de couro negro. Jogou às costas uma capa de um vermelho escuro e enfiou no dedo branco e magro o Anel dos Reis, uma rara pedra de Actorios, engastada em prata. Seus longos cabelos brancos chegavam-lhe até os ombros e estavam presos por um aro de bronze. De sua cintura pendia *Stormbringer* e sobre a mesa encontrava-se um elmo negro cônico, gravado com velhos encantamentos, a coroa afinando-se gradualmente até se transformar numa agulha que terminava a cerca de sessenta centímetros da base. Nessa base, dominando as aberturas para os olhos, havia uma réplica de um dragão de asas abertas e de focinho escancarado, uma lembrança de que, como Imperadores do Império Brilhante, seus ancestrais tinham sido Mestres de Dragões e de que talvez

os dragões de Melniboné ainda dormissem em suas cavernas subterrâneas. Elric pegou esse elmo e o ajustou na cabeça. Somente seus olhos vermelhos se destacavam entre as sombras.

Zarozínia já estava vestida. Trajava uma saia e um corpete de fios de ouro, com uma longa capa prateada, orlada de negro, que se arrastava no chão.

Estendeu para Elric um prato de frutas aromatizadas com ervas. Ele empurrou o elmo para trás e começou a comer.

Estás vestido para uma grande batalha, meu senhor.

Sim. — Elric tentou sorrir. — Se disseste a verdade ontem à noite, ambos deveríamos estar vestidos de vermelho funéreo, hem? — Elric depôs o prato e abraçou-a com força, desesperadamente, como um homem se agarra à recordação da felicidade. — Vem, temos de nos apressar. Às cocheiras.

Lá embaixo, no pátio, seus três companheiros já estavam montados. Elric subiu à sela do seu gigantesco cavalo nihrainiano e atirou um beijo à mulher.

Procurar-te-ei no Deserto da Lamentação... e provarei que meu otimismo é fundado! Adeus!

Afastaram-se a galope das muralhas de Karlaak.

Daí a pouco encontravam-se no Deserto da Lamentação, pois aquele era o caminho mais rápido para o Deserto Suspirante. Somente Rackhir conhecia bem a região, e ele os guiava. Em suas costas levava o arco e a aljava das Flechas da Lei, que lhe haviam sido dadas alguns anos antes pelo feiticeiro Lamsar, por ocasião do Sítio de Tanelorn.

Os cavalos de Nihrain, pisando o chão de seu próprio plano, moviam-se a uma incrível velocidade. Naquela área de chuvas perpétuas era difícil avistar a terra adiante, mas por fim, ao cabo de dois dias, viram altos penhascos e perceberam que estavam perto das bordas do deserto. Daí a pouco seguiam através das gargantas profundas e a chuva cessou até que, ao terceiro dia, a brisa tornou-se mais quente e depois tórrida, quando deixaram a serra e penetraram no deserto. O sol era escaldante e o vento calcinava constantemente a terra árida e as rochas. Descansando apenas umas poucas horas de cada vez e dirigidos por Rackhir, embrenhavam-se velozmente cada vez mais no coração do vasto deserto, falando pouco pois o vento dissipava as palavras.

Aos poucos, tornava-se difícil a Elric reter qualquer impressão objetiva do seu dilema. Sentia-se oco e havia muito abandonado a tentativa de compreender sua própria natureza ambivalente. Sempre fora escravo de suas emoções melancólicas, de suas deficiências físicas e do próprio sangue que lhe corria nas veias. Ao contrário de outros, não via a vida como um sistema coerente e sim como uma série de acontecimentos ao acaso. Achava difícil aceitar as forças da Lei e imaginava se o controle de si mesmo valia uma preocupação permanente nesse sentido. Era melhor viver segundo os instintos que teorizar e cometer erros; antes ser um títere, permitindo aos deuses o governarem como lhes aprouvesse, que tentar controlar sua própria sorte, chocar-se contra a vontade dos Mundos Superiores e perecer por suas dores. Ele era o último de uma estirpe consanguínea que, sem esforço, se utilizava de bruxedos, que tinham origem no Caos, para sua própria conveniência e para nenhuma outra finalidade. Não tinham qualquer necessidade de auto controle ou das auto-restrições das raças mais novas. Contudo, era obrigado agora a aceitar esse auto-controle, enquanto sua força mágica se debilitava. No entanto, por que se esforçar para se tornar mais lúcido ou pôr a mente em ordem? Pouco mais era que um animal de sacrifício no altar do Destino. Respirou profundamente, enchendo os pulmões com o ar quente e seco, soltando-o depois do peito em brasa e cuspiu a areia que penetrara por sua boca e narinas.

Olhando para a frente, através do ar carregado de areia, viu alguma coisa que lhe chamou a atenção: uma montanha solitária que se erguia dos ermos desérticos, como se colocada ali por forças não naturais. Afastou do espírito os pensamentos sombrios.

Estamos chegando — disse ele, apontando a montanha. — Vamos descansar aqui antes de percorrermos a etapa final!

## Capítulo 3

A longa escadaria dava voltas na montanha. Erguendo o olhar puderam vislumbrar, bem no alto, uma edificação de alvenaria e, no ponto em que a escadaria fazia uma curva e desaparecia pela primeira vez, um sabugueiro. Parecia uma árvore comum, mas tornou-se um símbolo para eles: era o primeiro antagonista. Que tipo de resistência lhes oporia? Elric pisou no primeiro degrau, alto, construído para as pernas de um gigante. Pôs-se a subir, seguido pelos demais. Ao atingir o décimo degrau, desembainhou *Stormbringer* sentindo-a estremecer e instilar-lhe energia. A subida tornou-se instantaneamente mais fácil. Ao se aproximar do sabugueiro, ouviu-o farfalhar e notou uma agitação nos seus galhos. Era evidente que a árvore realmente possuía sensibilidade. Encontrava-se a alguns passos do sabugueiro quando ouviu o grito de Dyvim Slorm:

— Pelos deuses! As folhas... olhai as folhas!

As folhas verdes, cujos veios pareciam latejar à luz do sol, começavam a separar-se dos galhos e flutuar deliberadamente em direção ao grupo. Uma delas caiu na mão nua de Elric, que tentou afastá-la, mas em vão, enquanto outras começavam a pousar em diferentes partes do seu corpo. Vinham agora numa onda e Elric tomou consciência de uma estranha sensação de formigamento em sua mão. Soltando uma praga, arrancou-a dali e viu com horror que ela deixara pontinhos de sangue. Seu corpo contorceu -se de náusea e arrancou as restantes do rosto, investindo contra as outras com sua espada. Ao serem tocadas pela lâmina, logo murchavam, sendo, porém, substituídas por outras. Instintivamente, Elric percebeu que elas lhe sugavam não só o sangue das veias, como também sua própria força vital.

Com gritos aterrorizados, seus companheiros sentiram a mesma coisa. Aquelas folhas estavam sendo dirigidas e eles sabiam donde vinha essa orientação: da própria árvore. Elric subiu os degraus restantes, travando batalha contra as folhas que esvoaçavam em torno dele como um bando de

gafanhotos. Cerrando os dentes, pôs-se a desferir golpes contra a árvore, que soltou um gemido cavo, enquanto os galhos tentavam alcançá-lo. Elric decepou-os e então mergulhou *Stormbringer* profundamente na árvore. Torrões de terra saltavam no ar enquanto as raízes se debatiam. A árvore começou a berrar e a cambalear em sua direção como se, ainda que morrendo, tentasse matá-lo também. Elric deu um arrancão em *Stormbringer*, que sugava avidamente a seiva vital da árvore sensitiva. Não conseguiu arrancar a arma e saltou de lado enquanto a árvore ruía com estrondo sobre os degraus, por pouco não os atingindo. Um galho bateu-lhe no rosto e arrancou sangue. Elric arfou e cambaleou, sentindo que a vida lhe fugia.

Tropeçou e caiu sobre a árvore, notando que sua madeira morreria de súbito e que as folhas que ainda restavam tinham ficado amarelas e murchas.

Depressa — disse ele num sussurro, quando os companheiros chegaram. — Virem essa coisa. Minha espada está debaixo e sem ela vou morrer!

Sem perder um instante puseram-se a trabalhar e rolaram a árvore, para que Elric pudesse fracamente agarrar o punho da espada, que ainda se achava enterrada nela. Ao fazê-lo, quase gritou, experimentando uma sensação de extasiante poder quando a energia da árvore o envolveu. Elric sentiu-se de repente como um verdadeiro deus. Riu, como se possuído por um demônio, e os outros o olharam assombrados.

Vinde, amigos, segui-me. Agora posso enfrentar um milhão dessas árvores.

Elric atirou-se degraus acima, recebendo nova chuva de folhas. Ignorando suas picadas, partiu direto contra o segundo sabugueiro, enfiando-lhe a espada. Também essa árvore berrou.

Dyvim Slorm! — gritou, embriagado de energia. — Faz como eu... deixa tua espada beber algumas dessas almas e nos tornaremos invencíveis!

Um poder como esse em nada me apetece — disse Rackhir, afastando folhas mortas do seu corpo, enquanto Elric arrancava a espada do sabugueiro e corria em direção ao seguinte. As árvores eram mais grossas agora e curvavam os galhos para o atingir, como dedos gigantesco que o tentassem despedaçar.

Dyvim Slorm, com um pouco menos de espontaneidade, imitou o método de Elric de dar fim às criaturas vegetais, e daí a pouco também ele se sentia carregado com as almas roubadas dos demônios aprisionados dentro dos sabugueiros e seu riso selvagem juntou-se ao de Elric, enquanto

atacavam as árvores como lenhadores diabólicos. Cada vitória lhes infundia redobrada carga de energia e Moonglum e Rackhir se entreolhavam, espantados por verem alteração tão terrível ocorrer aos seus amigos.

Não havia como negar, entretanto, que o método que usavam contra os sabugueiros era eficiente. Daí a pouco, olhando para trás, vira, por toda a extensão da montanha, uma série de árvores abatidas e enegrecidas.

Todo o antigo e sinistro ardor dos reis mortos de Melniboné se estampava nos rostos dos dois nobres, que cantavam antigos hinos de batalha, suas espadas gêmeas unindo-se ao canto, uma perturbadora melodia de destruição e malignidade. Os lábios de Elric se abriam mostrando seus dentes brancos, enquanto os olhos vermelhos rutilavam com um fervor assustador. Seus cabelos brancos como a neve voavam no vento escaldante e ele brandia a espada contra o céu. De repente, voltou-se para seus companheiros.

— Vede, amigos, como os antigos reis de Melniboné venceram homens e demônios para governar o mundo durante dez mil anos!

Moonglum pensou que realmente Elric merecia agora o epíteto de Lobo, que ganhara no Ocidente havia muito tempo. Toda a força maléfica conquistara agora controle total sobre cada parte dele. Moonglum sentiu que Elric não se encontrava mais dividido em suas lealdades, que já não havia nenhum conflito nele. O sangue dos seus ancestrais o dominava e ele revelava o que aqueles famosos imperadores deviam ter sido havia milênios, quando todas as demais raças humanas fugiam deles, temendo sua malignidade e seu esplendor. Dyvim Slorm parecia igualmente possuído. Moonglum murmurou uma prece sincera aos deuses benignos que porventura ainda restassem no universo, agradecendo o fato de Elric ser seu aliado e não seu inimigo.

Estavam agora quase chegando ao topo, Elric e seu primo prosseguiram viagem com saltos sobre-humanos. Os degraus findavam na boca de um túnel sinistro e a dupla lançou-se escuridão adentro, rindo e gritando um para o outro. Menos ousadamente, Moonglum e Rackhir os seguiram, o Arqueiro Vermelho colocando uma flecha em seu arco.

Elric espreitou na escuridão, semi-embriagado pela força que parecia querer explodir de cada um dos poros de sua pele. Ouviu o tumulto de guerreiros que arremetiam em sua direção e, ao vê-los mais de perto, percebeu que eram apenas seres humanos. Embora fossem quase cento e cinquenta, não o atemorizavam. Quando o primeiro grupo o atacou, Elric

aparou os golpes com facilidade, prostrou-os por terra e cada alma sugada pelo fio de sua espada contribuía com um incremento mínimo para a vitalidade que já estava instilada nele. Juntos, ombro a ombro, os dois primos dizimavam soldados às dúzias, como se não passassem de crianças inermes. Moonglum e Rackhir se espantaram ao chegar. Um rio de sangue escorria pelos degraus, tornando-os escorregadios. O fedor da morte no ambiente confinado tornou-se excessivo quando Elric e Dyvim Slorm passaram por cima dos cadáveres dos primeiros guerreiros e investiram contra os restantes.

A cena era demasiado chocante para Rackhir.

Embora sejam inimigos e servos daqueles a quem combatemos, não posso assistir a tal carnificina — disse ele. — Não somos necessários aqui, meu caro Moonglum. São demônios em luta, não homens!

Sim — concordou Moonglum, inquieto.

Voltaram à luz do sol e viram o castelo à frente, os guerreiros restantes voltando a se reunir enquanto Elric e Dyvim Slorm avançavam ameaçadoramente na direção deles, com um brilho sinistro no olhar. O ar se encheu de gritos e ruídos de armas que se chocavam. Rackhir atirou uma flecha contra um dos guerreiros, atingindo-o no olho esquerdo.

Vou tratar de dar a alguns deles uma morte mais limpa — murmurou, colocando outra flecha no arco.

Quando Elric e seu primo desapareceram entre as fileiras inimigas, outros guerreiros, talvez sentindo que Rackhir e Moonglum eram menos perigosos, investiram contra os dois. Moonglum viu-se combatendo contra três e descobriu que sua espada parecia extraordinariamente leve e que produzia uma nota doce e clara ao se chocar com as armas dos inimigos, desviando-as com facilidade. A espada não lhe fornecia energia, mas não perdia o fio, como poderia acontecer, e nem as armas mais pesadas conseguiam desviá-la com facilidade. Moonglum adivinhou que ali havia o dedo de Sepiriz. Rackhir já usara todas as flechas em seus atos de misericórdia. Pôs-se a lutar a espada e derrubou dois guerreiros ferindo por trás o terceiro, que atacava Moonglum, com um golpe que lhe perfurou o coração.

Saíram então, com o estômago revirado, em direção ao combate principal e viram que a grama estava literalmente coberta de grande quantidade de cadáveres.

Para! — gritou Rackhir para o albino. — Elric, deixa que nós acabemos com estes. Não precisas das almas deles. Podemos matá-los com métodos mais naturais!

Entretanto, Elric achou graça e continuou a matança. Depois que acabou de despachar um dos guerreiros, e num momento em que não havia nenhum outro por perto, Rackhir segurou-o pelo braço.

Elric...

*Stormbringer* girou na mão de Elric, uivando em sua exultação saciada, e lançou-se contra Rackhir. Pressentindo seu destino, o Arqueiro Vermelho soluçou e tentou fugir ao golpe. Contudo, a lâmina caiu sobre sua omoplata, descendo até o esterno.

Elric! Minha *alma* não!

E assim morreu o herói Rackhir, o Arqueiro Vermelho, famoso nas Terras do Oriente como o Salvador de Tanelorn. Aberto ao meio pela lâmina traiçoeira de um amigo.

E Elric riu até perceber o que aconteceu. Puxou a arma, mas já era tarde demais. A energia roubada ainda pulsava nele, mas sua dor não lhe dava mais o mesmo controle sobre si mesmo. As lágrimas rolaram pelo seu rosto torturado e um grito desesperado soou naquelas paragens inóspitas.

Ah, Rackhir... isto nunca acabará?

De lados opostos do campo coberto de cadáveres, seus dois outros companheiros o olhavam. Dyvim Storm cessara a carnificina, mas apenas porque já não havia nenhum inimigo a ser morto. Olhou em torno de si, ofegante e quase atônito. Moonglum fitava Elric com uma expressão de horror, mas que deixava perceber ainda um laivo de comiseração pelo amigo, pois conhecia bem a maldição que pesava sobre Elric e sabia que *Storm-bringer* cobiçava a vida de alguém que lhe fosse querido.

Nunca houve herói mais gentil que Rackhir — disse ele — e nenhum homem mais desejoso de paz e ordem.

Então estremeceu.

Elric pôs-se de pé, virando-se para contemplar o imenso castelo de granito e arenito que esperava num silêncio enigmático, como se aguardando sua próxima ação. Sobre as ameias da torre mais elevada, lobrigou um vulto que só podia ser o gigante.

Silenciosamente, conduziu os dois companheiros através da porta do castelo de Mordaga, vendo-se imediatamente num salão opulento e decorado à maneira bárbara.

Mordaga! — gritou. — Viemos para cumprir uma profecia!

Esperaram impacientemente, até que por fim uma figura corpulenta assomou numa enorme arcada na extremidade do vasto salão. Mordaga era da altura de dois homens, mas suas costas já se curvavam. Tinha os cabelos pretos, longos e crespos, e vestia um casaco azul-escuro afivelado na cintura. Nos pés enormes trazia simples sandálias de couro. Seus olhos de azeviche revelavam uma dor profunda, que anteriormente Moonglum só vira nos de Elric.

Preso ao braço do gigante triste, havia um escudo redondo, no qual se achavam gravadas as sete flechas âmbar do Caos. Era um escudo de coloração verde-prateada, muito belo. O gigante não portava nenhuma outra arma.

Conheço a profecia — disse ele, com uma voz que se assemelhava a um vento uivante e solitário. — Mesmo assim, devo tentar evitá-la. Humano, concordas em aceitar este escudo e deixar-me em paz? Não desejo a morte.

Elric sentiu uma ponta de pena do tristonho Mordaga, compartilhando parte da dor que o deus em desgraça devia estar sentindo naquele momento.

A profecia diz morte — respondeu ele, em voz baixa.

Toma o escudo. — Mordaga ergueu-o, estendendo-o na direção de Elric. — Toma o escudo e muda o Destino desta vez.

Eu o farei — disse Elric.

Com um enorme suspiro, o gigante depositou o Escudo do Caos no chão.

Durante milhares de anos tenho vivido à sombra dessa profecia — disse ele, endireitando as costas. — Agora, embora possa vir a morrer de velhice, morrerei em paz e, embora antes não pensasse assim, creio que depois de tanto tempo essa morte me será bem-vinda.

O mundo inteiro parece esperar a morte com ansiedade — disse Elric — mas é possível que não venhas a morrer naturalmente, pois o Caos se aproxima e te engolirá, como engolirá tudo o mais, se eu não o puder deter. Pelo menos, entretanto, a morte ao que parece te encontrará com uma atitude mais filosófica.

Adeus e obrigado — disse o gigante virando-se e se encaminhando em direção à porta por onde entrara.

Quando Mordaga desapareceu, Moonglum pôs-se a correr, seguindo-o pela porta antes que Elric ou Dyvim Slorm pudessem gritar ou detê-lo.

Ouviram então um grito que pareceu ecoar pela eternidade, uma queda que fez estremecer o salão, e depois o som de passos que voltavam.

Moonglum reapareceu sob o arco, com a espada manchada de sangue na mão.

Foi assassinato — disse ele com simplicidade. — Admito que tenha sido. Matei-o pelas costas sem que ele o percebesse. Foi uma morte boa e rápida e ele faleceu enquanto ainda estava feliz. Além disso, foi uma morte melhor que aquela que seus servos quiseram que tivéssemos. Foi um assassinato mas, em minha opinião, necessário.

Por quê? — perguntou Elric, admirado.

Sem se perturbar, Moonglum respondeu:

Ele tinha de morrer como o Destino decretou. Elric, somos servos do Destino, e modificá-lo, mesmo que ligeiramente, representa uma negação de seus desígnios. Mais do que isso porém, essa morte foi o começo da minha própria vingança pessoal. Se Mordaga não se houvesse cercado com tal número de guardas, Rackhir não teria morrido.

Elric balançou a cabeça.

A culpa disso foi minha, Moonglum. O gigante não devia ter morrido pelo crime da minha própria espada.

Alguém tinha de morrer — disse Moonglum obstinadamente — e como a profecia falava na morte de Mordaga, o condenado era ele. Quem mais, entre os que estavam aqui, eu poderia matar, Elric?

Elric virou-se.

Oxalá fosse eu — sussurrou.

Baixou os olhos para o grande escudo redondo, com suas cambiantes setas ambarinas e sua misteriosa coloração verde-prata. Levantou-o com bastante facilidade e prendeu-o ao braço. O escudo praticamente cobria todo seu corpo, do queixo aos tornozelos.

Apressemo-nos e deixemos este antro de morte e desgraça. As terras de Ilmiora e Vilmir aguardam nossa ajuda... se é que já não foram inteiramente subjugadas pelo Caos!

Foi nas montanhas que separavam o Deserto Suspirante do Deserto da Lamentação que souberam do que acontecera ao último dos Jovens Impérios. Ao regressar encontraram-se com um grupo de seis guerreiros exaustos, chefiados pelo Senhor de Voashoon, pai de Zaro-zínia.

Que houve? — indagou Elric, ansiosamente. — Onde está Zaro-zínia?

Não sei se ela está desaparecida, morta ou aprisionada, Elric. Nosso continente foi subjugado pelo Caos.

Não a procuraste? — insistiu Elric, acusador.

O ancião deu de ombros.

Meu filho, assisti a tantos horrores nestes últimos dias que me encontro privado de qualquer sentimento. Nada me importa além de uma rápida libertação de tudo isto. Os dias da humanidade na Terra terminaram. Não passe daqui, pois até mesmo o Deserto da Lamentação começa a se transformar diante da maré penetrante do Caos. É inútil.

Inútil! Não! Ainda estou vivo... e talvez Zarozínia também esteja. Nada soubeste do seu paradeiro?

Somente um boato de que Jagreen Lern a levara para bordo da nau capitânea do Caos.

Ela está nos mares?

Não... esses malditos navios navegam tanto na terra como no mar, se é que atualmente se pode distinguir um do outro. Foram eles que atacaram Karlaak, com uma vasta horda de cavaleiros e infantes. Reina a confusão. Nada encontrarás lá senão a morte, meu filho.

Veremos. Finalmente disponho de alguma proteção contra o Caos, além da minha espada e de meu cavalo nihrainiano. — Elric voltou -se, ainda montado, para falar aos companheiros. — Bem, desejais ficar aqui com o Senhor de Voashoon ou quereis acompanhar-me ao coração do Caos?

Iremos contigo — disse Moonglum serenamente, falando por ambos. — Seguimos-te até agora e, seja como for, nossos destinos estão ligados ao teu. Nada mais podemos fazer.

Adeus, Senhor de Voashoon — disse Elric ao seu sogro. — Se quiseres prestar-me um favor, atravessa o Deserto da Lamentação e vá até Eshmir e aos Reinos Desconhecidos, onde fica a terra de Moonglum. Diz -lhes o que devem esperar, ainda que provavelmente já não haja meio de salvá-los.

Tentarei — disse Voashoon, com desalento — e espero chegar lá antes do Caos.

Elric e seus companheiros partiram, rumo às hordas reunidas do Caos: três homens contra as forças desencadeadas das trevas. Três homens indômitos que haviam seguido seu caminho com tamanha fidelidade que agora lhes era inconcebível fugir. Era preciso que fossem representados os últimos atos da tragédia, não importa que a eles se seguissem a noite turbulenta ou um dia bonançoso.

Os primeiros sinais do Caos se fizeram sentir assim que avistaram o lugar onde antes vicejara uma pradaria verdejante. Tudo agora não passava de um atoleiro amarelo, de rochas fundidas que, embora frias, rolavam de um lado para outro com um que de deliberado propósito. Como não galopavam sobre o plano da Terra, os cavalos de Nihrain atravessaram aquele lugar com relativa facilidade, e ali se viu o Escudo do Caos atuar pela primeira vez, pois, ao passarem, a líquida rocha amarela se transformou e tornou-se grama outra vez, por um breve período.

Em certo momento, encontraram uma coisa gigante que ainda possuía um arremedo de membros e uma boca capaz de falar. Por essa pobre criatura souberam que Karlaak não existia mais, que a cidade fora revirada de cima a baixo e transformada numa massa escaldante. No sítio onde outrora se erguera a altiva capital de Melniboné, as forças do Caos, humanas e sobre-humanas, haviam instalado seu acampamento, depois de feito seu trabalho. A coisa semiviva referiu-se também a algo de especial interesse para Elric. Dizia-se que a Ilha dos Dragões de Melniboné era o único local onde o Caos fora incapaz de exercer sua influência.

Se, depois de realizado nosso trabalho, conseguirmos alcançar Melniboné — disse Elric a seus amigos enquanto prosseguiam a jornada — talvez possamos habitar ali até que os Príncipes Brancos nos possam ajudar. Há lá também dragões adormecidos nas cavernas... e eles poderiam ser úteis contra Jagreen Lern, se conseguíssemos despertá-los.

De que vale lutar contra ele agora? — perguntou Dyvim Slorm desanimadamente. — Jagreen Lern venceu, Elric. Não cumprimos nosso destino. Nosso papel terminou e o Caos prevaleceu.

Será? Mas ainda temos de lutar contra ele e testar sua força com relação à nossa. Só depois disso é que se poderá afirmar qual foi o resultado final.

Dyvim Slorm manteve a expressão de descrédito, porém nada disse.

E então, por fim, chegaram ao acampamento do Caos.

Nenhum pesadelo mortal poderia igualar-se a visão tão aterradora. As gigantescas Naves do Inferno dominavam o lugar. Elric e seus camaradas observavam a distância, atônitos com o que viam. Labaredas de todas as cores pareciam brotar de toda parte, demônios misturavam-se aos homens, os Duques do Inferno com sua diabólica beleza conferenciavam com reis de faces encovadas que se haviam aliado a Jagreen Lern e talvez agora se arrependessem disso. Vez por outra, o chão se agitava, entrava em erupção e quaisquer seres humanos que por infelicidade se encontrassem na área eram

tragados e totalmente transformados, ou tinham seus corpos deformados de maneira indescritível. O barulho que chegava do acampamento era uma tétrica mistura de vozes humanas e trovejantes sons do Caos, uivantes gargalhadas de diabos e, com frequência, o grito torturado de uma alma humana que possivelmente deplorava sua lealdade ao partido que escolhera e que agora sofria de loucura. Pairava no ar uma repulsiva fedentina de corrupção, sangue e maldade. As Naves do Inferno moviam-se lentamente em meio à horda que se estendia por milhas e milhas, pontilhadas aqui e ali por imponentes pavilhões de reis, esvoaçando no ar. Pompa inócua em comparação ao poder do Caos! Muitos dos seres humanos mal podiam ser distinguidos das criaturas do Caos, tão alteradas estavam suas formas.

É evidente que a influência deletéria do Caos torna-se ainda mais acentuada entre os humanos — sussurrou Elric a seus amigos, que a tudo observavam ainda montados. — Isto continuará até que Jagreen Lern e os reis traidores percam toda aparência de seres humanos e se tornem apenas um fração da substância destruidora do Caos. Isto significará o fim da raça humana: a humanidade desaparecerá para sempre, engolida pela goela do Caos.

O que estais vendo, meus amigos, é o que resta da humanidade, com exceção de nós próprios. Em breve ela será indistinguível de tudo o mais. Toda esta Terra instável se acha sob o tacão dos Senhores do Caos, que gradualmente a estão absorvendo em seu próprio reino, em seu próprio plano. Primeiro eles modificarão e depois roubarão a Terra inteiramente. O mundo será apenas mais um torrão de argila que moldarão segundo as formas mais grotescas que lhes ditar a fantasia.

E é isso que estamos procurando evitar! — exclamou Moonglum sem ânimo. — Não podemos, Elric!

Temos de continuar tentando, até que nós próprios estejamos vencidos. Lembro-me de que Sepiriz disse que se Pyaray, o comandante da esquadra do Caos, for morto, os próprios navios não poderão mais existir. É isso que penso fazer. Além disso, não me esqueci de que minha mulher talvez esteja cativa a bordo do seu navio ou que Jagreen Lern esteja lá. Tenho três bons motivos para me aventurar ali.

Não, Elric! Seria puro suicídio!

Não te peço que me acompanhes.

Se fores, iremos também, mas não por prazer.

Se um homem não puder ter êxito, também não o terão três. Irei sozinho. Esperai por mim. Se eu não voltar, tentai ir a Melniboné.

Elric!... — gritou Moonglum.

Mas, cobrindo-se com o Escudo do Caos, Elric já esporeara o cavalo nihrainiano e partira para o acampamento do Caos.

Protegido contra a influência do Caos, Elric foi avistado por um destacamento de guerreiros ao se aproximar da nave que escolhera como seu destino. Os cavaleiros o reconheceram e investiram contra ele aos gritos.

Elric riu.

Exatamente o aperitivo de que minha espada necessita antes de se banquetear naquele navio! — exclamou, enquanto decepava a cabeça do primeiro homem, como se fosse uma flor.

Bem protegido por seu grande escudo, Elric distribuía golpes a seu bel-prazer. Desde que *Stormbringer* matara os deuses aprisionados nos sabugueiros, a vitalidade que a espada lhe transmitia era quase ilimitada, mas cada alma que Elric roubava aos guerreiros de Jagreen Lern representava mais uma parcela de vingança, ainda que mínima. Contra homens, ele era invencível. Rachou um guerreiro fortemente encouraçado da cabeça ao púbis, e a espada continuou sua destruição, abrindo ao meio a sela e despedaçando a espinha do cavalo.

Os guerreiros restantes recuaram então subitamente e Elric sentiu o corpo formigar com sensações estranhas, percebendo que se encontrava na área de influência das Naves do Caos, embora seu escudo o protegesse. Naquele momento, encontrava-se parcialmente fora do seu próprio plano terrestre, vivendo entre seu mundo e o mundo do Caos. Elric desmontou do cavalo nihrainiano e ordenou-lhe que esperasse. Dos costados do primeiro navio pendiam cordas. Elric percebeu horrorizado que outras figuras subiam por elas e reconheceu vários homens que já vira em Karlaak. Entretanto, antes que pudesse chegar ao navio viu-se cercado por toda espécie de vultos horripilantes, coisas que voavam em sua direção mugindo, com cabeças humanas e bicos de pássaro, coisas que surgiam rastejando do chão e o atacavam, coisas que andavam às apalpadelas, que vagiam, que gritavam, tentando derrubá-lo para que se unisse a elas. Freneticamente, Elric brandia *Stormbringer* de um lado para outro, abrindo caminho em meio às criaturas do Caos, enquanto o Escudo do Caos, que trazia preso ao braço, impedia que se tornasse igual a elas. Por fim chegou até onde se

encontravam as tétricas filas de mortos e juntou-se a eles na escalada nos costados do imenso navio reluzente, tendo como única satisfação naquela companhia desagradável o fato de que os mortos quase o ocultavam.

Ao cabo de algum tempo, chegou à amurada do navio e saltou por cima dela, cuspidando fel ao penetrar numa estranha zona de escuridão. Logo chegou ao primeiro de uma série de tombadilhos que se erguiam como degraus até o último, onde mal podia vislumbrar seus ocupantes: um vulto de aparência humana e algo semelhante a um polvo descomunal e rubro. O primeiro era provavelmente Jagreen Lern. O segundo era evidentemente Pyaray, pois aquele, como bem sabia Elric, era o disfarce que ele assumia quando se manifestava na Terra.

Uma vez a bordo, Elric tomou consciência da natureza sombria e indistinta da luz, cheia de faixas móveis, uma rede de vermelhos-escuros, azuis, amarelos, verdes e púrpuras que, enquanto ele se movia, cediam e se transformavam às suas costas. A todo momento os cadáveres tropeçavam nele, e Elric tomou a decisão de não olhar seus rostos perto demais, pois já reconhecera vários dos marujos errantes a quem abandonara, anos antes, durante a fuga de Imrryr.

Lentamente, aproximou-se do convés superior, notando que até o momento tanto Jagreen Lern como o Senhor Pyaray não davam mostras de terem percebido sua presença. Talvez se considerassem inteiramente livres de qualquer ameaça de ataque, agora que já haviam conquistado todo o mundo conhecido. Elric sorriu malignamente enquanto continuava a subida, agarrando o escudo firmemente, sabendo que, se o largasse, seu corpo se transformaria em alguma forma absurda ou se desvaneceria completamente, sendo integrado na substância do Caos. Elric já não pensava em nada mais senão em seu objetivo primordial, que consistia em destruir a manifestação terrena do Príncipe Pyaray. Tinha de atingir o último convés e resolver primeiro a diferença com o Senhor do Caos. Depois daria cabo de Jagreen Lern e, se ela realmente estivesse ali, libertaria Zaro-zínia e a levaria para um lugar seguro.

Continuou a subir os conveses escuros, através das filigranas de estranhas cores, os cabelos leitosos flutuando, em contraste com a escuridão sombria a seu redor. Ao atingir o penúltimo tombadilho, sentiu um toque delicado no ombro e, olhando em torno viu com pavor que se tratava de um dos tentáculos vermelho-sangue de Pyaray. Elric atirou-se para trás, erguendo o escudo.

A ponta do tentáculo bateu no escudo e ricocheteou, subitamente, murchando todo. De cima, onde se encontrava a maior parte do corpo do Senhor do Caos, veio um grito lancinante.

*Que é isso? Que é isso? Que é isso?*

Elric emitiu um descarado brado de triunfo ao ver seu escudo exercer tal efeito.

Sou eu, Elric de Melniboné, grande senhor. Vim para destruir-te!

Outro tentáculo saltou em sua direção, tentando enrolar-se em torno do escudo e envolver Elric. Logo seguiu-se outro e mais outro. Elric decepou um deles, cortando sua extremidade sensível, viu outro bater no escudo, recuar e murchar, e depois evitou um terceiro a fim de contornar correndo o convés e subir, tão depressa quanto pôde, a escada que conduzia ao convés superior. Ali chegando, viu Jagreen Lern, com os olhos arregalados. O Teocrata vestia sua conhecida armadura escarlate. Trazia num braço um escudo e na mesma mão um machado, enquanto a mão direita segurava um sabre. Olhou para essas armas, sem dúvida consciente de que eram inadequadas contra as de Elric.

Depois cuido de ti, Teocrata — prometeu Elric.

Idiota é o que és, Elric! Agora estás perdido, por mais que faças.

Talvez essas palavras fossem verdadeiras, mas Elric não se importou.

Arreda, pretensioso! — bradou, enquanto, com o escudo erguido, caminhava cautelosamente em direção ao Senhor do Caos.

É o assassino de primos meus, Elric — disse a criatura numa voz roufenha. — E baniste vários Duques do Caos para seus próprios domínios, de modo que não podem mais regressar à Terra. Deves pagar por isso.

Eu, pelo menos, não te subestimo, como provavelmente eles fizeram.

Um dos tentáculos voou sobre o albino e tentou descer além da borda do escudo e envolver-lhe a garganta. Elric saltou de lado e bloqueou a manobra com o escudo.

Nesse momento, uma completa teia de tentáculos começou a vir de todas as direções, cada um deles enrolando-se em volta do escudo, sabendo que tocá-lo significava a morte. Elric pulava para os lados, evitando-os com dificuldade, desferindo golpes com *Stormbringer*. Enquanto lutava, lembrou-se das palavras de Sepiriz: *Procura atingir o cristal no alto de sua cabeça. Ali residem sua vida e sua alma*. Elric viu o cristal azul e fulgente que a princípio tomara por um dos muitos olhos do Senhor Pyaray. Deu um passo em direção à raiz dos tentáculos, deixando as costas mal protegidas,

mas não havia alternativa. Ao fazê-lo, mandíbulas enormes se abriram na cabeça da criatura e tentáculos começaram a puxá-lo naquela direção. Elric voltou o escudo na direção daquela goela até tocar-lhe os lábios com ele. Uma substância amarela e gelatinosa jorrou da bocarra, enquanto o Senhor do Caos gritava de dor. Elric apoiou o pé num coto de tentáculo e subiu pelo couro escorregadio do Senhor do Mal, com o corpo convulsionado. Toda vez que o escudo encostava em Pyaray causava alguma espécie de ferida, de modo que o Senhor do Caos pôs-se a se debater horripelmente. De repente, Elric se viu equilibrado instavelmente sobre a resplandecente alma-cristal. Fez uma pausa ligeira, e depois enterrou *Stormbringer* naquele ponto crítico!

Uma pulsação poderosa sacudiu o corpo da criatura, que emitiu um grito monstruoso, a que se uniu um outro grito, este de Elric, ao sentir *Stormbringer* haurir a alma de um Príncipe do Inferno e transmitir a ele essa vitalidade transbordante. A sensação foi excessiva, e ele foi atirado para trás. Perdeu o equilíbrio no convés viscoso, despencou do próprio convés e foi cair num outro, quase trinta metros abaixo. Chocou-se com uma violência capaz de lhe quebrar todos os ossos, mas graças à vitalidade recentemente adquirida, a queda nenhum mal lhe causou. Prontamente se ergueu, disposto a subir novamente em busca de Jagreen Lern. O rosto ansioso do Teocrata surgiu no alto e gritou:

Encontrarás um presente para ti naquela cabina, Elric!

Dividido entre o impulso de perseguir o Teocrata, sabendo no fundo que ainda não chegara o momento de sua vingança, e a vontade de investigar o que havia no camarote, Elric voltou-se e abriu a porta. Ouviu um soluço pavoroso.

Zarozínia!

Elric curvou-se para atravessar a porta e então a viu. O Caos a deformara. Somente restava sua cabeça, a mesma cabeça linda de sempre.

Seu corpo lindo, entretanto, estava pavorosamente alterado. Assemelhava-se agora ao corpo de um gigantesco verme branco.

Foi Jagreen Lern quem te fez isto?

Ele e seu aliado.

Conservaste o juízo? Como o conseguiste?

Esperando por ti. Tenho de fazer uma coisa que exigia que eu não perdesse a razão.

O corpo vermiforme aproximou-se dele, ondulante.

Não! Não te aproximes! — gritou Elric, com o estômago revoltado, embora a contragosto. Mal suportava olhar para ela. Entretanto, Zaro-zínia não lhe deu ouvidos. O corpo vermiforme rastejou em sua direção e impalou-se em *Stormbringer*.

Toma! — gritou a cabeça. — Recebe minha alma, Elric, pois agora sou inútil para mim e para ti! Leva minha alma contigo e estaremos juntos para sempre.

Não! Estás enganada! — Elric tentou arrancar a espada sedenta, mas era impossível. E ao contrário de qualquer sensação que já havia recebido dela, dessa vez o sentimento foi quase meigo. Cálido e agradável, trazendo consigo a juventude e a inocência daquela menina-mulher, a alma de Zarozínia fluíu para ele, que começou a chorar. — Ah, Zarozínia. Ah, meu amor!

E assim morreu ela, sua alma misturando-se à dele, tal como, anos antes, a alma de sua primeira mulher, Cymoril, também fora tomada. Elric não olhou para o rosto de Zarozínia, não contemplou seu corpo de verme, e saiu lentamente da cabina.

Embora sua alma bramisse numa amargura infinita, *Stormbringer* pareceu gargalhar quando a reembainhou.

Agora, porém, ao deixar a cabina, parecia que o convés se estava desintegrando, como previra Sepiriz. A destruição de Pyaray também significava a destruição da medonha esquadra infernal. Jagreen Lern evidentemente aproveitara a ocasião para fugir e em seu presente estado de espírito Elric não se sentia animado a persegui-lo. Só lamentava que a frota houvesse conseguido realizar seu propósito antes que tivesse podido destruí-la. Ajudado pela espada e pelo escudo, Elric saltou do navio para o chão que oscilava e correu em direção ao seu cavalo nihrainiano, que corcoveava e escoiceava para se defender de um grupo barulhento de criaturas do Caos. Elric mais uma vez sacou a espada mágica e arremeteu contra elas, dispersando-as e montando o corcel de Nihrain. Com lágrimas ainda escorrendo do rosto, saiu a galope do acampamento do Caos, deixando as Naves do Inferno a se esfacelarem. Aquelas pelo menos não ameaçariam mais o mundo e um golpe grave fora infligido ao Caos. Agora só restava a horda para ser dizimada... o que não seria tão fácil.

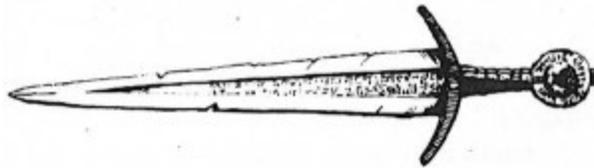
Afastando com cutiladas as criaturas deformadas que saltavam contra ele, Elric finalmente reuniu-se aos amigos, nada lhes disse e conduziu o

cavalo para a estrada oscilante de Melniboné, onde se poderia preparar a batalha final contra o Caos, na qual se completaria seu destino.

E enquanto partia, ainda lhe parecia escutar na mente a voz juvenil de Zarozínia a murmurar consolos, enquanto, soluçando, galopava para longe do Acampamento do Caos.



## ***TERCEIRA PARTE***



### ***A Agonia do Príncipe Condenado***

*Pois somente a Mente Humana é livre para explorar a sublime vastidão do infinito cósmico, transcender a consciência ordinária ou vagar pelos corredores subterrâneos do cérebro humano, de dimensões ilimitadas. E o universo e o indivíduo se vinculam, um refletido no outro e cada um contendo o outro.*

**-A Crônica da Espada Negra-**

## *Capítulo 1*

A cidade dos sonhos já não sonhava em esplendor. As torres despedaçadas de Imrryr eram invólucros enegrecidos, escombros de alvenaria que se levantavam, nítidos e escuros, contra um céu soturno. No passado, a vingança de Elric trouxera o fogo à cidade, e o fogo realizara a destruição.

Fiapos de nuvens, como fumaça fuliginosa, desfilavam diante do sol latejante, fazendo com que as águas barulhentas e tingidas de vermelho, além de Imrryr, se manchassem de sombras. Pareciam agora mais serenas, como que acalmadas pelas negras cicatrizes que lhe atravessavam a agourenta turbulência.

Em meio à confusão de alvenaria em pedaços, estava um homem contemplando as ondas. Um homem alto, de ombros largos e quadris finos, um homem de sobranceiras oblíquas, orelhas pontudas e desprovidas de lobos, olhos melancólicos num rosto ascético de um branco cadavérico. Vestia um gibão negro e axadrezado e uma capa pesada, de gola alta, que lhe ressaltavam a palidez da pele albina. O vento quente e errante brincava com sua capa, roçava-a e ia adiante para uivar através das torres desmoronadas.

Elric ouvia-lhe os assovios e recordava as doces, maliciosas e merencóreas melodias da velha Melniboné. Lembrava-se também da outra espécie de música criada por seus ancestrais quando elegantemente torturavam seus escravos, escolhendo-os segundo a sonoridade dos seus gritos e reunindo-os para formarem instrumentos de ímpias sinfonias. Perdendo -se nessas lembranças nostálgicas por um momento, encontrou algo que se assemelhava à serenidade, e lamentou que houvesse, ainda que por um dia, posto em dúvida o código de Melniboné, desejando que o houvesse aceito sem contestação, para que não se visse depois com a mente dividida. Pensando assim, sorriu com amargura.

Um outro vulto surgiu nas ruínas e subiu as pedras desmoronadas, ficando ao seu lado. Era um homenzinho de cabelos ruivos e boca enorme, com olhos que já haviam sido brilhantes e alegres.

Olhas para o oriente, Elric — murmurou Moonglum. — Olhas para uma coisa que não tem mais remédio.

Elric colocou a mão no ombro do amigo.

Para onde mais olharei, Moonglum, quando o mundo se encontra sob o tacão do Caos? Que queres que faça? Imaginar dias de esperança e de risos, uma velhice cercada de paz, com crianças brincando aos meus pés?

Elric riu baixinho. Não era um riso que agradasse a Moonglum.

Sepiriz referiu-se a uma ajuda dos Príncipes Brancos. Essa ajuda deve estar por chegar. Temos de esperar com paciência.

Moonglum virou-se para olhar o sol fulgente e imóvel, entrecerrando os olhos, e depois, com o rosto assumindo uma expressão introspectiva, baixou o olhar para as ruínas, sobre as quais se encontrava.

Elric ficou em silêncio por um momento, contemplando as ondas. Depois sacudiu os ombros.

Por que me queixar? De nada me adianta. Não posso agir segundo minha própria vontade. Qualquer que seja meu destino, não posso mudá-lo. Rezo para que os homens que virão depois de nós façam uso da sua capacidade de controlar seus próprios destinos. Para mim essa possibilidade não existe.

Elric levou os dedos ao maxilar e depois olhou para a mão, observando as unhas, nós de dedos, músculos e veias que se salientavam sob a pele pálida. Correu a mão pelas melenas sedosas e brancas, respirou profundamente e suspirou.

Lógica! O mundo exige lógica. Não tenho nenhuma lógica, porém aqui estou, formado como um homem dotado de mente, coração e entranhas, e no entanto formado pela aglutinação casual de certos elementos. O mundo necessita de lógica. Entretanto, toda a lógica do mundo não vale mais que um palpite feliz. Os homens se dão ao trabalho de tecer uma teia de pensamentos cuidadosos... enquanto outros tecem um padrão ao acaso e chegam ao mesmo resultado. Eis o que valem os pensamentos do sábio.

Ah! Assim falou o aventureiro selvagem, o cínico! — exclamou Moonglum, tentando aparentar jovialidade. — Mas nem todos somos

selvagens e cínicos, Elric. Outros homens viajam por outros caminhos... e chegam a conclusões diferentes das tuas.

Percorro um caminho que foi predeterminado. Vem, vamos às Cavernas dos Dragões e vejamos o que Dyvim Slorm fez para despertar nossos amigos saurios.

Desceram as ruínas aos tropeções e caminharam pelos desfiladeiros demolidos que haviam sido outrora as encantadoras ruas de Imrryr, saindo da cidade e tomando uma trilha gramada que serpenteava por entre tojos, assustando um bando de grandes corvos que ganharam os céus a grasnar, com exceção de um, o rei, que continuou pousado numa touceira, a capa de penas arrepiadas erguida com dignidade, contemplando-os com cauteloso desdém.

Depois desceram entre rochas escarpadas até a boca escancarada das cavernas dos Dragões, desceram os degraus íngremes iluminados por tochas, com sua quente umidade e cheiro de escamosos corpos de répteis. Entraram na primeira caverna, onde se encontravam os enormes vultos prostrados dos dragões adormecidos, com as asas coriáceas dobradas, destacando-se entre as sombras, as escamas verdes e negras brilhando fracamente, as patas dotadas de garras dobradas e os longos focinhos arreganhados, mesmo no sono, deixando ver os longos dentes de marfim, semelhantes a estalactites. As rubras narinas arfavam. O cheiro de seus couros e hálitos era inconfundível, despertando em Moonglum a lembrança herdada dos seus antepassados, a impressão nebulosa de uma época em que esses dragões e seus senhores corriam à solta por um mundo que dominavam, sua peçonha inflamável gotejando das presas e descuidadamente ateando fogo sobre os campos que sobrevoavam. Elric, habituado ao cheiro, mal o notava. Atravessou a primeira caverna e a segunda até encontrar Dyvim Slorm, caminhando de um lado para outro com uma tocha na mão, enquanto ao mesmo tempo lia um pergaminho, praguejando para si mesmo.

Ergueu os olhos ao ouvir o ruído de passos. Abriu os braços e gritou, com a voz ecoando pelas cavernas:

Nada! Nem um agitar de músculos, nem o bater de uma pálpebra! Não há meio de despertá-los. Não acordarão antes de terem dormido o número necessário de anos. Ah, oxalá não os houvéssemos usado nas duas últimas ocasiões, pois temos maior necessidade deles hoje!

Nem tu nem eu sabíamos então o que sabemos hoje. O arrependimento é inútil, pois de nada adianta.

Elric olhou em torno, contemplando os vultos descomunais, imersos nas sombras. Um pouco afastado dos demais encontrava-se o chefe dos dragões, um animal que ele reconhecia e pelo qual sentia afeição: Flamefang, o mais velho, que tinha cinco mil anos e ainda era jovem para um dragão. Mas Flamefang, como os outros, também dormia.

Elric chegou até a fera e afagou-lhe as escamas coriáceas, correu a mão por suas lisas presas de marfim, sentiu seu hálito quente no corpo e sorriu. A seu lado, na cintura, *Stormbringer* soltou um murmúrio. Elric acariciou a espada.

Eis uma alma que jamais poderás ter. Os dragões são indestrutíveis. Mesmo que este mundo venha a se aniquilar, eles sobreviverão.

Do outro lado da caverna, Dyvim Slorm disse:

Não consigo imaginar mais nada que possa fazer por enquanto, Elric. Voltemos à torre de D'a'rputna para descansar.

Elric fez um gesto de concordância e os três saíram juntos das cavernas, subindo as escadas até a claridade.

Vedes? — perguntou Dyvim Slorm. — Nada de a noite cair. Faz treze dias que o sol se mantém naquela posição, desde que deixamos o Acampamento do Caos e voltamos a Melniboné. Quão poderoso deve ser o Caos, se consegue deter o curso dos astros?

Ao que sabemos, o Caos não seria capaz disto — observou Moonlum. — Mas é provável que o tenha feito, afinal. O tempo parou. O tempo está à espera. Mas à espera de quê? De mais confusão, mais desordem? Ou da influência do grande equilíbrio que restaurará a ordem e se vingará das forças que se levantaram contra a sua vontade? Ou será que o Tempo espera por nós — três mortais extraviados, apartados do que está acontecendo aos outros homens, esperando pelo Tempo como ele espera por nós?

Talvez o sol nos esteja esperando — concordou Elric. — Pois não é nosso destino preparar o mundo para seu novo rumo? Se assim for, sinto-me mais que um simples peão nesse jogo. E se nada fizermos? Porventura o sol permanecerá onde está para sempre?

Detiveram-se por um instante, contemplando o gigantesco disco vermelho, que inundava as ruas com sua luz escarlata, e as nuvens negras que cruzavam o céu diante dele. Para onde iriam as nuvens? De onde viriam? Pareciam mover-se com um propósito definido. Era até possível

que não fossem nuvens, e sim espíritos do Caos empenhados em missões malfazejas.

Elric resmungou, consciente da inutilidade de tais especulações. Caminhou na frente dos outros até a torre de D'a'rputna, onde anos atrás ele procurara seu amor, sua prima Cymoril, e onde depois a perdera para a sede insaciável da espada ao seu lado. A torre sobrevivera às chamas, embora as cores que no passado a haviam enfeitado estivessem enegrecidas pelo fogo. Deixou os amigos ali para subir ao seu próprio quarto, onde se atirou, inteiramente vestido, na macia cama melnibonense. Quase imediatamente adormeceu.

## Capítulo 2

Elric adormeceu e sonhou. E, embora estivesse consciente da irrealidade de suas visões, suas tentativas de despertar foram inteiramente vãs. Logo desistiu e deixou simplesmente que seu sonho se formasse à vontade e o arrastasse a paisagens maravilhosas...

*Viu Imrryr como fora havia muitos séculos. Imrryr, a mesma cidade que ele conhecera antes de haver chefiado o ataque contra ela e causado sua destruição. A mesma cidade, porém com uma aparência diferente, mais brilhante, como se recém-construída. As cores dos campos circundantes eram também mais ricas, o sol de um alaranjado mais profundo, o céu azul escuro e opressivo. Depois daquela época, percebeu, os próprios matizes do mundo se haviam esmaecido com o envelhecimento do planeta...*

Pessoas e animais moviam-se nas ruas resplandecentes; melnibonenses altos e lúgubres, homens e mulheres que caminhavam com graça, como tigres altivos; escravos de rosto pétreo, com olhos estóicos e sem esperança, cavalos de pernas longas, pertencentes a uma raça, agora extinta, pequenos mastodontes arrastando carros bizarros. A brisa trazia os aromas misteriosos do lugar e sons amortecidos de atividades, abafados, pois os melnibonenses detestavam o ruído na mesma medida em que amavam a harmonia. Pesados estandartes de seda pendiam das torres cintilantes de arenito, de jade, de marfim, de cristal e de polido granito vermelho. — Elric remexia-se em seu sono e ansiava por estar ali, entre seus próprios ancestrais, o povo opulento que dominara o mundo da antiguidade.

Galeras descomunais singravam a rede de canais que conduziam ao porto de Imrryr, trazendo para ali a melhor parte dos despojos do mundo, tributos cobrados em todas as partes do Império Brilhante. E no céu de anil dragões preguiçosos batiam as asas, em direção às cavernas, estrebaria de milhares daquelas feras, ao contrário da época atual, quando somente uma centena ainda restava. Na torre mais elevada — a Torre de Ballnezbett, a Torre dos Reis — seus ancestrais haviam estudado os velhos compêndios de

feiticeira, realizando experiências malfazejas, dado largas aos apetites sensuais, não da maneira decadente com que os homens dos Jovens Reinos talvez se conduzissem, mas segundo seus instintos congênitos.

Elric sabia que aquilo que contemplava era o fantasma de uma cidade já morta. E era como se transpusesse as paredes reluzentes da Torre e visse seus ancestrais imperadores entregando-se aos prazeres de uma conversa temperada por drogas, empenhando-se num preguiçoso sadismo, divertindo-se com súcubos, torturando, investigando o metabolismo e a psicologia peculiares às raças escravizadas, mergulhando nas ciências ocultas, absorvendo um conhecimento que poucos homens do período posterior poderiam ter sem perder a razão.

Estava claro, porém, que aquilo só podia ser um sonho ou uma visão de um mundo fantasmagórico habitado pelos mortos de todas as épocas, pois contemplava imperadores de muitas gerações diferentes. Elric os conhecia de retratos: Rondar IV, de madeixas negras, décimo-segundo imperador; o voluntarioso Elric I, de olhos de lince, octagésimo imperador; Kahan VII, assombrado por remorsos, tricentésimo-vigésimo-nono imperador. Naquela visão desfilavam uma dúzia ou mais dos mais poderosos e sábios dos seus quatrocentos e vinte e sete ancestrais, inclusive Terhali, a Imperatriz Verde, que governara o Império Brilhante desde o ano 8406 de sua fundação até 9011. Destacava-se ela por sua longevidade e pela pele e cabelos coloridos de verde. Terhali fora feiticeira poderosa, mesmo pelos padrões de Melniboné. Dizia-se também ser ela o fruto da união entre o Imperador Iuntric X e um demônio.

Elric, que olhava todos esses vultos como se ocupasse um canto escuro do grande aposento principal, viu a porta reluzente de cristal negro abrir-se e um recém-chegado entrar. Mais uma vez tentou despertar, sem êxito. O homem era seu pai, Sadric, o octagésimo-sexto, um homem alto com olhos cobertos por pálpebras pesadas e que tinha uma enorme carga de sofrimento. Sadric atravessou a multidão como se ela não existisse. Caminhou diretamente para Elric, parando a dois passos dele. Ali ficou, a fitá-lo, os olhos aparecendo sob as pálpebras pesadas e as maçãs do rosto salientes. Era um homem de rosto magro, que se desapontara com o filho albino. Tinha o nariz afilado e longo, maxilares protuberantes e as costas curvavam-se ligeiramente devido à altura invulgar. Alisava o fino veludo vermelho de manto com dedos delgados e cobertos de anéis. Depois falou, num sussurro claro que, lembrava-se Elric, sempre lhe fora peculiar:

— Meu filho, também morreste? Julguei estar aqui por um simples momento e, no entanto, vejo que acumulaste anos e que trazes sobre ti um fardo construído pelo tempo e pelo destino. Como morreste? Em combate impiedoso, sob a espada estrangeira de algum adventício? Ou nesta própria torre, em tua cama de marfim? E como está Imrryr agora? Progride ou decai, sonhando com passados esplendores? A linhagem continua, como é necessário... não te perguntarei se essa parte de tua missão foi cumprida. Um filho, naturalmente, nascido de Cymoril, a quem amavas, o que fazia teu primo Yrkoon te odiar.

Pai...

O ancião ergueu a mão quase transparente pela velhice.

Há outra pergunta importante que devo fazer-te. Uma pergunta que tem perturbado a todos quantos passam sua imortalidade nesta cidade fantasma. Alguns de nós temos notado que a cidade esmaece às vezes, e que suas cores escurecem, tremendo como se estivessem para desaparecer. Companheiros nossos têm ultrapassado até mesmo a morte e talvez — arrepiame imaginá-lo — tenham passado à inexistência. Mesmo aqui, na região sempiterna da morte, mudanças sem precedentes se manifestam e alguns de nós ousam fazer a pergunta e também dar a resposta, mas tememos que algum cataclisma haja ocorrido no mundo dos vivos. Um cataclisma que terá sido de proporções tão amplas que até aqui somos afetados e nossas almas se vêm ameaçadas de extinção. Diz uma lenda que até que a Cidade dos Sonhos morra, nós, fantasmas, poderemos habitar em sua antiga glória. Serão essas as novas que tu nos trazes? Será esta a tua mensagem? Pois noto, depois de uma observação mais atenta, que teu corpo vive ainda, que este é apenas teu corpo astral, libertado por um momento para vagar pelos reinos dos mortos.

Pai...

Mas a visão já se dissipava. O vulto já se retirava pelos corredores sinuosos do cosmo, em planos de existência ignorados pelos vivos, sumindo, sumindo...

Pai! — gritou Elric, mas sua voz ecoou e não havia mais ninguém que lhe respondesse.

E de certo modo isso lhe comprazia, pois de que forma poderia responder ao pobre espírito e revelar-lhe a verdade de suas conjecturas, admitir os próprios crimes cometidos contra a cidade ancestral, contra o próprio sangue dos seus antepassados? Tudo era bruma e lamentosa aflição

enquanto os ecos ressoavam em seus ouvidos, parecendo adquirir independência e deformar a palavra em outras, mais estranhas:

P-a-a-a-a-a-a-a-i-i-i-i... A-a-a-a-r-r-r-r-ppp... A-a-a-a-h-a-a-a-a-p!...

Ainda assim, embora se esforçasse ao máximo, não logrou despertar do sono, e sentiu seu espírito ser arrastado para outras regiões de nevoenta indeterminação, por entre raias de cor fora do espectro terrestre, para além do que podia conceber sua mente.

Um rosto imenso começou a ganhar forma na bruma.

Sepiriz! — Elric reconheceu o rosto do seu mentor. Mas o negro nihrainiano estava desencarnado e não parecia ouvi-lo. — Sepiriz... *estás morto?*

O vulto desvaneceu-se e depois reapareceu quase imediatamente ao pé do leito.

Elric, finalmente te descobri, envolvido em teu corpo astral, pelo que vejo. Graças ao Destino, pois julguei haver fracassado em te invocar. Temos que nos apressar. Abriu-se uma brecha nas defesas do Caos e iremos conferenciar com os Senhores da Lei!

Onde estamos?

Em parte alguma ainda. Viajaremos para os Mundos Superiores. Vem, apressa-te. Serei teu guia.

Por abismos da mais macia lã, que tragavam e confortavam, através de gargantas talhadas entre montanhas incandescentes de luz que se sobrepunham a elas, altíssimas, por entre cavernas de negrume infinito, nas quais seus corpos luziam, eles se lançaram, sabendo Elric que o vazio escuro estendia-se eternamente em todas as direções.

E então foi como se estivessem num planalto sem horizontes, perfeitamente plano e do qual se erguiam construções geométricas ocasionais, verdes e azuis. O ar iridescente se avivava com tremeluzentes padrões de energia, tecendo formas complexas que pareciam muito formais. E ali também viam-se coisas em formas humanas, coisas que haviam assumido tais formas em favor dos homens que agora as encontravam.

Os Senhores Brancos dos Mundos Superiores, inimigos do Caos, eram maravilhosamente belos, com corpos de tal simetria que não podiam ser terrenos. Só a Lei podia criar tal perfeição e, pensou Elric, tamanha perfeição derrotava o progresso. Que as forças gêmeas complementavam-se mutuamente era agora mais evidente que nunca, e o fato de uma delas

ganhar completa ascendência sobre a outra significava entropia ou estagnação para o cosmo. Mesmo que a Lei pudesse dominar na Terra, o Caos tinha de estar presente e vice-versa.

Os Senhores da Lei estavam ataviados para a guerra. Tinham deixado isso patente ao escolherem trajes de aparência terrena. Metais e sedas magníficos — ou substâncias análogas naquele plano — brilhavam sobre seus corpos perfeitos. Traziam espadas esguias e seus rostos poderosamente belos pareciam refulgir com uma resolução definida. O mais alto deles adiantou-se.

Então, Sepiriz, trouxeste aquele cujo destino é ajudar-nos. Saudações, Elric de Melniboné! Ainda que sejas fruto do Caos, temos razões para julgar-te bem-vindo. Sou aquele a quem tua mitologia terrestre conhece por Donblas, o Justiceiro.

Imóvel, Elric respondeu:

Salve, Senhor Donblas. Receio que teu nome não seja apropriado, pois já não há justiça em nenhuma parte do mundo!

Falas do teu mundo como se ele fosse todos os mundos.

Donblas sorriu sem rancor, embora transparecesse que não estava habituado a tal arrogância por parte de um mortal. Elric não se constrangia, pois mantivera constantes relações com os Senhores Negros dos Mundos Superiores para manifestar grande deferência a qualquer um dos dois lados. Além disso, seus ancestrais tinham sido adversários de Donblas e de todos os seus irmãos, e ainda era difícil encarar o Senhor Branco como um aliado.

Percebo agora como conseguiste desafiar nossos oponentes — continuou o Senhor Donblas, aprovadamente. — E concordo contigo em que a justiça não existe no mundo atualmente. Mas chamo-me Justiceiro e ainda estou decidido a fazer justiça quando as condições se modificarem em teu plano.

Elric não olhava diretamente para Donblas, pois a visão de sua beleza era perturbadora.

Então comecemos a agir, meu senhor, e mudemos o mundo o mais depressa possível. Levemos, pois, ao nosso mundo dilacerado a novidade da justiça.

A pressa, mortal, é impossível aqui! — Quem falava era outro Senhor Branco. Seu manto amarelo-claro flutuava sobre o aço claro do peitoral e das proteções das pernas, e nele estava pintada a Flecha da Lei.

Julguei já pronta a passagem para a Terra — disse Elric, franzindo o cenho. — Acreditei que esse aparato marcial indicasse que estava preparada a guerra contra o Caos!

A guerra *está* preparada... mas não é possível antes que cheguem os apelos da Terra.

Da *Terra*! Aquele mundo já não clamou por vossa ajuda? Não fizemos bruxedos e pronunciamos encantamentos para vos invocar? Que outros apelos desejais?

O que está determinado — disse o Senhor Donblas, com firmeza.

O que está determinado? Deuses! (Perdoai-me, meus senhores.) Nesse caso, terei eu novas missões a cumprir?

Uma última grande missão, Elric — interpôs Sepiriz, com voz suave. — Como te disse, o Caos bloqueia as tentativas dos Senhores Brancos de chegarem ao nosso mundo. A Trompa do Destino deve soar três vezes antes que essa tarefa possa consumir-se plenamente. O primeiro toque despertará os Dragões de Imrryr, o segundo permitirá aos Senhores Brancos penetrarem no plano terrestre, e o terceiro... — Sepiriz interrompeu-se.

Sim, o terceiro? — interpelou Elric, com impaciência.

O terceiro anunciará a morte do nosso mundo!

Onde se encontra essa poderosa trompa?

Em um dos vários futuros possíveis — respondeu Sepiriz. — Um instrumento dessa natureza não pode ser construído em nossa fase e por isso teve de ser fabricado numa fase em que a lógica prevalece sobre a feitiçaria. Deves viajar ao futuro e nele localizar a Trompa do Destino.

E como hei de efetuar tal jornada?

Mais uma vez o Senhor Donblas falou com franqueza.

Nós te daremos os meios. Mune-te da tua espada e do Escudo do Caos, pois te serão de alguma utilidade, embora não possam ser tão poderosos como em teu mundo. Vai então ao topo da arruinada Torre de Ballnezbett, em Imrryr, e salta no espaço. Não cairás... a menos que venha a nos faltar o mínimo de poder que ainda possuímos na Terra.

Palavras consoladoras, meu Senhor Donblas. Pois bem, farei como determinas, pelo menos para satisfazer minha própria curiosidade.

Donblas deu de ombros.

O mundo a que irás é apenas um dos muitos mundos futuros — quase tão fantasmagórico quanto o teu próprio — mas talvez não o aproveles. Notarás sua nitidez, sua clareza de contornos: isso indicará que o Tempo

não exerceu qualquer influência real sobre ele, que sua estrutura não foi abalada por muitos acontecimentos. Contudo, permite-me desejar-te, mortal, uma feliz passagem, pois gosto de ti... e tenho motivos também para agradecer-te. Embora provenhas do Caos, trazes dentro de ti várias das qualidades que nós, da Lei, admiramos. Vai, então. Retorna ao teu corpo mortal e prepara-te para a proeza que te espera.

Elric fez nova medida e olhou para Sepiriz. O negro nihrainiano recuou três passos e desapareceu no ar reluzente. Elric o seguiu.

Mais uma vez seus corpos astrais percorreram a miríade de planos do universo sobrenatural, experimentando sensações desconhecidas à mente física, até que, repentinamente, Elric sentiu-se pesado e abriu os olhos, verificando que se encontrava em seu próprio leito na Torre de D'a'rputna. À luz baça que se filtrava pelas frestas das pesadas cortinas, viu o redondo do Escudo do Caos, cujo símbolo, as oito flechas radiantes, pulsavam lentamente, como se em acordo com o sol, e ao seu lado *Stormbringer*, encostada à parede como se já estivesse preparada para sua jornada ao mundo de

um futuro possível.

Então Elric dormiu outra vez um sono mais natural, embora também o atormentassem pesadelos mais naturais até que, finalmente gritou no sono e acordou, vendo Moonglum de pé ao lado do leito. Havia em seu rosto aquilino uma expressão de tristonha preocupação.

Que foi, Elric? O que perturba teu repouso?

Elric estremeceu.

Nada. Deixa-me, Moonglum, e irei ter contigo quando levantar.

Deve haver razões para esses gritos. Algum sonho profético, talvez?

Sim, realmente profético. Julguei ter tido uma visão do meu sangue ralo dividido por mão que era a minha própria. Que importância tem esse sonho, que significado? Responde a isto, amigo, e se não o puderes fazer deixa-me entregue ao meu sono mórbido até que esses pensamentos se dissipem.

Vem, levanta, Elric. Procura o esquecimento na ação. A vela do décimo-quarto dia já se aproxima do fim e Dyvim Slorm espera teus bons conselhos.

O albino sentou-se e pôs os pés para fora da cama. Sentia-se febril, privado de energia. Moonglum ajudou-o a firmar-se.

Esquece o que te molesta e ajuda-nos em nosso dilema — disse ele, com uma jovialidade simulada que só servia para tornar mais evidentes seus

temores. — Sim. — Elric endireitou-se. — Dá-me a espada. Necessito de sua energia roubada.

A contragosto, Moonglum caminhou até a parede onde se encontrava a arma daninha, levantou-a pela bainha e transportou-a com dificuldade, pois era pesadíssima. Estremeceu ao sentir que ela parecia escarnecer dele, e a entregou ao amigo pelo punho. Agradecido, Elric o pegou e estava prestes a desembainhar a arma quando se interrompeu e disse:

É melhor saíres do quarto antes que eu a liberte.

Moonglum entendeu imediatamente e saiu, de maneira alguma disposto a confiar sua vida ao capricho da lâmina infernal... ou do seu amigo.

Depois que ele saiu, Elric desembainhou a enorme lâmina e sentiu instantaneamente uma sensação de formigamento, à medida que a vitalidade sobrenatural começava a fluir para seus nervos. Entretanto, o suprimento de força era reduzido e Elric pensou que se a espada não haurisse cedo a seiva de alguma vida, cobiçaria as almas de seus dois amigos que restavam. Recolocou-a pensativamente na bainha, afivelou-a à cintura e saiu para encontrar-se com Moonglum no corredor.

Desceram em silêncio as sinuosas escadarias de mármore da torre até chegarem ao patamar central, onde se localizava a câmara principal. Ali se encontrava Dyvim Slorm, sentado, com uma garrafa de velho vinho melnibonense diante de si e uma enorme taça de prata nas mãos. *Mournblade* descansava sobre a mesa, ao lado da garrafa. Havia descoberto a provisão de vinho nas adegas secretas da torre, esquecida pelos saqueadores a quem Elric comandara no ataque à cidade, quando ele e seu primo haviam combatido em lados opostos. A taça achava-se cheia com a mistura de ervas, mel e centeio que seus antepassados haviam usado para se sustermem em tempos de penúria. Dyvim Slorm meditava, mas levantou os olhos quando Elric e Moonglum se aproximaram e sentaram-se em cadeiras à sua frente. Dyvim Slorm sorriu desanimado.

Receio, Elric, que tenha feito tudo a meu alcance para despertar nossos amigos dorminhocos. Nada mais existe por ser feito... e eles continuam a dormir.

Elric lembrou-se dos detalhes da visão e, de certa forma temeroso de que ela não houvesse passado de uma invenção de sua própria imaginação, fornecendo a fantasia da esperança onde, na realidade, nenhuma esperança se justificava, disse:

Esquece os dragões. Ontem à noite deixei meu corpo, assim julguei, e viajei a lugares além da Terra, chegando por fim ao plano dos Senhores Brancos, onde eles me ensinaram como poderei despertar os dragões. Para isso terei de tocar uma trompa. Pretendo seguir suas instruções e conseguir esse instrumento.

Dyvim Slorm repôs a taça sobre a mesa.

Nós te acompanharemos, naturalmente.

Não há necessidade disso... e, de qualquer forma, seria impossível. Terei que ir só. Esperem por mim até que eu volte. Se não voltar... bem, devereis agir como decidirdes, passando o resto de vossas vidas aprisionados nesta ilha, ou saindo a combater o Caos.

Tenho a impressão de que o tempo parou de verdade e que se ficarmos aqui viveremos eternamente e seremos obrigados a enfrentar o conseqüente tédio — respondeu finalmente Moonglum. — Se não voltares, partirei para os reinos conquistados e levarei alguns dos nossos inimigos para o limbo comigo.

Como desejares — disse Elric. — Mas esperem por mim até que toda paciência esteja esgotada, pois não sei quanto tempo será necessário.

Elric ergueu-se e os dois pareceram um tanto espantados, como se até ali não houvessem compreendido o significado de suas palavras.

Então, sê feliz, amigo — disse Moonglum.

Minha felicidade dependerá do que eu vier a encontrar aonde irei — disse Elric, sorrindo. — Mas, obrigado, Moonglum. Sê tu feliz, bom primo, e não temas. Talvez ainda possamos despertar os dragões!

Sim! — exclamou Dyvim Slorm com um repentino assomo de vitalidade. — Conseguiremos, conseguiremos! E a peçonha terrível daquelas feras se espalhará sobre a imundície trazida pelo Caos, tornando-a imaculada! Esse dia chegará, ou não sou profeta!

Animado por esse inesperado entusiasmo, Elric sentiu crescer sua confiança, saudou os amigos, sorriu e saiu altivamente da câmara, subindo os degraus de mármore para apanhar o Escudo do Caos e descer à torre, caminhando pelas ruas calcinadas em direção à ruína que no passado fora palco de sua cruel vingança e do involuntário assassinato: a Torre de Ballnezbett.

## **Capítulo 3**

Agora, diante do portal esboroadado da torre, Elric era atormentado por idéias febris que galopavam em sua mente, contestavam suas convicções e ameaçavam fazê-lo girar nos calcanhares para reunir-se aos companheiros. Mas as combateu, reprimiu, apegou-se à lembrança das garantias do Senhor Branco e transpôs o umbral do edifício sombrio, que ainda cheirava a madeira queimada.

A torre, que constituíra uma pira funerária para o corpo assassinado de Cymoril, seu primeiro amor, e do seu traiçoeiro primo, Yyrkoom, fora inteiramente saqueada. Só restava a escadaria de pedra, e mesmo ela, conforme notou, perscrutando a escuridão cortada aqui e ali por raios de sol, ruíra antes de chegar ao teto.

Elric não se atreveu a pensar, pois isso poderia privá-lo da capacidade de agir. Preferiu colocar logo um pé no primeiro degrau e começar a subir. Ao fazê-lo, seus ouvidos captaram um leve som. Ou, quem sabe, o ruído não passasse de imaginação sua. De qualquer forma, atingiu sua consciência, e assemelhavam-se a uma orquestra distante que afinasse os instrumentos. Ao subir ainda mais, os sons cresceram, rítmicos, embora dissonantes, até que, ao atingir o último degrau intato, a cacofonia trovejava em seu cérebro e lhe sacudia o corpo, produzindo uma sensação de dor amortecida.

Elric fez uma pausa e olhou para o piso da torre. Temores o assaltaram. Quem sabe o Senhor Donblas não desejara que ele subisse ao ponto mais elevado que pudesse atingir com facilidade? Ou seria mesmo o topo verdadeiro, que ainda se encontrava a cerca de sete metros acima dele? Decidiu que era melhor tomar as palavras do Senhor Donblas literalmente e, atirando o gigantesco escudo às costas, levantou o braço o máximo possível e meteu os dedos numa fresta da parede, que agora inclinava-se ligeiramente para dentro. Ergueu-se com determinação, com as pernas pendendo no espaço e buscando um ponto de apoio. Sempre sofrera da

vertigem das alturas e sentiu-se mal ao ver lá embaixo o chão atulhado de escombros, a cinquenta metros de distância, mas continuou a subir, sendo a escalada facilitada por fissuras na parede da torre. Ao contrário do que esperava, não caiu e finalmente chegou ao telhado inseguro, ganhando mais coragem ao firmar-se numa abertura e dali passar para o lado de fora. Pouco a pouco prosseguiu na subida, até encontrar-se na parte mais elevada da edificação.

Então, temendo ainda uma hesitação de último momento, lançou-se ao espaço, sobre as ruas de Imrryr.

A cacofonia cessou. Uma nota tonitruante a substituiu. Vórtices rodopiantes, vermelhos e azuis, o tragaram e num instante os ultrapassou, encontrando-se de pé numa pradaria sob um pequeno e pálido sol, sendo acolhido pelo aroma da relva. Observou que, ao passo que o mundo antigo que vira no sonho lhe parecia mais colorido que o seu, este mundo, pelo contrário, parecia conter ainda menos cores, embora se afigurasse de contornos mais limpos, em foco mais exato. E a brisa que lhe batia no rosto era mais fria. Elric começou a andar pelo prado em direção a uma densa floresta de ramos baixos e compactos. Chegou à orla mas não entrou na floresta, contornando-a até alcançar um regato que desaparecia na distância, longe dela.

Notou com curiosidade que as claras e límpidas águas não pareciam mover-se. Estava congelada, embora não por qualquer processo natural que ele conhecesse. Possuía todas as características de um regato e, no entanto, não corria. Sentindo que esse fenômeno contrastava estranhamente com o restante da paisagem, protegeu-se com o Escudo do Caos, desembainhou a espada pulsante e começou a seguir o curso d'água.

A relva logo deu lugar a tojos e rochas, com touceiras ocasionais de samambaias ondulantes que não reconheceu. Julgou mais adiante escutar o murmúrio de água, mas também ali a corrente se achava imobilizada. Ao passar por uma rocha mais alta que as outras, ouviu uma voz acima de sua cabeça.

Elric!

Ergueu os olhos.

Ali, sobre a rocha, achava-se um anão jovem, com uma barba longa e marrom que lhe chegava à cintura. Segurava uma lança, sua única arma, e vestia calções de pano grosso e uma jaqueta rústica, levando um boné verde

na cabeça. Não trazia sapatos nos enormes pés nus. Tinha olhos como quartzo, a um só tempo duros, severos e irônicos.

É o meu nome — disse Elric, intrigado. — No entanto, se este é o mundo do futuro, como me conheces?

Não pertença a este mundo... não de todo, pelo menos. Não possuo existência no tempo como o entendes, mas movo-me de uma parte a outra, pelos mundos de sombra engendrados pelos deuses. É próprio da minha natureza fazê-lo. Em troca de me permitirem a existência, os deuses ocasionalmente me utilizam como mensageiro. Chamo-me Jermays, o Tortuoso, tão inacabado como estes próprios mundos.

Enquanto falava, desceu da pedra e ficou olhando para Elric.

Que queres comigo? — perguntou o albino.

Parece-me que procuras a Trompa do Destino?

Certo. Sabes onde se encontra? — E que devo fazer para conseguir essa trompa? — perguntou.

O anão sorriu, com uma ponta de malícia na voz.

Sei — o jovem anão sorriu sardonicamente. — Está sepultada com o corpo ainda vivo de um herói desta era... um guerreiro a quem chamam Roland.

Estranho nome!

Não mais que o teu a outros ouvidos. Roland, feita a ressalva de que sua vida não foi tão perturbada pelo fado, correspondeu, em seu mundo, ao que tu eras no teu. Encontrou a morte num vale não distante daqui, traído e levado a uma cilada por um companheiro de lutas. A trompa então se encontrava com ele, que a tocou antes de expirar. Querem alguns que os ecos ainda ressoam pelo vale, e que ressoarão eternamente, embora Roland haja falecido há muitos e muitos anos. Qual a finalidade precisa da trompa era coisa que se ignorava aqui. Nem mesmo Roland o sabia. Chamava-se *Olifant* e, juntamente com a espada mágica *Durandana*, foi sepultada com Roland naquele descomunal monte tumular que vês lá adiante.

O anão apontou para um ponto distante e Elric percebeu que ele mostrava algo que anteriormente tomara como um outeiro.

Tens de pôr a prova esse espeto aí contra a *Durandana* de Roland. Sua espada foi consagrada pelas Forças da Luz, ao passo que a tua foi forjada pelas Forças das Trevas. O confronto deverá ser interessante.

Disseste que ele está morto... então como poderá bater-se comigo?

Ele traz a trombeta pendurada no pescoço. Se a tentares tirar, ele defenderá sua propriedade, despertando do sono sem morte que parece ser apanágio da maioria dos heróis deste mundo.

Elric sorriu.

Parece-me haver por aqui escassez de heróis, já que é preciso preservar os que existem.

Talvez — respondeu o anão, despreocupadamente — pois somente nesta região dormem uma dúzia ou mais. Acredita-se que só venham a despertar quando surgir uma necessidade urgente. No entanto, já assisti a coisas bastante desagradáveis e ainda assim eles continuaram adormecidos. Pode ser que estejam esperando o fim do seu mundo, que pode ser destruído pelos deuses no caso de se mostrar inadequado, e então talvez venham a lutar para evitar que isso aconteça. Contudo, é apenas uma conjectura minha, de pouca importância.

O anão fez uma mesura zombeteira e, soerguendo a lança, saudou Elric.

Adeus, Elric de Melniboné. Quando desejares regressar, estarei aqui para ajudar-te. E terás mesmo de regressar, vivo ou morto, pois, embora possas não percebê-lo, tua simples presença, tua própria aparência física, choca-se com este ambiente. Só uma coisa se ajusta a este mundo...

Que coisa?

Tua espada.

Minha espada! Estranho, eu julgaria que fosse justamente a última coisa — Elric afastou uma idéia que tomava corpo em sua mente. Não tinha tempo para especulações. — Não me agrada estar aqui — comentou ele, enquanto o anão se punha a trepar pelas rochas.

Olhou na direção do gigantesco monte tumular e começou a andar em sua direção. Percebeu que o regato a seu lado fluía normalmente e teve a impressão de que, embora a Lei influenciasse aquele mundo, era obrigada a coexistir com os poderes destruidores do Caos.

O túmulo, via agora, era cercado por enormes lajes de pedra lisa. Mais adiante havia oliveiras, de cujos galhos pendiam jóias embaçadas, e ainda mais além Elric avistou, através das aberturas entre as folhagens, uma entrada alta e abobadada, bloqueada por portais de bronze com aplicações de ouro.

Embora sejas possante, *Stormbringer* — disse ele à sua espada —, não estou certo de que terás força suficiente para combater neste mundo e ao

mesmo tempo suprir meu corpo de vitalidade. Ponhamos-te à prova.

Elric avançou até o portal e, erguendo o braço, desferiu um violento golpe de espada contra ele. O metal retiniu e apareceu uma pequena moosa na porta. Elric vibrou novo golpe, desta vez segurando a arma com as duas mãos, e então uma voz gritou ao seu lado.

Que demônio ousaria molestar o repouso do falecido Roland?

Quem fala a língua de Melniboné? — retorquiu Elric, com arrogância.

Falo a língua dos demônios, pois vejo que isso é o que tu és. Não conheço nenhum Mulnebooney e sou bastante versada nos mistérios antigos.

Não é pouca bazófia para uma mulher — disse Elric, que ainda não vira a pessoa com quem falava. A mulher apareceu então, saindo de trás do túmulo, fitando-o com seus fulgurantes olhos verdes. Tinha o rosto longo e belo e era quase tão pálida quanto ele, embora os cabelos fossem negros de azeviche. — Como te chamas? — indagou ele. — És deste mundo?

Chamam-me Vivian; sou feiticeira mas terrena. Teu Senhor conhece o nome de Vivian, que no passado amou Roland, embora este fosse orgulhoso demais para aceitá-la, pois ela é imortal, além de ser bruxa. — A mulher riu, jovialmente. — Por isso estou familiarizada com demônios como tu e não tenho medo de ti. Fora! Vai-te!... ou devo chamar o Bispo Turpin para te exorcizar?

Algumas de tuas palavras — disse Elric cortesmente — me são desconhecidas e a fala de minha gente está bastante deformada. És guardiã da tumba deste herói?

Guardiã por imposição própria, sim. Agora, vai-te!

A mulher apontou na direção das lajes de pedra.

Isso é uma coisa que não posso fazer. O cadáver que se encontra aí dentro possui algo de valioso para mim. Chamamo-lo a Trompa do Destino, mas tu a conheces por outro nome.

*Olifant!* Mas trata-se de um instrumento sagrado. Nenhum demônio se atreveria a tocá-la. Até eu...

Não sou demônio. Sou suficientemente humano, juro. Agora, te afasta. Essa maldita porta resiste a meus esforços.

Sim — disse Vivian, pensativa. — Podes mesmo ser humano. .. embora sejas muito esquisito. Mas a pele e os cabelos brancos, os olhos vermelhos, a língua que falas...

Feiticeiro sou, mas não demônio. Por favor... afasta-te.

Vivian perscrutou detidamente seu rosto, deixando Elric perturbado. Pegou-a pelo ombro. Ela parecia real, mas de certa maneira era como se não tivesse uma verdadeira *presença*. Era como se estivesse distante, e não ali, perto dele. Fitaram-se, ambos curiosos, ambos perplexos.

Como poderias conhecer minha língua? — murmurou Elric. — Será este mundo um sonho meu ou dos deuses? Não parece muito palpável. Por quê?

Ela o escutou.

Falas assim de nós? E o que dizer da tua aparência fantasmagórica? Pareces uma aparição do passado morto!

Do passado! Ha-ha... e *tu* estás no meu futuro, ainda informe. Será que isto nos conduz a uma conclusão?

A mulher não insistiu no assunto, mas disse de repente:

Forasteiro, jamais derrubarás esta porta. Se podes tocar a *Olifant*, isto indica seres mortal, a despeito do teu aspecto. Deves necessitar da trompa para uma tarefa importante!

Elric sorriu.

Sim... pois se eu não a levar para o lugar de onde vim, tu jamais existirás!

A mulher franziu o cenho.

Enigmas! Enigmas! Sinto-me próxima de uma descoberta e no entanto não consigo descobrir por que, e isso é raro em Vivian. Toma... — Tirou do vestido uma chave enorme e estendeu-a. — Esta é a chave que abre o túmulo de Roland. É a única que existe. Tive de matar para obtê-la, mas às vezes penetro nas sombras de sua tumba para contemplar-lhe o rosto e ansiar poder despertá-lo e mantê-lo vivo para sempre em minha ilha. Leva a trompa! Desperta-o... e depois que ele te houver morto, virá para mim e para o meu calor, para minha dádiva de vida eterna, ao invés de retornar a esse lugar frio. Vai... Morre nas mãos de Roland!

Elric pegou a chave.

Obrigado, Lady Vivian. Se fosse possível convencer alguém que na realidade ainda não existe, eu te diria que para ti Roland matar-me seria pior do que meu êxito.

Elric enfiou a enorme chave na fechadura, que girou com facilidade. As portas se abriram de par em par e ele viu um corredor longo e sinuoso de teto baixo, que partia dali. Sem hesitar, caminhou por ele em direção a uma luz bruxuleante que podia divisar através da escuridão fria e nevoenta. No

entanto, enquanto prosseguia, era como se deslizesse num sonho menos real que aquele da noite anterior. Daí a momentos, penetrou na câmara funerária, iluminada por tochas altas que cercavam o esquife de um homem que jazia sobre ele, vestindo uma armadura de feitura estranha e grosseira. Uma enorme espada, quase tão grande quanto *Stormbringer*, repousava em seu peito. Sobre o punho da espada, ligada ao seu pescoço por uma cadeia de prata, achava-se a Trompa do Destino, *Olifant!*

Visto à luz das tochas, o rosto do homem parecia estranho. Velho, e ao mesmo tempo de aparência jovem, com a fronte lisa e a fisionomia sem rugas.

Elric segurou *Stormbringer* com a mão esquerda e inclinou-se para a frente, a fim de pegar a trompa. Não procurou agir com cautela, arrancando-a do pescoço de Roland.

Um rugido brotou da garganta do herói. Imediatamente soergueu o torso e logo a espada estava em suas mãos, ao mesmo tempo em que descia do catafalco. Seus olhos se abriram desmesuradamente ao verem Elric com a trompa nas mãos, e saltou contra o albino, a *Durandana* sibilando no ar contra a cabeça de Elric. Este aparou o golpe, levantando o escudo, enfiou a trompa no cinto do gibão e, recuando, passou *Stormbringer* para a mão direita. Roland bradava alguma coisa numa língua inteiramente desconhecida de Elric. O albino não procurou entender o que ele falava, uma vez que o tom colérico bastava para lhe dizer que o guerreiro não estava sugerindo uma negociação pacífica. Continuou a se defender, sem por um momento sequer assumir a ofensiva, recuando palmo a palmo pelo longo túnel em direção à boca do túmulo. A cada vez que a *Durandana* atingia o Escudo do Caos, ambos emitiam notas selvagens, de grande intensidade. Implacavelmente, o herói continuou a empurrar Elric para trás, sua espada girando no ar e atingindo o escudo, ou às vezes *Stormbringer* com força fantástica. Ao saírem à luz do dia, Roland ficou momentaneamente ofuscado. Elric viu tio relance que Vivian assistia ao combate ansiosamente, pois parecia que Roland vencera.

Entretanto, à luz do dia e sem possibilidades de evitar o guerreiro enfurecido, Elric revidou com toda a energia que poupava até aquele instante. Com o escudo erguido, a espada girando no ar, assumiu o ataque, surpreendendo Roland, que não estava evidentemente habituado a esse comportamento por parte de um antagonista. *Stormbringer* rosnou ao avariar a tosca armadura de ferro de Roland, que tinha as peças rebitadas

grosseiramente e que trazia gravada uma cruz esmaecida, vermelha, insígnia pouco digna de tão famoso herói. No entanto, não se podia duvidar dos poderes da *Durandana*, pois, embora parecesse forjada de modo tão rústico quanto a armadura, não perdia o fio e a cada golpe ameaçava abrir ao meio o Escudo do Caos. O braço esquerdo de Elric estava entorpecido pelos golpes que era obrigado a aparar e seu braço direito doía. O Senhor Donblas não lhe mentira ao dizer que a força de suas armas se reduziria naquele mundo.

Roland fez uma pausa, gritando alguma coisa, mas Elric não lhe deu ouvidos, aproveitando a oportunidade para arremeter e arremessar seu escudo de encontro ao corpo dele. O guerreiro cambaleou, com a espada emitindo uma nota sibilante. Elric desferiu um golpe entre o elmo e o gorjal de Roland. A cabeça saltou dos ombros e rolou grotescamente, mas não jorrou sangue da jugular. Os olhos permaneceram abertos, fitando Elric.

Vivian berrou e bradou alguma coisa na mesma língua que Roland usara. Elric deu um passo atrás, sério.

— Ah, sua lenda, sua lenda! — gritou ela. — A única esperança do povo era que Roland um dia voltasse a combater em sua ajuda. E agora tu o mataste! Demônio!

Possuído talvez eu seja — disse Elric, enquanto a mulher chorava ao lado do cadáver decapitado — mas recebi ordem dos deuses para cumprir esta missão. Agora, me despedirei do teu mundo sinistro.

Não sentes remorso pelo crime que praticaste?

Não, senhora, pois este não é mais que um de muitos atos semelhantes que, segundo me dizem, servem a um propósito maior. A ti não importa saber que por vezes eu mesmo duvido da verdade desse consolo. Adeus.

E Elric saiu dali, passando pelas oliveiras e pelas lajes de pedra, a Trompa do Destino encostada ao coração.

Seguiu o riacho em direção à rocha alta, onde viu uma pequenina figura acorada. Ao chegar ali, levantou os olhos para o jovem anão Jermays, o Tortuoso, ergueu a trombeta e a mostrou.

Jermays riu.

Então Roland agora está morto para sempre e tu, Elric, tens contigo um fragmento de uma lenda deste mundo, se ele sobreviver. Bem, devo conduzir-te de volta a teu próprio plano?

Sim e depressa.

Jermays desceu correndo das rochas e colocou-se ao lado do albino.

Hummm... — resmungou — Essa trombeta poderá criar-nos problemas. É melhor metê-la no gibão e cobri-lo com o escudo.

Elric obedeceu ao anão e o acompanhou até as margens do rio estranhamente congelado. O aspecto geral era de que as águas se moviam, mas evidentemente isso não sucedia. Jermays saltou para as águas e, inacreditavelmente, começou a afundar.

Depressa! Me acompanha!

Elric o imitou e por um instante permaneceu de pé sobre as águas imobilizadas, antes de também começar a afundar.

Conquanto a corrente fosse rasa, continuaram a afundar até que desapareceu qualquer semelhança com águas e penetraram numa escuridão insondável, que logo se tornou cálida e perfumada. Jermays puxou-lhe a manga do gibão.

Por aqui!

Precipitaram-se a correr de um lado para outro, subindo e descendo, por um labirinto que evidentemente só Jermays era capaz de decifrar. A trompa parecia agitar-se contra seu peito e Elric apertou o escudo, detendo -a em suas convulsões. Piscou os olhos ao se ver novamente na luz do dia, fitando o obumbrado sol vermelho que pulsava no céu azul-escuro. Seus pés tocavam algo sólido. Elric olhou em tomo e percebeu que se tratava da Torre de Ballnezbett. Ainda por um instante mais a trompa debateu-se como se fosse viva, como uma ave cativa, mas depois de alguns momentos aquietou-se.

Elric desceu ao telhado e começou a se esgueirar pela platibanda até chegar à abertura por onde passara antes.

De repente, ouviu um ruído no céu e ergueu os olhos. Ali, com os pés plantados no ar, estava Jermays, o Tortuoso, rindo-se.

Vou embora logo, pois não gosto deste mundo. — Riu outra vez.

Foi um prazer participar disto. Adeus, Elric. Não te esqueças de mim, o inacabado, e recomenda-me aos Senhores dos Mundos Superiores: talvez possas dar a entender a eles que quanto mais depressa melhorarem suas recordações ou aumentarem seus poderes criativos, mais depressa serei feliz.

Talvez fosse mais acertado te contentares com tua sorte, Jermays disse Elric. — A estabilidade também tem suas desvantagens.

Jermays deu de ombros e desapareceu.

Lentamente, exausto, Elric desceu pela parede fissurada e, com imenso alívio, atingiu o primeiro patamar, de onde partiu em disparada, prosseguindo na corrida até a Torre de D'a'rputna, levando as notícias do seu êxito.

## Capítulo 4

Três homens pensativos deixaram a cidade e desceram às Cavernas dos Dragões. Do pescoço de Elric, presa a uma nova cadeia de prata, pendia a Trompa do Destino. Elric vestia roupas de couro negro e trazia a cabeça descoberta. Um aro de ouro segurava seus cabelos. Com *Stormbringer* embainhada e o Escudo do Caos às costas, conduziu seus companheiros às grutas, chegando finalmente junto do vulto adormecido de Flamefang, o Chefe dos Dragões. Seus pulmões pareceram não ter capacidade suficiente, quando inspirou profundamente e ergueu a trompa. Depois olhou para os amigos, que o observavam, firmou-se melhor e soprou a trompa com toda força.

Enquanto a nota reverberava, profunda e sonora, pelas cavernas, Elric sentiu toda a vitalidade fugir de si. Cada vez mais fraco, terminou por cair de joelhos, com a trompa ainda nos lábios, a nota falhando, sua visão se embaçando, os membros trêmulos. De repente, caiu com o rosto ao chão e a trompa rolou ao seu lado. Moonglum precipitou-se em sua direção e arquejou ao ver o dragão mexer-se e fitá-lo com um olho enorme, gélido como os ermos do norte.

Dyvim Slorm gritou, exultante:

Flamefang! Irmão Flamefang, estás acordando!

A toda volta, os outros dragões mexiam-se também, sacudindo as asas, esticando os pescoços esguios e arrepiando as cristas córneas. Moonglum sentiu-se menor que nunca, enquanto os dragões despertavam. Começou a ficar nervoso ante as feras descomunais, conjeturando de que maneira reagiriam à presença de alguém que não era Mestre de Dragões. Depois lembrou-se do extenuado albino e ajoelhou-se ao lado de Elric, tocando-lhe o ombro.

Elric! Estás vivo?

Elric gemeu e tentou virar-se de costas. Moonglum o ajudou a sentar.

Estou fraco, Moonglum... tão fraco que não consigo erguer-me. A trompa tirou toda minha energia!

Puxa a espada... ela te fornecerá a energia de que precisas!

Elric balançou a cabeça.

Seguirei teu conselho, embora duvide de que tenhas razão desta vez. Aquele herói que matei devia não ter alma, ou ela estava bem protegida, pois nada obtive dele.

Elric tateou a cintura e agarrou o punho de *Stormbringer*. Com um esforço tremendo, puxou-a da bainha, sentindo uma ligeira corrente perpassar por ele, porém insuficiente para lhe permitir um grande esforço. Levantou-se e dirigiu-se, aos cambaleios, em direção a Flamefang. O monstro reconheceu-o e agitou as asas à guisa de boas-vindas, enquanto seus olhos firmes e solenes pareciam aquecer-se um pouco. Ao se curvar para lhe acariciar o pescoço, Elric cambaleou e caiu sobre um joelho, levantando-se com dificuldade.

No passado, escravos se incumbiam de selar os dragões, mas agora eles mesmos tiveram de fazê-lo. Escolheram no depósito as selas de que necessitavam, pois cada uma delas se ajustava a apenas uma das feras. Elric mal pôde suportar o peso da sela, cheia de entalhes complicados e incrustações de madeiras, aço, jóias e metais raros. Foi obrigado a arrastá-la pelo chão da caverna. Não querendo deixá-lo embaraçado, os dois companheiros fingiam que não viam seus esforços impotentes e se ocupavam com suas próprias selas. Os dragões devem ter entendido que Moonglum era amigo, pois não se importaram quando ele se aproximou cautelosamente, com sua alta sela de madeira com estribos de prata, e um aguilhão embainhado, semelhante a uma lança, do qual pendia a flâmula de uma família nobre de Melniboné, agora extinta.

Quando acabaram de selar seus animais, foram ajudar Elric, que estava quase a desmaiar de cansaço, encostado no corpo escamoso de Flamefang. Enquanto ajustavam os arreios, Dyvim Storm disse:

Terás força suficiente para nos guiar?

Elric suspirou.

Sim... acho que suficiente. Mas tenho certeza de que minha energia não servirá para a batalha que virá. Deve haver algum meio de eu conseguir vitalidade.

E aquelas ervas que usavas antigamente?

As que eu tinha já perderam suas propriedades e não há mais ervas frescas, agora que o Caos deformou plantas, rochas e até o oceano com sua marca terrível.

Deixando a cargo de Moonglum terminar o trabalho de ajaezar Flamefang, Dyvim Slorm saiu, voltando daí a instantes com uma taça que continha um líquido que ele esperava poder revivificar Elric. O albino tomou o líquido, devolveu a taça a Dyvim Slorm e estendeu a mão para agarrar o cabeço da sela, montando.

Tragam correias — ordenou.

Correias?

Dyvim Slorm franziu a testa.

Sim. Se eu não estiver amarrado à sela, é provável que caia antes de voar um quilômetro.

Elric sentou na sela alta, agarrou com a mão enluvada o aguilhão que trazia seu pendão anil, verde e prata, e esperou até os companheiros chegarem com as correias e prendê-lo firmemente no lugar. Esboçou um sorriso e sacudiu o cabresto do dragão.

Avante, Flamefang, abre caminho para teus irmãos e irmãs!

De asas dobradas e cabeça baixa, o dragão começou a deslizar em direção à saída. Atrás dele, montados em dois outros dragões quase do mesmo tamanho, vinham Dyvim Slorm e Moonglum, com expressões que denotavam preocupação, apreensivos quanto à segurança de Elric. Flamefang movia-se pesadamente através da sucessão de cavernas e todos os outros animais o acompanhavam, até que chegaram à boca da última caverna, que se abria para o mar encapelado. O sol ainda se mantinha na mesma posição, escarlate e inchado, parecendo encher-se ou murchar, de acordo com o movimento do mar. Erguendo a voz num misto de sibilo e berro, Elric bateu no pescoço de Flamefang com o aguilhão.

Vamos, Flamefang! Vamos a Melniboné, em busca da vingança!

Como se sentisse as estranhas mudanças operadas no mundo, Flamefang deteve-se à borda do penhasco, balançando a cabeça e bufando. Então, ao lançar-se ao ar, suas asas começaram a bater, abrindo-se em toda sua envergadura, graciosamente, mas impelindo-o a uma velocidade fantástica.

Para o alto, para o alto, sob o sol tumefato, para o alto, rumo ao espaço tórrido e turbulento, para o alto, em direção ao Oriente, onde esperavam os acampamentos do inferno! Seguindo Flamefang, vinham seus irmãos,

conduzindo Dyvim Slorm e Moonglum, o primeiro trazendo sua trompa, usada para dirigir os dragões. Noventa e cinco deles, machos e fêmeas, escureciam o profundo céu azul, verdes, vermelhos e dourados, com escamas que estalavam e reluziam, asas que batiam e, em uníssono, soavam como milhões de tambores enquanto voavam sobre águas demoníacas, de mandíbulas abertas e olhos frios, gélidos.

Embora Elric visse, com a vista turva, abaixo dele, muitas cores de fabulosa iridescência, todos esses matizes eram escuros e modificavam-se constantemente, saltando de um extremo do espectro para outro. Os dragões não voavam mais sobre águas, e sim sobre um fluido composto de matérias naturais e sobrenaturais, real e abstrato. Dores, saudades, infelicidade e risos constituíam fragmentos tangíveis do oceano turbulento, onde se mesclavam também paixões e frustrações, além de substâncias feitas de carne viva, que vez por outra afloravam à superfície.

Em virtude do seu debilitado estado físico, Elric não suportou contemplar aquele fluido, que lhe repugnava, e voltou os olhos vermelhos para cima e em direção ao Oriente, para onde os dragões se lançavam celere-mente.

Logo estavam sobrevoando a região que fora no passado uma das mais pujantes do Continente Oriental, a importante península vilmiriana. Agora, porém, nenhuma de suas antigas grandezas restava e imensas colunas de uma névoa baça elevavam-se no ar, o que os obrigou a dirigir suas montarias através delas. Ao longe viam-se correntes borbulhantes de lava, formas repelentes que caminhavam pela terra e pelo ar, animais monstruosos e grupos ocasionais de sinistros cavaleiros, montados em esqueletos de cavalos, que cavalgavam rumo aos seus acampamentos, tomados de frenesi.

O mundo se afigurava um cadáver, onde a única vida eram os vermes que dele se alimentavam.

Elric sabia que Jagreen Lern e seus aliados humanos já haviam renunciado à sua condição humana, não podendo mais pretender afinidade com as espécies que suas hordas haviam afugentado e destruído. Os líderes podiam conservar a forma humana, os Senhores das Trevas podiam assumi-la, porém suas almas achavam-se tão adulteradas quanto os corpos dos seus seguidores, transmutados em seres infernais devido à influência metamorfoseadora do Caos. Todas as potestades malignas do Inferno dominavam aquele mundo, onde os dragões se embrenhavam cada vez

mais. Elric oscilava na sela e somente as correias o impediam de cair. Das terras sobre as quais passavam, parecia subir um grito lancinante de dor enquanto a natureza torturada era aviltada e seus componentes moldados à imagem do inferno.

Prosseguiram rumo àquela que fora, no passado, Karlaak no Deserto da Lamentação e que era agora o Acampamento do Caos. Foi então que ouviram, vindo do alto, um grito cavo e formas negras se lançaram contra eles. Elric não teve força sequer para gritar, mas bateu debilmente no pescoço de Flamefang, fazendo o animal desviar-se do perigo. Moonglum e Dyvim Slorm o imitaram. Dyvim Slorm tocou sua trompa, ordenando aos dragões que não se empenhassem em luta com os atacantes. No entanto, alguns dos que se encontravam na retaguarda estavam atrasados e foram obrigados a se virar e combater os negros espectros.

Elric olhou para trás e, por alguns segundos, viu-os desenhados contra o céu, criaturas dilaceradoras com mandíbulas de baleias, em batalha tenaz contra os dragões, que lhes arremessavam sua peçonha em fogo e os despedaçavam com dentes e garras, as asas batendo com força para não perderem altura. Entretanto, outra onda de escura bruma verde cobriu seu campo de visão e ele não pôde ver o resultado da batalha travada pelo punhado de dragões.

Elric fez sinal a Flamefang, para que voasse a baixa altitude, sobre um pequeno exército de cavalarianos que fugiam pela terra calcinada, com o estandarte do Caos — as oito flechas irradiantes — esvoaçando no alto da lança incrustada do chefe. Os dragões desceram, largaram sua peçonha, e Elric teve a satisfação de ver animais e cavaleiros gritar, queimarem-se e morrer, sendo suas cinzas absorvidas pelo terreno em convulsões.

Aqui e ali viam um ou outro castelo gigantesco, recém-edificado por meio de bruxedos, talvez como recompensa a algum rei traidor que tivesse prestado ajuda a Jagreen Lern, talvez como recompensa aos Capitães do Caos que, agora que prevalecia seu reinado, estabeleciam-se na Terra. Mergulharam contra eles, largando a peçonha e deixando-os a arder em meio a incêndios sobrenaturais, as espirais de fumo misturando-se à névoa rala. Finalmente, Elric avistou o Acampamento do Caos: uma cidade acabada de construir da mesma maneira que os castelos, o signo flamejante do Caos destacando-se contra o céu. Todavia, não sentiu qualquer entusiasmo: apenas desespero por se achar tão debilitado que não teria forças para se bater contra seu inimigo Jagreen Lern. Que poderia fazer?

Como lhe seria possível vitalizar-se? Mesmo que não tomasse parte na luta, teria de ter energia suficiente para soprar a trombeta pela segunda vez e chamar os Senhores Brancos à Terra.

A cidade parecia estranhamente silenciosa, como se estivesse à espera ou preparada para alguma coisa. Uma atmosfera pressaga a envolvia e antes de Flamefang chegar ao perímetro da cidade, Elric fez o dragão girar e descrever um círculo.

Dyvim Slorm, Moonglum e os dragões restantes o imitaram. Dyvim Slorm gritou:

E agora, Elric? Não esperava que houvesse aqui uma cidade tão depressa!

Nem eu. Mas olha... — Elric estendeu a mão trêmula, mal podendo erguê-la. — Lá está o estandarte do Tritão de Jagreen Lern. E ali — agora apontava para a esquerda e para a direita — os estandartes de uma vintena de Duques do Inferno! No entanto, não estou vendo estandartes humanos.

Aqueles castelos que destruímos — bradou Moonglum. — Desconfio que Jagreen Lern já dividiu essas terras desgraçadas e as distribuiu aos seus comparsas. Como podemos saber quanto tempo passou realmente... o tempo em que tudo isso pôde ser feito?

É verdade — concordou Elric, olhando para o sol imóvel.

Caiu para a frente na sela, quase desmaiando, equilibrou-se outra vez, ofegando. O Escudo do Caos pesava insuportavelmente em seu braço, mas Elric o mantinha prudentemente diante de si.

Agiu então levado por um impulso e fez Flamefang arremessar-se para a frente, investindo contra a cidade e mergulhando em direção ao castelo de Jagreen Lern.

Nada interveio para detê-lo e Elric fez o animal pousar entre as torres do castelo. Tudo era silêncio. Elric olhou em torno, intrigado, mas nada via além dos gigantescos edifícios de pedra negra, que pareciam derreter sob as patas de Flamefang.

As correias não o deixavam desmontar, mas o que via era suficiente para lhe garantir que a cidade estava deserta. Onde se encontrava a horda do inferno? Onde estava Jagreen Lern?

Dyvim Slorm e Moonglum foram se postar ao seu lado, enquanto os outros dragões faziam círculos no céu. Garras arranharam rochas, asas fenderam o ar e os dragões pousaram, voltando as cabeças imponentes de

um lado para outro, arrepiando as escamas inquietamente. Uma vez despertados do seu sono, os dragões preferiam o ar à terra.

Dyvim Slorm deteve-se apenas por um momento, o suficiente para resmungar:

Vou explorar a cidade.

Logo depois estava voando outra vez entre os castelos. De repente, ouviram-no dar um grito e desaparecer de vista. Alguém soltou um berro, mas não puderam saber o que estava acontecendo. Após uma pausa, o dragão de Dyvim Slorm apareceu no ar, e viram que trazia um prisioneiro dobrado na frente da sela. A criatura que Dyvim Slorm capturara mostrava alguma semelhança com um ser humano, mas tinha o lábio inferior saliente, a testa baixa e não possuía queixo. Dentes enormes, quadrados e desiguais, se projetavam da sua boca e os braços eram cobertos por pêlos ondulantes.

Onde estão teus senhores? — perguntou Dyvim Slorm.

A criatura não demonstrou medo e riu:

Previram que vinhas e, como a cidade prejudica a movimentação, reuniram seus exércitos num planalto que levantaram a oito quilômetros a nordeste. — Virou os olhos dilatados para Elric. — Jagreen Lern enviou saudações e disse que previu tua decepcionante ruína.

Elric sacudiu os ombros.

Dyvim Slorm puxou da espada e abriu a criatura ao meio, que ria ao morrer pois, com o sentimento de medo desaparecera também a sua sanidade mental. Teve uma ligeira convulsão enquanto a alma da criatura misturou-se à sua, transmitindo-lhe uma carga adicional de energia. Depois praguejou e olhou para Elric com tristeza.

Agi impulsivamente... Devia tê-lo dado a ti.

Elric nada respondeu, sussurrando debilmente:

Para o campo de batalha. Depressa!

Subiram novamente para onde estavam os outros dragões, tomando a direção nordeste.

Foi com estupefação que avistaram a horda de Jagreen Lern, pois não conseguiam imaginar como haviam conseguido reagrupar-se tão rapidamente. Todos os diabos e guerreiros do universo pareciam ter-se colocado sob as ordens do Teocrata. A horda espalhava-se como uma moléstia contagiosa na planície ondulada. À sua volta as nuvens se tornavam mais escuras, ainda que relâmpagos, sem dúvida de origem sobrenatural, varassem repetidamente os céus.

A esquadrilha de dragões sobrevoou aquela massa agitada e reconheceu a força comandada pelo próprio Jagreen Lern, pois seu estandarte flutuava sobre ela. Duques do Inferno — entre os quais Malohin, Zhortra e Xiombarg — comandavam outras divisões. Elric notou também que se encontravam ali os três mais poderosos Senhores do Caos. Chardros, o Ceifador, com sua cabeçorra e sua foice recurva; Mabelode, o Sem Rosto, com o semblante sempre na sombra, qualquer que fosse o lado de onde se olhasse; e Slortar, o Velho, esguio e belo, tido como o mais idoso dos deuses. Era uma força da qual mil feiticeiros poderosos teriam dificuldade em se defender e a simples idéia de atacá-la era insensata.

Elric não se deteve a pensar nisso, pois iniciara aquela luta e estava decidido a levá-la ao fim, ainda que, em seu estado, certamente fosse temerário continuar.

A vantagem de atacar pelo ar só duraria enquanto restasse o veneno dos dragões. Quando se esgotasse, teriam de se aproximar mais. Nesse momento, Elric necessitaria de muita energia... e não tinha nenhuma.

Os dragões se precipitaram quase verticalmente, despejando sua peçonha incendiária entre as fileiras do Caos.

Normalmente, nenhum exército seria capaz de resistir àquele ataque. No entanto, protegido pela magia, o Caos pôde livrar-se da maior parte do veneno, que parecia escorrer sobre um escudo invisível e se dissipar. Contudo, parte dele atingiu o alvo. Centenas de guerreiros foram tragados pelas chamas e morreram calcinados.

Os dragões voltaram a subir e mergulharam outra vez, atirando sua letal secreção, enquanto Elric oscilava na sela, quase desmaiado, diminuindo a cada ataque sua consciência do que estava acontecendo.

Sua visão, já fraca, ficou ainda mais prejudicada pela fumaça nauseabunda que começou a se elevar do campo de batalha. Lanças colossais subiam com aparente lentidão, lanças do Caos, semelhantes a raios de relâmpagos ambarinos, que feriam os dragões. Atingidas, as feras urravam e caíam mortas ao chão. A montaria de Elric o levava cada vez mais baixo, até que viu-se voando sobre a divisão comandada pelo próprio Jagreen Lern. Por entre uma névoa, viu de relance o Teocrata montado num cavalo repulsivo e glabro, sacudindo a espada, gargalhando zombeteiramente.

Adeus, Elric! Este é nosso último encontro, pois hoje irás para o limbo!

Elric fez Flamefang girar e murmurou-lhe ao ouvido:  
Aquele, irmão... aquele!

Com um rugido, Flamefang lançou sua peçonha contra o Teocrata. Elric teve a impressão de que Jagreen Lern ficaria torrado, mas no momento exato em que ia tocá-lo, o veneno ricocheteou e apenas algumas gotas atingiram membros do séquito do Teocrata, incendiando suas carnes e suas roupas.

Jagreen Lern continuou a rir e arremessou uma lança âmbar que surgira em sua mão. O dardo voou em linha reta contra Elric e o albino ergueu com dificuldade o Escudo do Caos para desviá-lo.

Tão grande foi a força do raio ao atingir seu escudo que ele foi atirado para trás na sela. Uma das correias que o prendiam rebentou. Elric caiu para o lado esquerdo, sendo salvo apenas pela outra correia. Encolheu-se por trás da proteção oferecida pelo escudo, atingido agora sem cessar por armas sobrenaturais. Também Flamefang se achava na área de proteção do escudo mágico. Entretanto, por quanto tempo mesmo aquele escudo milagroso resistiria a tal ataque?

Elric teve a impressão de ser obrigado a utilizar o escudo por um tempo infinito antes de as asas de Flamefang estalarem no ar como açoites e elevar-se mais alto sobre a horda.

Elric estava morrendo.

A cada minuto, a vitalidade o abandonava como se ele fosse um ancião pronto para a morte.

Não posso morrer — murmurou. — Não posso morrer. Não haverá saída para este dilema?

Flamefang pareceu ouvi-lo. Desceu novamente em direção à horda, baixando até seu ventre escamoso roçar as pontas das lanças. Depois pousou no chão instável e esperou com as asas dobradas um grupo de guerreiros que esporeavam seus cavalos em sua direção.

Que fizestes? — arquejou Elric. — Não posso confiar nem mesmo em ti? Tu me entregaste às mãos dos meus inimigos, Flamefang!

Com enorme esforço, Elric puxou a espada enquanto a primeira lança se chocava contra seu escudo, e o cavaleiro passou, rindo, percebendo sua fraqueza. Outros guerreiros se aproximaram de todos os lados. Debilmente, desferiu uma estocada contra um deles e, de repente, *Stormbringer* assumiu seu próprio controle, corrigindo o golpe. A espada atravessou-lhe o braço e o homem ficou preso a ela, assistindo sua força vital ser sugada

avidamente. Imediatamente Elric sentiu uma ligeira volta de energia, compreendendo que tanto o dragão como a espada o estavam ajudando a obter o vigor de que necessitava. Contudo, a arma conservava para si a maior parte. Havia razão para isso, como Elric percebeu imediatamente, pois a espada continuou a orientar seu braço. Muitos outros cavaleiros encontraram a morte dessa maneira, e Elric começou a sorrir ao sentir voltar ao seu organismo a energia que havia perdido. Aos poucos, sua visão tornou-se mais clara, suas reações se normalizaram e seu estado de espírito melhorou. Depois disso, levou o ataque ao resto da divisão. Flamefang movia-se com uma velocidade incompatível com seu volume. Os guerreiros dispersaram-se e fugiram para se reunirem à força principal. Elric não se importou, pois já corria em suas veias a seiva de uma dúzia deles e isto bastava.

Para o alto, Flamefang! Procuremos nossos inimigos mais poderosos! Obedientemente, o dragão estendeu as asas, que começaram a bater, elevando-o do chão. Daí a pouco, deslizava suavemente sobre a horda.

No meio da divisão do Príncipe Xiombarg, Elric pousou novamente, desmontou e, possuído de energia sobrenatural, arremeteu contra as hostes dos diabólicos guerreiros, invulnerável a seus ataques, que não representavam a força máxima do Caos. A vitalidade crescia, e com ela uma espécie de frenesi guerreiro, que fazia com que ele literalmente cortasse uma passagem à espada, até que avistou o Príncipe Xiombarg em seu disfarce terreno: uma figura feminina, esguia e de cabelos negra. Elric sabia que a forma de mulher não constituía indicação da força física de Xiombarg, mas, sem temor, investiu contra o Duque do Inferno e postou-se diante dele. Xiombarg montava uma alimária com cabeça de leão e corpo de touro.

A voz efeminada de Xiombarg chegou docemente aos ouvidos de Elric.

Mortal, desafiaste muitos Duques do Inferno e baniste outros para os Mundos Superiores. Chamam-te agora Mata-Deuses pelo que ouço dizer. Podes matar-me?

Sabes que nenhum mortal pode matar um dos Senhores dos Mundos Superiores, sejam eles do Caos ou da Lei, Xiombarg. Mas pode, se munido de força suficiente, destruir-lhes a aparência terrena e devolvê-los ao seus próprios planos, para jamais retornarem!

Podes fazer-me isto?

Vejamos! — exclamou Elric, saltando contra o Senhor das Trevas.

Xiombarg achava-se armado com um machado de guerra de cabo

longo, que emitia uma radiação azulada. Empinando a montaria, girou o machado em direção à cabeça desprotegida de Elric. O albino ergueu o escudo, que recebeu o golpe. As duas armas chocaram-se com fragor, fazendo saltar enormes faíscas. Elric aproximou-se e atacou de espada uma das pernas femininas de Xiombarg. Um manto de luz desceu dos quadris do Duque do Inferno, protegendo sua perna, de modo que *Stormbringer* teve seu movimento interrompido abruptamente, magoando o braço de Elric. Mais uma vez o machado atingiu o escudo, com o mesmo efeito anterior, e mais uma vez Elric tentou penetrar a defesa mágica de Xiombarg. Enquanto isso, não cessava o riso escarnekedor do Senhor das Trevas, de doces modulações, mas horrível como o de uma bruxa.

Teu escárnio da forma e da beleza humanas começa a falhar, meu príncipe! — bradou Elric, enquanto recuava por um momento para reunir forças.

O rosto de moça já estava se contorcendo e se modificando. Desconcertado pelo poder de Elric, o Duque do Inferno atirou a montaria contra o albino.

Elric desviou-se e atacou novamente. Desta vez *Stormbringer* latejou em sua mão ao penetrar na defesa de Xiombarg e o Senhor das Trevas gemeu, revidando com outro golpe que Elric quase não conseguiu aparar. Virou sua montaria, girando o machado sobre a cabeça e arremessando-o contra Elric, tencionando atingir-lhe a cabeça.

Elric encolheu-se e levantou o escudo. O machado caiu sobre ele de raspão e rolou sobre o terreno movediço. Elric atirou-se contra Xiombarg, que fazia girar a montaria mais uma vez. Não se poderia dizer de onde, mas o demônio conseguira outra arma, uma enorme espada que tinha a lâmina três vezes mais larga que a de *Stormbringer*. A espada parecia uma aberração nas mãos pequenas e delicadas da moça. E seu tamanho prenunciava algo do seu poder. Elric recuou cautelosamente, notando distraidamente que faltava uma das pernas ao Príncipe do Inferno, substituída por uma mandíbula semelhante à de um inseto. Se ele conseguisse destruir o restante da forma terrena de Xiombarg, lograria bani-lo.

O riso de Xiombarg já perdera seu tom de doçura, tornando-se animalesco. A cabeça de leão urrou em uníssono com a voz do seu amo,

investindo ambos contra Elric. A espada monstruosa subiu e abateu-se contra o Escudo do Caos. Elric caiu de costas, sentindo o terreno mover-se e agitar -se debaixo dele, mas o escudo ainda continuava intato. Elric percebeu os cascos taurinos que tentavam esmagá-lo, arrastou-se para debaixo do escudo, deixando livre apenas o braço que empunhava a espada. Enquanto o animal tentava despedaçá-lo, meteu-lhe a espada na barriga. A lâmina deteve-se por um instante e depois conseguiu atravessar o obstáculo que a impedia, haurindo a energia vital. A vitalidade da fera sobrenatural passou da espada para o homem e Elric sentiu-se como que estonteado por sua qualidade estranha e louca, pois a substância vital de um animal era diferente da de um adversário inteligente. Elric rolou sob o corpanzil do animal e pôs-se de pé enquanto o touro-leão caía, atirando ao chão a forma ainda terrena de Xiombarg.

O Senhor das Trevas pôs-se de pé incontinenti. Seu equilíbrio era instável, prejudicado pelo fato de apenas uma perna ser humana. Xiombarg manquejou rapidamente na direção de Elric, fazendo a espada colossal descrever um traço horizontal que cortaria Elric em dois. O albino, entretanto, revigorado pela energia sugada da estranha montaria de Xiombarg, desviou-se do golpe com um salto e atingiu a espada com *Stormbringer*. As duas armas se chocaram, porém, nenhuma delas cedeu. *Stormbringer* uivou de fúria, pois não estava habituada a tamanha resistência. Elric colocou a borda do escudo sob a espada e forçou-o para cima. Por um instante abriu-se a guarda de Xiombarg e Elric aproveitou a oportunidade metendo a espada no peito do Senhor das Trevas.

Xiombarg gemeu e imediatamente sua forma terrena começou a se dissolver, enquanto a espada servia de ponte que transmitia a energia do deus para Elric. O albino sabia que essa energia representava somente uma parcela mínima da força de Xiombarg no plano terreno e que a maior parte da alma do Senhor das Trevas ainda se encontrava nos Mundos Superiores, pois nem mesmo o mais poderoso desses pequenos deuses era capaz de mobilizar poder para transportar-se totalmente para a Terra. Houvesse Elric tomado para si a totalidade da alma de Xiombarg, seu corpo não conseguiria contê-la e reventaria. No entanto, tão mais poderosa que qualquer alma humana era a força que fluía da chaga aberta por *Stormbringer*, que Elric tornou-se imediatamente dono de uma energia avassaladora.

Xiombarg transformara-se e não era agora mais que um fiapo de luz colorida que começou a se dissipar e, finalmente, desapareceu quando

Xiomberg foi lançado, colérico, de volta ao seu próprio plano.

Elric olhou para cima. Horrorizou-se ao ver que apenas uns poucos dragões ainda sobreviviam. Um deles despencou naquele instante e trazia alguém sobre o dorso. Da distância que estava, não podia ver qual de seus amigos era.

Lançou-se a correr na direção em que o dragão caiu.

Ouviu um estrondo, um lamento estranho, um grito borbulhante. Depois, o silêncio.

Abriu caminho entre os guerreiros do Caos, e nenhum deles conseguiu atrasá-lo, até que por fim chegou ao dragão caído. Havia um corpo despedaçado no chão, porém não se via sinal da espada mágica. Desaparecera.

Era o corpo de Dyvim Slorm, o último dos seus parentes.

Não havia tempo para prantos. Elric, Moonglum e a vintena de dragões, ou nem isso, que restavam, não seriam capazes de derrotar a força reunida por Jagreen Lern, que praticamente não fora reduzida pelo ataque. De pé ao lado do corpo do seu primo, Elric levou a Trompa do Destino aos lábios, respirou profundamente e soprou. A nota clara e melancólica do instrumento pairou sobre o campo de batalha, como que se espalhando em todas as direções, através de todas as dimensões do cosmo, através de todas as miríades de planos e existências, através de toda a eternidade, até os confins do universo e do próprio Tempo.

A nota levou longo tempo a silenciar e, ao morrer finalmente, sobreveio um silêncio absoluto sobre o mundo, toda a vida fervilhante se imobilizou e houve uma pausa de expectativa.

E então chegaram os Senhores Brancos.

## **Capítulo 5**

Foi como se um sol imensurável, milhares de vezes maior que o da Terra, houvesse mandado um raio de luz pulsando através do cosmo, desafiando as barreiras frágeis do Tempo e do Espaço, para atingir o grande e negro campo de batalha. E por aquele raio, a trilha que o estranho poder da trombeta criara para eles, caminhavam majestosamente os Senhores da Lei, com formas terrenas tão belas que representavam um desafio para a sanidade de Elric, pois sua mente mal conseguia absorver aquela visão. Ao contrário dos Senhores do Caos, desprezavam montarias bizarras, e preferiam caminhar a pé, formando um grupo magnífico, com suas armaduras claras como cristal e seus mantos ondulantes que exibiam a Flecha da Lei.

À testa do grupo vinha Donblas, o Justiceiro, com um sorriso nos lábios perfeitos. Trazia uma espada fina na mão direita, uma espada reta e afiada, parecendo ela própria um feixe de luz.

Elric moveu-se rapidamente, correndo para onde Flamefang o aguardava, exortando o réptil gigantesco a se elevar no ar carregado de lamentações.

O dragão movia-se com menos facilidade que antes, porém Elric não sabia se atribuir isso ao cansaço ou a uma influência da Lei sobre o animal que, afinal de contas, era uma criação do Caos.

Ainda assim, por fim conseguiu voar ao lado de Moonglum e, olhando em torno, percebeu que os dragões restantes haviam feito uma volta e se dirigiam para o Ocidente. Somente suas próprias montarias permaneciam no campo de batalha. Talvez os dragões houvessem adivinhado que seu papel chegara ao fim e estivessem voltando à Caverna para dormir novamente.

Elric e Moonglum trocaram olhares, porém nada disseram, pois o que viam lá embaixo era demasiado assombroso.

Uma luz, branca e ofuscante, irradiava-se dos Senhores da Lei. O raio que lhes servira de passagem desaparecera, e eles se puseram a caminhar para o ponto onde se haviam reunido Chardros, o Ceifador, Mabelo- de, o Sem Rosto, e Slortar, o Velho, prontos para o grande combate.

À medida que os Senhores Brancos passavam pelos chefetes do Inferno e pelos homens corrompidos que os serviam, essas criaturas recuavam aos gritos, caindo por terra assim que a radiação os tocava. A escória estava sendo eliminada sem esforço. Mas restava ainda o choque contra a

força principal, os Duques do Inferno e Jagreen Lern.

Muito embora os Senhores da Lei não fossem mais altos que os seres humanos, era como se os esmagassem e até Elric, que voava alto, sentiu-se minúsculo, pouco maior que uma mosca. A sensação era criada não tanto pelo tamanho dos Príncipes Brancos mas pela implicação de vastidão que pareciam trazer com eles.

As asas de Flamefang batiam faticamente, circulando sobre a cena. À sua volta, as cores eram escuras substituídas agora por nuvens de tons mais claros e mais suaves.

Os Senhores da Lei chegaram ao ponto onde estavam reunidos seus antigos inimigos, e Elric ouviu a voz do Senhor Donblas.

Vós, do Caos, desafiastes o edito do Equilíbrio Cósmico e procurastes total domínio sobre este planeta. O Destino vos nega isto, pois a vida na Terra acabou e deve ser ressuscitada sob uma nova forma em que vossa influência será fraca.

Ouviu-se uma voz zombeteira e suave entre as fileiras do Caos. Era a voz de Slortar, o Velho.

Grande é a tua presunção, irmão! O destino da Terra ainda não foi decidido. Essa decisão resultará de nosso encontro... e de nada mais. Se vencermos, dominará o Caos. Se tiverdes êxito em nos banir, então a medíocre Lei, isenta de possibilidades, assumirá o comando. Mas venceremos nós, ainda que o próprio Destino não o queira!

Então, acertemos as coisas! — respondeu o Senhor Donblas e Elric viu os luminosos Senhores da Lei avançarem para seus sinistros antagonistas.

O próprio céu se agitou quando entraram em luta. O ar clamou e a terra pareceu inclinar-se. Os seres menos graduados que ainda permaneciam vivos fugiram espavoridos do conflito e dos deuses em combate começou a emanar um som semelhante a um milhão de tangentes cordas de harpa, cada uma ferindo uma nota que variava sutilmente.

Elric viu Jagreen Lern, em sua flamejante armadura escarlate, deixar as fileiras dos Duques do Inferno e abandoná-los. Talvez compreendesse que sua impertinência seria em breve paga com a morte.

Elric fez Flamefang precipitar-se em direção ao solo e puxou *Stormbringer*, gritando pelo nome do Teocrata e o desafiando.

Jagreen Lern olhou para cima, mas não riu desta vez. Aumentou o passo da sua montaria, e daí a pouco percebeu, como Elric já notara, para onde corria. Mais adiante, a Terra se transformara numa massa de gás negro e arroxeadado que dançava freneticamente, como se tentasse libertar-se do resto da atmosfera. Jagreen Lern deteve seu cavalo glabro e tirou da cinta seu machado de guerra. Levantou o escudo vermelho-sangue que, tal como o de Elric, era protegido contra armas sobrenaturais.

O dragão mergulhou em direção ao solo, fazendo com que Elric ofegasse com a velocidade da descida. Pousou a alguns passos do ponto onde Jagreen Lern se mantinha sentado em seu horrível cavalo, esperando, filosoficamente, o ataque de Elric. Talvez o Teocrata pressentisse que a luta entre eles refletiria o combate maior que se travava nas proximidades, que o resultado de um dos conflitos espelharia o do outro. Fosse como fosse, Jagreen Lern não se entregou às suas habituais fanfarronadas, esperando em silêncio.

Não se importando com uma possível vantagem de que Jagreen Lern pudesse desfrutar, Elric desmontou e falou ao dragão com afeto.

Agora, Flamefang, vai. Junta-te aos teus irmãos. Aconteça o que acontecer, quer eu vença, quer seja derrotado, teu papel terminou. — Enquanto o dragão se mexia e virava a cabeça enorme para olhar Elric de frente, desceu outro, pousando perto dali. Moonglum também desmontou, pondo-se a caminhar através da névoa negra e arroxeadada. — Não quero ajuda nisto, Moonglum! — gritou-lhe Elric.

Não te darei nenhuma. Mas meu prazer será assistir à morte desse indivíduo.

Elric olhou para Jagreen Lern, cuja fisionomia ainda se mantinha impassível.

As asas de Flamefang bateram e ele se elevou aos céus, logo desaparecendo, seguido pelo outro dragão. Nunca mais voltariam.

Elric caminhou na direção do Teocrata, com o escudo erguido e a espada pronta. Então, estupefato, viu Jagreen Lern desmontar de seu próprio cavalo grotesco, bater-lhe na anca nua e mandá-lo embora a galope.

Pôs-se à espera, ligeiramente encolhido, numa posição que enfatizava sua corpulência. Tinha os músculos retesados e os olhos fixos em Elric, enquanto o albino se aproximava. Um sorriso dúbio de antecipação brincou nos lábios do Teocrata e seus olhos piscaram.

Elric fez uma pausa pouco antes de chegar ao alcance da espada do inimigo.

Jagreen Lern, estás pronto para pagar pelos crimes que cometeste contra mim e contra o mundo?

Pagar? Crimes? Tu me surpreendes, Elric, pois vejo que assimilaste inteiramente o comportamento mesquinho dos teus novos aliados. Para minhas conquistas foi necessário que eu eliminasse alguns amigos teus que tentaram me prejudicar. Mas isso era de se esperar. Fiz o que tinha de fazer e o que pretendia... e se fracassei, de nada me arrependo, pois o arrependimento é sentimento de insensatos e sempre inútil, a qualquer título. O que aconteceu à tua mulher não foi de forma alguma por culpa direta minha. Terás triunfado se me matares?

Elric balançou a cabeça.

Na verdade, minhas perspectivas mudaram, Jagreen Lern. Contudo, nós, de Melniboné, sempre fomos uma gente vingativa... e o que desejo é vingança!

Ah, agora te compreendo. — Jagreen Lern mudou de posição e ergueu o machado, assumindo uma atitude ofensiva. — Estou pronto.

Elric saltou contra ele, com *Stormbringer* uivando no ar, para ir se chocar contra o escudo e se abater sobre ele novamente. Desferiu três golpes antes que o machado de Jagreen Lern encontrasse uma brecha em sua defesa. Elric defendeu-se com um movimento lateral do Escudo do Caos e a acha conseguiu apenas roçar seu braço, perto do ombro. O escudo de Elric chocou-se contra o de Jagreen Lern, e o albino tentou jogar seu peso contra ele e empurrar o Teocrata para trás, enquanto desferia estocadas em volta dos escudos unidos, procurando penetrar a guarda de Jagreen Lern.

Por alguns momentos permaneceram nessa posição, enquanto a música da batalha soava em volta deles e o chão parecia se esfacelar sob seus pés. Colunas de cores fulgurantes irrompiam, como plantas mágicas, de todos os lados. Jagreen Lern deu um salto para trás e atacou Elric. O albino avançou, esquivou-se e atirou um golpe contra a perna do Teocrata, perto do joelho, errando. O machado voou de cima para baixo, obrigando Elric a pular para

um lado. Desequilibrando-se ele próprio com a força do golpe, Jagreen Lern cambaleou, enquanto Elric punha-se de pé e chutava as costas do Teocrata. O homem caiu esparramado, soltando tanto o machado como o escudo. Tentava fazer muitas coisas ao mesmo tempo e nada conseguia. Elric pôs o calcanhar sobre a nuca do Teocrata e prendeu-o ao chão, com *Stormbringer* parando cupidamente sobre o inimigo deitado.

Jagreen Lern virou-se de costas para poder olhar Elric de frente. Tornara-se subitamente pálido e seus olhos estavam fixos na espada infernal, enquanto falava a Elric, com voz surda.

Acaba comigo agora. Não há lugar para minha alma em toda a eternidade... não há mais. Tenho de ir para o limbo... por isso, acaba comigo.

Elric estava prestes a permitir que *Stormbringer* mergulhasse no peito do prostrado Teocrata, quando deteve a arma, encontrando dificuldade para impedir que ela tomasse sua presa. A espada como que retesou-se de frustração e sacudiu-se em sua mão.

Não — disse ele lentamente. — Nada quero de ti, Jagreen Lern. Eu não poluiria minha alma, alimentando-a com a tua. Moonglum! — Seu amigo aproximou-se correndo. — Moonglum, dá-me tua espada.

O pequeno oriental obedeceu em silêncio. Elric embainhou *Stormbringer*, que ainda resistia, dizendo-lhe:

Por que isto? Esta é a primeira vez que te impeço de te alimentares. O que farás agora?

Depois pegou a espada de Moonglum, passou-a pelo rosto de Jagreen Lern, abrindo um corte longo e profundo que lentamente começou a encher-se de sangue.

O Teocrata gritou.

Não, Elric... Mata-me!

Com um sorriso vazio, Elric cortou a outra face. Com o rosto ensanguentado se contorcendo, Jagreen Lern suplicava a morte, porém Elric continuou a sorrir seu sorriso vago e ausente, dizendo:

Procuraste imitar os Imperadores de Melniboné, não? Zombaste de Elric, daquela linhagem, torturaste-o e sequestraste sua mulher, a quem deste uma forma infernal, tal como deformaste o resto do mundo. Mataste os amigos de Elric e o desafiaste com tua impertinência. Mas nada és... és um simples serviçal, o que Elric jamais aceitou ser. Agora, homúnculo, vê

como a gente de Melniboné se divertia com tais presunçosos nos tempos em que dominava o mundo!

Jagreen Lern levou uma hora para morrer, e mesmo assim porque Moonglum pediu a Elric que terminasse logo com ele.

Elric devolveu a Moonglum sua espada tinta de sangue, depois de limpá-la com um pedaço de pano que fora parte do manto do Teocrata. Olhou para o corpo mutilado e empurrou-o com o pé. Depois olhou para o campo de batalha, onde os Senhores dos Mundos Superiores ainda combatiam.

Elric estava debilitado pela luta e também pela perda de energia que experimentara ao forçar *Stormbringer* de volta à sua bainha, mas esqueceu-se disso ao fitar com assombro a batalha colossal.

Tanto os Senhores da Lei como os do Caos haviam-se tornado enormes e nebulosos, enquanto sua massa terrena diminuía e continuavam a lutar em sua forma humana. Assemelhavam-se a gigantes semi-reais, que combatiam agora por toda parte: sobre a Terra e acima dela. Longe, na fímbria do horizonte, Elric viu Donblas, o Justiceiro, engalfinhado com

Chardros, o Ceifador, seus contornos tremeluzindo e se espalhando, o fino espadim dardejando e a enorme foice volteando no ar.

Incapazes de participar da luta, incertos quanto ao lado que venceria, Elric e Moonglum puseram-se a assistir, enquanto aumentava a intensidade da batalha e, com ela, a lenta dissolução da manifestação terrena dos deuses. A luta já não se travava meramente na Terra, mas parecia ocorrer através de todos os planos do cosmo. Como se acompanhando a transformação da pugna, a Terra parecia perder sua forma, até que Elric e Moon- glum se viram mesclados ao rodopio de ar, fogo, terra e água.

A Terra dissolveu-se. .. mas os Senhores dos Mundos Superiores ainda combatiam sobre ela.

Restava apenas a substância da Terra, mas amorfa. Seus componentes ainda existiam, porém não se decidira sua nova forma. A luta prosseguia. Os vencedores teriam o privilégio de dar nova configuração à Terra.



## Capítulo 6

Por fim, embora Elric não percebesse como, a escuridão turbulenta deu lugar à luz e sobreveio um ruído — um estrondo cósmico de ódio e frustração — que fez Elric compreender que os Senhores do Caos haviam sido derrotados e banidos. Vitoriosos os Senhores da Lei, o plano do Destino se cumprira, embora ainda fosse necessária a última nota da trompa para dar-lhe a conclusão exigida.

E Elric compreendeu que não lhe sobraria a energia necessária para tocar o instrumento pela terceira vez.

Em volta dos dois amigos, o mundo voltava a assumir uma forma perceptível. Viram-se de pé numa planície rochosa. À distância, elevavam-se os picos esguios das recém-formadas montanhas, púrpuras contra um céu suave.

A Terra começou então a mover-se. Girava cada vez mais depressa, o dia dando lugar à noite com incrível rapidez, e depois começou a retardar seu rodopio até o sol tornar-se quase imóvel no céu, movendo-se a uma velocidade quase igual à costumeira.

A transformação se consumara. A Lei prevalecia agora, porém os Senhores Brancos haviam partido sem agradecimentos.

E conquanto a Lei prevalecesse, não poderia haver progresso antes que a trompa soasse pela última vez.

Então, acabou-se — murmurou Moonglum. — Tudo desaparecido... Elwher, minha terra natal, Karlaak do Deserto da Lamentação, Baks- laan, Tanelorn... até mesmo a Cidade Sonhadora e a Ilha de Melniboné. Já não existem mais, nem podem ser recuperadas. E este é o novo mundo formado pela Lei. É muito parecido com o antigo.

Também Elric acha-se tomado por um sentimento de perda, sabendo que todos os lugares que lhe eram familiares, inclusive os próprios continentes, não existiam mais, substituídos por novos. Era algo semelhante

à perda da infância e talvez fosse exatamente isso: o findar da infância do mundo.

Elric afastou o pensamento e sorriu.

Preciso tocar a trompa pela última vez, para que comece a nova vida da Terra. No entanto, não tenho forças para isto. Será possível que o Destino tenha de ficar inconcluso?

Moonglum olhou-o de maneira estranha.

Espero que não, amigo.

Elric suspirou.

Somos os últimos que restam, Moonglum, tu e eu. É bem característico que os fatos prodigiosos que sucederam não tenham abalado nossa amizade, não nos tenham separado. És o único amigo cuja companhia não me aborreceu, o único em quem confiei.

Os lábios de Moonglum se abriram numa sombra do seu velho sorriso de mofa.

E nas aventuras que compartilhamos, geralmente saí com lucro, mesmo quando não pudesses dizer o mesmo. Nosso relacionamento foi complementar. Nunca saberei dizer por que decidi compartilhar teu destino. Talvez a resolução não tenha sido minha e sim do Destino, pois há um ato final de amizade que ainda posso realizar...

Elric já ia interrogar Moonglum quando ouviu uma voz macia às suas costas.

Trago duas mensagens. Uma é de agradecimento dos Senhores da Lei... e a outra é de uma entidade mais poderosa.

Sepiriz! — Elric voltou-se para encarar seu mentor. — Bem, estás satisfeito com meu trabalho?

Sim... imensamente. — Sepiriz tinha o rosto tristonho e fitava Elric com expressão de infinita compaixão. — Realizaste tudo, menos o ato final, que consiste em tocar a Trompa do Destino pela terceira vez. Graças a ti, o mundo conhecerá agora o progresso e seus novos habitantes terão oportunidade de avançar gradualmente para um novo estado do ser.

Mas qual é o significado de tudo isto? — indagou Elric. — Eis uma coisa que nunca compreendi.

Quem pode compreender? A quem é dado saber por que existe o Equilíbrio Cósmico, por que existe o Destino e os Senhores dos Mundos Superiores? Parece haver uma infinidade de espaço, de tempo e de possibilidades. É possível que haja um número infinito de seres, uns

colocados sobre os outros, que vislumbram o sentido final, ainda que, tratando-se de um infinito, não seja possível a existência de um sentido final. Talvez tudo seja cíclico e este mesmo acontecimento venha a repetir-se sempre e sempre, até que o universo se desgaste e se dissolva, como se dissolveu o mundo que conhecíamos. Sentido, Elric? Não o procures, pois no fim do caminho só encontrarás a loucura.

Não há significado, não há propósito! Então, por que sofri tudo isto?

É possível que mesmo os deuses busquem o significado e o propósito e que isto seja apenas uma tentativa na procura. Vê... — Sepiriz abanou as mãos, num gesto que abarcava toda a Terra recém-formada. — Tudo isto é novo e moldado pela lógica. Talvez a lógica comande os novos homens, talvez sobrevenha um fator que a destrua. Os deuses experimentam, o Equilíbrio Cósmico guia o destino da Terra, os homens se esforçam e atribuem aos deuses o conhecimento do motivo pelo qual se esforçam... mas saberão realmente os deuses?

Tu me perturbas ainda mais, a mim que esperava ser confortado — suspirou Elric. — Perdi minha mulher e meu mundo... e não sei por quê.

Sinto muito. Vim para despedir-me de ti, amigo. Faz o que deves.

Sim. Ver-te-ei outra vez?

Não, pois ambos estamos na verdade mortos. Nossa época passou.

Dir-se-ia que Sepiriz girou no ar, desaparecendo a seguir.

Seguiu-se um frio silêncio.

Por fim, os pensamentos de Elric foram interrompidos por Moon-glum.

Tens de tocar a trompa, Elric. Quer isto signifique nada ou muito, deves tocá-la e terminar essa missão para sempre.

Mas como? Mal tenho forças para me manter de pé.

Resolvi o que deves fazer. Mata-me com *Stormbringer*. Toma em ti minha alma e minha vitalidade... depois terás forças suficientes para fazer soar o último toque de trompa.

Matar-te, Moonglum! O único que resta... meu único amigo verdadeiro? Deliras!

Falo seriamente. Tens de fazê-lo, pois não há outra solução. Além disso, seja como for, não há lugar para nós aqui e cedo morreremos. Tu me contaste como Zarozínia deu-te sua alma... Bem, toma também a minha!

Não posso.

Moonglum caminhou na direção dele e inclinou-se para segurar o punho de *Stormbringer*, puxando-a até a metade da bainha.

Moonglum, não!

Entretanto, a espada já saltara da bainha por seu próprio arbítrio. Elric afastou a mão de Moonglum com um tapa e agarrou o punho da arma. Mas não conseguiu detê-la. A espada ergueu-se, arrastando seu braço, pronta para desfechar um golpe.

Moonglum permanecia de pé, com os braços caídos e o rosto sem expressão, embora Elric percebesse um assomo de medo em seus olhos. Lutava por controlar a espada, mas sabia que era impossível.

Que ela faça seu trabalho, Elric.

A espada lançou-se para a frente e perfurou o coração de Moonglum. O sangue começou a escorrer, cobrindo a lâmina. Os olhos do oriental se embaçaram e encheram-se de horror.

Ah, não... eu... não... esperava *isto!*

Petrificado, Elric não conseguia arrancar a espada do peito do amigo. A energia de Moonglum começou a fluir ao longo dela e penetrar em seu corpo, mas mesmo depois de toda a vitalidade do pequeno oriental ser absorvida Elric continuou a contemplar o cadáver, até as lágrimas escorrerem dos seus olhos carmezins e um imenso soluço sacudi-lo. A lâmina soltou-se então.

Elric atirou-a para longe de si. Contudo, a espada não retiniu no terreno rochoso, caindo como cairia um corpo. Depois foi como se ela se movesse em sua direção, parando, e Elric suspeitou de que a arma o vigiava.

Pegou a trompa e a levou aos lábios. Feriu a nota para anunciar a noite da nova Terra. A noite que antecederia a nova alvorada. E embora a nota da trompa fosse triunfante, Elric não sentia qualquer exultação. Apoderou-se dele uma solidão e tristeza infinitas, enquanto a nota continuava a ressoar. E quando aquela nota jubilosa se transformou num eco agonizante, que expressava algo da angústia de Elric, um contorno portentoso começou a formar-se no céu acima da terra, como se convocado pelo instrumento.

Era o contorno de uma mão gigantesca que segurava uma balança e, enquanto ele olhava, a balança começou a endireitar-se até que os dois pratos se igualaram.

Por algum motivo, aquilo aliviou a aflição de Elric, que afrouxou seu aperto em volta da trompa.

Ali está *alguma coisa*, pelo menos — disse consigo mesmo. — E mesmo que se trate de uma ilusão é uma ilusão confortadora.

Virou a cabeça para um lado e viu a espada deixar o chão, voar no ar e depois investir contra ele.

*Stormbringer!* — exclamou.

A espada forjada no inferno atingiu-lhe o peito. Elric sentiu o toque gélido da lâmina em seu coração, estendeu as mãos para agarrá-la, sentiu o corpo em constrictões, sentiu aquela lâmina sugar sua alma das profundidades mais remotas do seu ser, sentiu toda sua personalidade ser arrastada para a arma encantada. Percebeu, enquanto sua vida se esvaía para se fundir com a da espada, que sempre fora seu destino morrer dessa maneira. Com a espada, matara amigos e amadas, roubara-lhes as almas para nutrir seu próprio organismo combalido. Era como se a espada sempre o houvesse usado, e não o contrário, como se ele fosse apenas uma manifestação de *Stormbringer*, e estivesse sendo agora restituído ao corpo da lâmina, que jamais fora uma verdadeira espada. E ao agonizar chorou novamente, por saber que a fração da alma da espada que era a sua alma nunca conheceria o repouso, estando condenada à imortalidade.

Elric de Melniboné, o último da estirpe dos Imperadores Brilhantes, gritou e depois seu corpo desabou, uma casca vazia ao lado do corpo do seu companheiro, e ali ficou, sob a prodigiosa balança que ainda pairava nos céus.

A forma de *Stormbringer* começou então a mudar, contorcendo-se e dobrando-se sobre o corpo do albino, para enfim se colocar sobre ele.

A entidade que era *Stormbringer*, última manifestação do Caos que haveria de permanecer neste mundo enquanto ele crescesse, olhou para o cadáver de Elric de Melniboné e sorriu.

— Adeus, amigo. Fui mil vez mais maligno que tu!

E então saltou da Terra e precipitou-se como um dardo para o alto, sua voz selvagem escarnecendo da Balança Cósmica, enchendo o universo com sua alegria sacrílega.

-FIM-



